



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
SERGIO AROUCA
ENSP

“A análise da relação trabalho e saúde na atividade dos bombeiros militares do Rio de Janeiro”

por

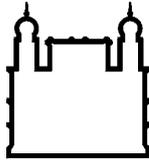
Katia Maria Oliveira de Souza

Tese apresentada com vistas à obtenção do título de Doutor em Ciências na área de Saúde Pública.

Orientadora principal: Prof.^a Dr.^a Marta Pimenta Velloso

Segunda orientadora: Prof.^a Dr.^a Creuza da Silva Azevedo

Rio de Janeiro, julho de 2013.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
SERGIO AROUCA
ENSP

Esta tese, intitulada

“A análise da relação trabalho e saúde na atividade dos bombeiros militares do Rio de Janeiro”

apresentada por

Katia Maria Oliveira de Souza

foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Dr.^a Maria Beatriz Lisboa Guimarães

Prof. Dr. Ubirajara Aluizio de Oliveira Mattos

Prof.^a Dr.^a Simone Santos Silva Oliveira

Prof. Dr. Carlos Machado de Freitas

Prof.^a Dr.^a Marta Pimenta Velloso – Orientadora principal

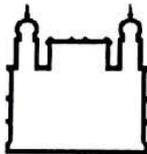
Tese defendida e aprovada em 09 de julho de 2013.

Catálogo na fonte
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica
Biblioteca de Saúde Pública

S729 Souza, Kátia Maria Oliveira de
A análise da relação trabalho e saúde na atividade dos
bombeiros militares do Rio de Janeiro. / Kátia Maria Oliveira
de Souza. -- 2013.
152 f.

Orientador: Velloso, Marta Pimenta
Azevedo, Creuza da Silva
Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública
Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2013.

1. Bombeiros. 2. Psicologia. 3. Engenharia Humana.
4. Saúde do Trabalhador. I. Título.
CDD – 22.ed. – 363.11098153



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



AUTORIZAÇÃO

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, por processos fotocopiadores.

Rio de Janeiro, 09 de julho de 2013.

Katia Maria Oliveira de Souza

/Fa

Aos meus pais...

Agora sem vocês.

(In memória)

AGRADECIMENTOS

Agradeço infinitamente aos meus amados pais, operários brasileiros - estivador do Cais do Porto e passadeira de roupas - que mesmo diante das dificuldades cumpriram com louvor a complexa missão de educar e instruir. Muito obrigada, aos dois, que comemoraram e se orgulharam do meu ingresso no doutorado, mas não tiveram a felicidade de finalmente ver a única filha doutora.

Sinceros agradecimentos à Dra. Marta Pimenta Velloso, orientadora e incentivadora de todos os caminhos percorridos para a realização deste estudo.

Agradecimentos especiais à Dra. Creuza Azevedo que no papel de coorientadora mostrou-me com firmeza e doçura como traçar o caminho escolhido.

A Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que possibilitou a realização do estágio no exterior (Portugal) junto à Universidade do Porto, na Faculdade de Ciências da Educação e Psicologia, durante este doutorado.

À Dr.^a Marta Santos pelo acolhimento, leituras e recomendações preciosas para a construção de *papers* relativos ao marco teórico deste estudo.

Aos doutores Ricardo Vasconcelos e Marianne Lacomblez que possibilitaram a minha participação nas disciplinas lecionadas por eles, na Faculdade de Ciências da Educação e Psicologia na Universidade do Porto – Portugal.

Aos amigos portugueses e brasileiros que conheci durante o estágio no exterior, em especial os brasileiros Francisco Norberto, Eliane Vianna, Suzilaine Sbroglia, e a família Oliveira. Estas pessoas tornaram os dias longe do Brasil mais agradáveis.

Ao Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro, CBMERJ – pela abertura e acolhimento, em permitir que os dados deste estudo fossem colhidos. Agradeço em especial aos militares entrevistados, que com suas narrativas tornaram os resultados mais preciosos do que eu poderia imaginar.

Ao Instituto Fernandes Figueira (IFF), lugar onde aprendi a ser a profissional que hoje sou. Meus agradecimentos aos diretores Dr^o. José Augusto Alves Britto e Dr. Carlos Maurício de Paulo Maciel, gestores que incentivaram o meu crescimento profissional, sem impor restrições.

Agradeço a chefia do Serviço de Psicologia Médica – COJ, e aos meus companheiros de trabalho. Estas pessoas formam uma equipe a qual faz parte da minha vida, por muitos anos, dentro e fora do expediente.

Uma lembrança especial ao Núcleo da Saúde do Trabalhador do IFF, onde fui estimulada a perceber que entre o trabalho e a saúde, existe uma dimensão de conhecimento infinita. Registro aqui, para Eliane Pinheiro, Elaine Yuan e Ângela Pires, o meu muito obrigado pelo reconhecimento e valor dispensado aos profissionais da saúde mental. Colaborar com o trabalho de vocês será sempre um prazer.

Ao meu único filho, que vi adolecer nestes quatro anos, que sempre foi o meu estímulo e maior motivação. Quero deixar o exemplo e a lição de que os caminhos árduos e desiguais não são suficientes o bastante, para nos impedir de alcançar nossos objetivos.

Por fim, aos amigos de toda natureza, que com os gestos e as palavras de ânimo, ajudaram-me a resistir às perdas de entes queridos ocorridas no período do doutorado. A todos que me auxiliaram, direta ou indiretamente, a permanecer de pé para concluir este feito.

É fácil trocar as palavras,
Difícil é interpretar os silêncios!
É fácil caminhar lado a lado,
Difícil é saber como se encontrar!
É fácil beijar o rosto,
Difícil é chegar ao coração!

Fernando Pessoa

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar a dinâmica trabalho e saúde na atividade dos bombeiros militares de uma Corporação na cidade do Rio de Janeiro. Como foco de investigação privilegiamos as narrativas relativas ao cotidiano dos trabalhadores, levando em consideração o cenário encontrado na ocasião da pesquisa. Para marco teórico-conceitual foram selecionados os aportes da psicodinâmica do trabalho, da ergologia, da clínica da atividade e da psicossociologia. A perspectiva metodológica foi situada no âmbito da pesquisa qualitativa de natureza exploratória. Utilizamos a abordagem das histórias de vida, guiada por um roteiro, juntamente com a aplicação de um pequeno questionário, o qual registrou alguns dados mais objetivos. Os sujeitos da pesquisa compuseram um grupo de 20 (vinte) bombeiros de diversas patentes militares. A análise dos resultados foi organizada em três grandes seções com os seus respectivos desdobramentos – 1) Contextualização do cenário de atividade; 2) Narrativas profissionais de três bombeiros militares e por último – 3) A realidade de ser bombeiro. A aproximação do cenário, vivido pelos bombeiros militares, permitiu o exame das situações que foram vivenciadas em um momento de tensão no campo das negociações por direito à saúde e ao trabalho. Em função desta pauta, analisamos os depoimentos dos trabalhadores à luz do marco teórico-conceitual proposto e neste mesmo percurso foi possível fazer emergir os aspectos que, em decorrência da natureza da atividade, exercem impactos na saúde dos profissionais. Por tratar de uma atividade cujo principal objetivo é salvar vidas e bens, os profissionais trabalham sob um clima de tensão e risco à própria vida. Contudo, concluímos diante dos resultados do estudo que, embora os bombeiros militares estabeleçam correlações entre o trabalho e a saúde, a categoria ainda não possui dispositivos coletivos para minimizar os efeitos deletérios da prática de trabalho constituídos desta relação.

Palavras-Chaves: Bombeiros militares; Psicodinâmica do Trabalho; Ergologia;
Clínica da Atividade; Saúde do Trabalhador.

SUMMARY

The objective of this research is analyze the work dynamic and health of the military firemen activity of a fire station in Rio de Janeiro. The aim of the investigation was taken inconsideration the daily routine of the workers; it also took into consideration the scene at the moment of the research occasion. As landmark concept were selected the concept of the activity in different approaches: work psychodynamics, ergology, clinical of activity and psychosociology. The methodological perspective was based on quality research of natural exploration. It used the approach of life stories guided by a script, and the application of a short questionnaire that recorded some more objective data. This research was composed by a group of 20 (twenty) firemen of several military patent. The analysis result was organized in three big sections with its respective solutions – 1) Scenery contents of the activities; 2) professional narratives of three military firemen and at last 3) reality of being a fireman. The scenery approach lived by military fireman allowed the exam of situation that they went through at a moment of tension at the negotiation fields for the right of health and work. Having this guidelines as function, it was analyzed the testimony of workers by the light of the theoretical concept landmark proposed in this same path was possible to make surface the aspects that due the nature of the activity impacts the health of the professionals. Once it is mentioning an activity which mainly objective is to save life and protect properties, the professionals work under pressure and risking their own lives. Nevertheless, it is concluded based on the research results that although the military firemen establish relationship between work and health, the category does not have collective devices to minimize the deleterious effects of the practice of work built from this relation.

Key - words: Military Fireman; Work Psychodynamic; Ergology; Psychosociology;
Clinic of activity; Worker's health.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 - A HISTÓRIA DOS BOMBEIROS -	19
1.1 - Primeiros registros	19
1.2 - Século XIX - Tempos de Criação	20
1.3 - Século XX - Tempos de Evolução	22
1.4 - Século XXI – Organização atual	24
1.5 - Bombeiros Voluntários - outra face da História.....	28
CAPÍTULO 2 - SAÚDE E TRABALHO -	33
2.1 - Trabalho e Saúde Mental.....	33
2.2 - Trabalho e Saúde do Bombeiro Militar.....	36
CAPÍTULO 3 - O CONCEITO DE ATIVIDADES EM DIFERENTES PERSPECTIVAS -	41
3.1 - Atividade no Campo da Ergonomia.....	41
3.2 - Atividade no Campo da Ergologia.....	42
3.3 - Atividade no Campo da Clínica da Atividade.....	46
3.4 - Atividade e Saúde no Campo da Psicodinâmica do Trabalho	49
3.5 - Atividade - uma leitura das relações entre os sujeitos e organização –	55
Visão da Psicossociologia Francesa	55
CAPÍTULO 4 - PERCURSO METODOLÓGICO -	63
4.1 Natureza do estudo	64
4.2 - Trabalho com Fotos.....	66
4.3 - Histórias de Vida.....	68
4.4 - Questionário complementar	71
4.5 - Questões Éticas	73

CAPÍTULO 5 - RESULTADOS E DISCUSSÃO -	74
5.1 - Atividade e contextualização do cenário real.....	74
5.1.1 - Os Movimentos Reivindicatórios	75
5.1.2 - Ordem cronológica das Manifestações Reivindicatórias.....	78
5.1.3 - A dinâmica do reconhecimento	84
5.1.4 - Especificidades da profissão na dinâmica do reconhecimento	88
5.1.5 - Dinâmica do Reconhecimento & Danos à Saúde	91
5.2 - História de Vida	94
5.2.1 - Narrativa Profissional de três Bombeiros Militares.....	94
5.2.2 - Primeira História - Soldado Souza.	95
5.2.3 - Segunda História - Sargento Francisco.....	98
5.2.4 - Terceira História - Subtenente Severo.....	102
5.2.5 - Comentários sobre as histórias de vida.....	105
5.3 - A Realidade de Ser Bombeiro - Um olhar sobre o Corpo dos Bombeiros Militares.....	107
5.3.1 - A atividade de Bombeiro Militar e o Uso de Si.....	108
5.3.2 - Ser bombeiro: Contribuição Social, Altruísmo e amor ao próximo.....	111
5.3.3 - Militares e seus perfis diferenciados: Bombeiros x Policiais.....	116
5.3.4 - Condutas Inapropriadas & Uso de Drogas.....	118
5.3.5 - O Corpo no Espelho: Imagens do Herói	121
5.3.6. Corpo no espelho – Imaginário de sedução	126
5.3.7. O Corpo do Homem: Trabalho & Saúde.....	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
ANEXOS	149

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Círculo Hierárquico dos Bombeiros Militares.

Quadro 2: Organização dos Bombeiros em Portugal

Quadro 3: Bombeiros por predominância do modo de Organização.

Quadro 4: Dinâmica das relações Atividade, Trabalho e Saúde na perspectiva da Ergologia, Clínica da Atividade e PDT.

Quadro 5: Dinâmica das relações Atividade, Trabalho e Saúde na perspectiva da Psicossociologia.

Quadro 6: Descrição das fotos utilizadas no disparador da entrevista

Quadro 7: Perfil dos Profissionais entrevistados

Quadro 8: Ordem cronológica das Manifestações Reivindicatória

Quadro 9: Eventos associados aos acidentes de trânsito

Quadro 10: Eventos associados à violência

LISTA DE FIGURA

Figura nº 01 - Ilustração da Medalha do Mérito Força e Coragem

LISTA DE ABREVIATURAS

ABMDP II – Academia de Bombeiro Militar Dom Pedro II

ANBP – Associação Nacional de Bombeiros Profissionais

BMRS – Brigada Militar do Rio Grande do Sul

CAO – Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais

CBMERJ – Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro

CEFID – Centro de Educação Física e Desportos

CFAP – Centro de Formação e aperfeiçoamento de Praças

CFO – Curso de Formação de Oficiais

CFS – Curso de Formação de Sargentos

CFSD – Curso de Formação de Soldados

CIEB – Centro de Instrução Especializada de Bombeiros

CNBP – Serviço Nacional de Bombeiro e Proteção Civil

CSBM – Curso Superior de Bombeiro Militar

DGEI – Diretoria de Ensino e Instrução

ESCBM – Escola Superior do Comando do Bombeiro Militar

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JB – Jornal do Brasil

LBM – Legislação do Bombeiro Militar

OIT – Organização Mundial do Trabalho

OMS – Organização Mundial de Saúde

PDT – Psicodinâmica do Trabalho

SUS – Sistema Único de Saúde

INTRODUÇÃO

Neste estudo buscamos desenvolver uma análise da atividade exercida pelos bombeiros militares, pautada na relação saúde e trabalho, com a finalidade de conhecer as particularidades desta categoria, e estabelecer as associações entre a natureza do trabalho e os possíveis danos à saúde destes profissionais.

O interesse por este tema surgiu como uma consequência do estudo elaborado por ocasião do mestrado. Ao pesquisar profissionais de saúde que salvam vidas em uma UTI Neonatal, constatei que mesmo diante de vários pontos de impedimentos, os trabalhadores criavam estratégias para cumprir as suas tarefas, independentemente do trabalho configurar uma fonte de desgaste, sofrimento e adoecimento (SOUZA, 2010). Com o término da pesquisa, senti-me inquieta, uma vez que muitos dos questionamentos iniciais continuaram sem respostas. Motivada a investigar se os mesmos resultados seriam encontrados entre outros profissionais cujo, objetivo também fosse salvar vidas, optei por investigar a categoria dos bombeiros militares. Essa opção se deu pelo entendimento de que, no contexto brasileiro, os bombeiros militares são trabalhadores que prestam serviços públicos de proteção contra incêndios, ações de salvamentos, resgates e ações da defesa civil em acidentes naturais ou envolvendo produtos classificados como perigosos à vida e à saúde das pessoas (CARDOSO, 2004). Trata-se de profissionais que atuam num conjunto diversificado de especialidades, possuindo como principal objetivo salvar vidas, seja no céu, no mar ou na terra.

Faz-se necessário ressaltar que fatores como o crescimento demográfico, o desenvolvimento econômico, tecnológico e industrial também são determinantes da incidência dos desastres humanos de natureza biológica, tecnológica e social (BRASIL, 2004). As demandas atuais exigem uma perícia cada vez mais específica para o trabalho do bombeiro militar, posto que o comportamento do homem, aliado aos abusos com o meio ambiente, reflete de forma efetiva na provocação de alguns desastres e situações de emergências variadas (MARTINS, 2004).

Ao consultar a história da profissão de bombeiro, foi possível acessar registros que revelam o fato de que, na antiguidade, esses não eram tratados como trabalhadores formais. A história oficial relata que eram escravos selecionados pela robustez e coragem. Portanto, não eram reconhecidos pelo desempenho de um trabalho valorizado e remunerado (BMRS, 2010).

A profissão ao longo dos anos sofreu várias transformações em relação à organização e ao processo de trabalho. Os equipamentos e as técnicas também

acompanharam as evoluções. O exemplo disso é a utilização do carro pipa puxado a cavalo, que evoluiu para o carro de tração motorizada; o balde rudimentar que evoluiu para a bomba manual e depois para a bomba elétrica, demonstrando que as adaptações tecnológicas visam responder às crescentes demandas do homem em preservar a vida e os seus bens (VELOSO, 2007).

Atualmente, a história aponta que os bombeiros militares adquiriram o reconhecimento da sociedade pela importância do seu trabalho nas diversas frentes de salvamentos. Como resultado da disponibilidade e destreza, no campo da prestação dos serviços para os quais são preparados, estes profissionais são representados pela população por um imaginário heroico, deixando no passado o status de escravos.

A mídia aparece como uma importante fonte alimentadora deste imaginário. É comum observar a utilização da representação heroica para caracterizar estes trabalhadores: “Bombeiro Herói salva bebê” (R7, em 24/01/2012). Em função do valor desta imagem, acredita-se que o bombeiro sinta-se com uma dupla responsabilidade: a de cuidar do seu ofício e a de manter e imagem heroica (FRUTOS, 2007).

Contudo, surpreendentemente, a imagem heroica atribuída pela sociedade aos bombeiros militares não se vincula ao reconhecimento por parte de seus gestores, ou a oferta de investimento público para a categoria, no que tange melhores condições de salários, de trabalho e de saúde dos profissionais. Por esta razão, a classe vive algumas contradições no que diz respeito ao diálogo com seus “novos senhores”, pois, atualmente, fazem parte de uma classe de trabalhadores da administração pública e enfrentam dificuldades nas negociações por salários justos.

Em função deste clima de impasses, faz-se necessário refletir sobre as tensões geradas em tal contexto de trabalho, as quais são capazes de afetar de forma intensa a saúde dos profissionais. Neste sentido, a reflexão pode partir do exame da natureza da atividade dos bombeiros, que tem como característica um grau de periculosidade que expõe o profissional a um nível elevado de riscos. Isso somado ao fato de que uma organização como a dos bombeiros, para atender com eficiência e eficácia, adota modelos funcionais rigorosos, que podem, em consequência, afetar as condições emocionais dos profissionais em serviço (CARDOSO, 2004).

Outro ponto de reflexão vincula-se às diversas dificuldades que os profissionais enfrentam em função das condições de trabalho disponíveis, a sobrecarga promovida por longas jornadas de trabalho e equipes desfalcadas. Essas são apontadas por Assunção (2003) como consequência do processo de reestruturação capitalista, o qual é responsável pelas atuais condições de trabalho disponibilizadas para os trabalhadores. A

autora considera que os fatores que normalmente se prestam a justificar uma melhor resposta às demandas de produção, tais como ritmos intensos, baixa remuneração e disciplina no local de trabalho, traduzem alguns dos fatores que podem alterar as condições ideais de trabalho e promover desequilíbrio em relação à saúde do trabalhador.

Para além, podemos ainda nos debruçar em particularidades da atuação profissional. Pelo fato da categoria de bombeiro militar realizar trabalhos de emergência, frequentemente, necessitam lidar com os imprevistos na sua atividade. Conforme pontuam Carreteiro e Barros (2011) no trabalho de urgência, o que se coloca em destaque é o imperativo da ação. Neste sentido, o trabalho de emergência requer respostas imediatas às demandas. Tratam-se atividades em que o trabalhador deve agir de forma a responder às demandas com eficiência no menor tempo possível.

Apesar das normas antecedentes serem compostas pelos protocolos básicos de procedimentos, as situações de emergências são singulares e, por isso, difíceis de atender com exatidão ao caráter antecipatório das prescrições. Isso significa que estes profissionais são permanentemente convocados a utilizar de engenhosidade, o que equivale a uma forma de decifrar o melhor modo de realizar o trabalho. Por esta razão, criam ou/e recriam, adequações a cada cena de atendimento. Assim sendo, o profissional faz escolhas e, naturalmente algumas ações deixam de ser realizadas em função das prioridades ou impossibilidades. Todo esse processo pode promover efeitos deletérios à saúde do profissional bombeiro militar, devido às pressões inerentes a natureza desta atividade.

Podemos ao correlacionar a atividade do bombeiro militar com a dinâmica trabalho/saúde, inferir que o trabalho sofre alterações em função do contexto social, econômico e político. Conseqüentemente, tendem a despertar sentimentos paradoxais nos sujeitos, os quais podem representar tanto vida, realização, emoção e ação, como podem conduzir as degradações, doença e morte (TOASSI, 2008). Neste sentido, os serviços de acolhimento e cuidados às pessoas em iminente perigo de vida, merecem uma especial atenção, posto que, nos últimos anos, passaram por um grande desenvolvimento. A expansão dos serviços de produção de cuidados favoreceu, paradoxalmente, maior visibilidade das formas de adoecimento no trabalho, ocasionados pela exposição às condições insalubres, sobrecarga física, psíquica, intensificação do ritmo de trabalho, entre outras (CARRETEIRO E BARROS, 2011).

Lamentavelmente, os desgastes relativos à saúde, muitas vezes, são banalizados e encarados como se fossem parte da forma normal de trabalhar e viver, o que expõe “silenciosamente” a saúde do trabalhador (MERLO E LÁPIS, 2007).

Diante dos diversos fatores que se agregam à atividade dos Bombeiros Militares e às tensões que exercem influências na dinâmica trabalho/saúde, torna-se fundamental que se abra se um campo de percepção mais real das implicações das atividades na vida destes trabalhadores. Uma abertura que promova visibilidade do trabalho real, capaz de fazer emergir as origens dos processos contraditórios vividos no cotidiano.

O exercício reflexivo abre uma série de interrogações na busca das justificativas para o fato dos bombeiros militares manterem-se em uma atividade cujo objetivo principal é salvar vidas, sendo que eles, devido à natureza da atividade, encontram-se em situação de extrema vulnerabilidade em relação à própria vida. Cabe pensar, sob que bases, concretas ou simbólicas, estes trabalhadores permanecem sustentados. Como decifrar a contradição contida na atividade dos bombeiros, uma vez que e na função de salvar vidas, eles também pedem socorro?

Afinal, existe alguma relação entre as posições extremas - escravos do passado e heróis da atualidade? Aliás, a que serve a imagem de herói, diante da luta por melhores condições de trabalho e salários justos? Existe de fato o reconhecimento pela atividade dos bombeiros militares?

Para responder tais perguntas, em face ao contexto atual, entendemos que não podemos deixar de considerar a relevância dos estudos configurados em argumentações científicas para a contribuição de uma parcela nas discussões sobre a saúde do trabalhador. Assim, esta pesquisa possui como objetivo principal analisar a dinâmica da relação trabalho e saúde na atividade dos bombeiros militares, considerando ser uma oportunidade para contribuir nas discussões inerentes a este campo, juntamente com a produção de conhecimento com potencial para instrumentalizar a elaboração de estratégias no campo da saúde pública.

Para alcançar o objetivo traçado como principal, algumas etapas mais específicas foram realizadas, tais como: descrever e analisar as atividades exercidas e as dificuldades apontadas pelos bombeiros militares; compreender como eles se veem frente à profissão; como consideram ser vistos pela sociedade; identificar as correlações entre a vida profissional e a vida pessoal apontadas por estes profissionais; identificar como as exigências estabelecidas pela natureza do trabalho repercute na saúde destes militares.

O primeiro passo na elaboração efetiva do estudo foi a constatação que são poucos os trabalhos que tratam da investigação sobre a relação saúde e trabalho, utilizando-se do conceito de atividade aplicado à categoria de bombeiro militar.

Outra observação relevante refere-se ao campo escolhido para o estudo - Rio de Janeiro (RJ). Trata-se de uma metrópole de trânsito agressivo e cenário de violência urbana. Embora estas características façam do RJ um centro de frequente atuação destes profissionais, não encontramos teses de doutorado desenvolvidas nesta cidade com bombeiros militares, que trate sobre a relação trabalho e saúde.

Os passos seguintes destinaram-se aos procedimentos para a elaboração do eixo promotor da discussão teórica e dos resultados do estudo. Uma das especificidades na construção teórica é a utilização do conceito de atividade dentre diferentes perspectivas, mais exatamente nas clínicas do trabalho.

Neste sentido, trabalhamos com diferentes abordagens a fim de explorar o conceito atividade na vida de um indivíduo. Para compor o formato, foram utilizados os aportes da ergologia, da clínica da atividade e da psicodinâmica do trabalho para tratar mais especificamente do conceito de atividade. Enquanto que para caracterizar o contexto das relações onde a atividade se desenvolve, foram incorporadas algumas categorias próprias à psicossociologia francesa, relativas à análise das organizações - principalmente ao vínculo do indivíduo com a organização - e o imaginário social.

A tese está organizada em cinco capítulos. No primeiro, é apresentada uma contextualização histórica, exposta de forma cronológica, sobre a profissão de bombeiro militar. Nesse, estão descritas as informações dos registros encontrados sobre a organização do trabalho e suas particularidades nos séculos XIX, XX e XXI. O segundo capítulo é reservado aos temas trabalho e saúde, apresentado em duas seções: Trabalho e saúde mental, e A saúde do trabalhador bombeiro. No terceiro capítulo, encontra-se uma exposição do conceito de Atividade em diferentes perspectivas vinculadas às Clínicas do trabalho. Assim, o referido conceito é apresentado primeiramente por uma breve introdução da ergonomia, que abre o caminho para as discussões sobre a ergologia, a Clínica da Atividade e a Psicodinâmica do trabalho. No último item deste capítulo, utilizamos a perspectiva da psicossociologia para expor algumas tensões produzidas nas relações entre os sujeitos e a organização onde a atividade é realizada. A descrição do percurso metodológico encontra-se registrada no quarto capítulo da tese. Nesse, é feito um detalhamento de todos os passos considerados fundamentais para a execução da pesquisa.

O quinto e último capítulo destina-se a apresentação da discussão e dos resultados do estudo. Apresenta-se dividido em três grandes seções: 1) Contextualização do cenário de atividade; 2) Histórias de Vida - Narrativa profissional de três bombeiros militares e 3) A Realidade de Ser Bombeiro - Um olhar sobre o Corpo dos Bombeiros Militares. Essas seções são compostas de subseções que detalham os pontos considerados relevantes.

CAPÍTULO 1

A HISTÓRIA DOS BOMBEIROS

1.1 - Primeiros registros

O surgimento das primeiras estratégias de combate ao fogo ocorreu na antiga Roma. Para impedir os incêndios e patrulhar as ruas, o imperador Augusto em 27 a.C formou um grupo de “vigiles”, composto por 600 escravos. Os métodos utilizados pelos vigiles eram marcados pela precariedade, tanto que durante o Império de César Augusto Germânico ou Nero Claudius Caesar Augustus, um grande incêndio durou sete dias destruindo quarteirões e matando muitas pessoas em uma região de trabalhadores romanos (BMRS, 2010).

O sistema de escravos bombeiros funcionou até o ano VI dC, quando Augusto Germânico reorganizou o Corpo de Bombeiros, criando um departamento melhor entrosado e organizado, buscando atender as necessidades e o prestígio de uma grande cidade, que era a capital do mundo naquela época (FRUTOS, 2007 apud CBERJ). A nova organização contava com 10 mil bombeiros: Escravos libertos ou cidadãos livres que possuíam uma organização semimilitar, com divisões, semelhante ao exército romano. Os quartéis eram instalados em residências privadas e posteriormente em construções grandiosas como os palácios.

A BMRS relata alguns fatos que entraram para a história dos bombeiros no mundo. Na Europa no ano de 872 em Oxford - Inglaterra - foi promulgada uma das normas mais antigas de proteção contra incêndios - o toque de alerta como o sinal de combate. Em Londres após um grande incêndio que destruiu a cidade e desabrigou milhares de pessoas, as companhias de seguro da cidade começaram a formar brigadas particulares para proteger a propriedade de seus clientes.

Por volta de 1715, em Massachusetts os sistemas de defesa contra fogo contavam com a participação da população que, caso não ajudasse poderia ser multada pelo chefe dos bombeiros. Cada casa deveria ter disponíveis cinco latas. Quando emitido o alarme através dos sinos das Igrejas, os moradores organizavam grandes filas, desde o manancial mais próximo até o sinistro, passando as latas de mão em mão (BMRS). O sistema de “mão em mão” deixou de ser utilizado após o desenvolvimento da bomba hidráulica, que permitia o transporte de água das fontes urbanas diretamente para o local do incêndio. Quando estas bombas sofreram evolução, deixando de ser manual para

funcionamento a vapor, melhoraram os resultados no combate aos incêndios, pois havia maior pressão dinâmica e constância no fluxo de água, atendendo melhor as necessidades de alcance nas edificações. O surgimento das bombas foi tão importante que deu origem a denominação da profissão de bombeiros (BMRS).

A Brigada Militar do Rio Grande do Sul tem o registro de que a profissionalização dos bombeiros surgiu em 1853 em Cincinnati, quando foi introduzido o uso de bombas a vapor em veículos traçados por cavalos. As primeiras escolas em Boston datam de 1889 e em Nova York - 1914 com profissionais de diferentes graduações.

1.2 - Século XIX - Tempos de Criação

No Brasil, os tempos do império foram marcados por dificuldades em conter os incêndios em função das técnicas rudimentares e pela rápida propagação das chamas consequentes das construções de madeiras. Os incêndios eram combatidos empiricamente pelas milícias, aguadeiros e voluntários. Inúmeros problemas dificultavam as ações, principalmente o arruamento estreito e irregular de becos e vilas.

Mattos (2006) aponta alguns fatos que marcam a cumplicidade entre estes profissionais e a população. Para o serviço de extinção, os donos ou condutores de veículos eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos e a entregar os animais, se necessário. Na falta de ferramentas para uma demolição, eram os mestres de obras obrigados a fornecer todas de que dispusessem. Os donos das casas que vendiam archotes, velas ou qualquer outro artigo de utilidade ao serviço dos incêndios eram obrigados a fornecê-los à requisição da autoridade policial, e os aguadeiros a se apresentarem imediatamente com as pipas cheias d'água no lugar do incêndio. Havia uma retribuição para a população, pois na repartição da polícia pagava-se o preço das requisições passadas pelas autoridades policiais, todos os artigos fornecidos e aluguéis dos animais empregados.

Conforme bibliografia utilizada pelo Centro de Formação e aperfeiçoamento de Praças do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro (CFAP-CBMRJ, 2008), dentre os mais importantes eventos, que precederam a criação de um grupo brasileiro de extinção de incêndio, estão o incêndio da Alfândega do Rio de Janeiro, ocorrido em 1710 e o incêndio no Mosteiro de São Bento, em 1732.

No Estado do Rio de Janeiro em 1783, o Conde da Cunha, baseado na experiência que os homens do mar tinham de apagar incêndios em embarcações destinou ao Arsenal de Marinha a responsabilidade de extinguir os incêndios (MATTOS, 2006). A escolha foi motivação para o surgimento de alguns conflitos entre as autoridades locais como a

Chefia de Polícia, a Casa de Correção, a seção de Obras Públicas, os Arsenais de Marinha e de Guerra que causavam mal-estar entre o chamado escalão médio do Império. Enquanto discutia-se a quem cabia a responsabilidade de extinguir incêndios, os prejuízos decorrentes desses cresciam. Por essa razão, o Visconde de Barbacena sugeriu ao D. Pedro II, a criação do comando específico para a segurança da população e para ações de incêndios.

Ainda que definido um grupo específico para a atividade, diante das dificuldades em conter os incêndios, em função das técnicas rudimentares e pela rápida propagação das chamas consequentes das construções de madeiras, o Vice-Rei Luís de Vasconcelos teve importante participação nas formas de prevenção. Por ofício, em 12 de julho de 1788 determinou que a população iluminasse a frente de suas casas, pois o pânico e os atropelamentos causavam mais vítimas que o próprio fogo.

De acordo com Mattos (2006) no dia 2 de julho de 1856 o Imperador constituiu através do Decreto número 1.775 que o Corpo de Bombeiro Provisório da Corte deveria reunir seções dos Arsenais de Marinha e de Guerra, das Obras Públicas e da Casa de Correção. O resumo do artigo 3º da seção II, determinava que essa corporação seria composta por operários ágeis, robustos, moralizados. Nesta formação havia operários artífices e também africanos livres os quais não eram gratificados pela atividade de bombeiro. Somente tempos mais tarde foi oficializada a necessidade de gratificação, sobretudo para os artífices os quais mantinham duplicidade de função.

Sendo assim, no dia 13 de março de 1857, o Major Moraes Antas informou ao Ministro da Justiça, Conselheiro Dr. José Nabuco de Araújo, ter organizado o Corpo Provisório de Bombeiros da Corte. O efetivo compreendia 130 homens e todo material de extinção constituía-se de 15 bombas manuais, 240 palmos de mangueira de couro, 23 mangotes, 190 baldes de couro, 13 escadas diversas e 02 sacos de salvação (CFAP-CBRJ, 2008).

Segundo Mattos (2006) em função dos equipamentos disponíveis na ocasião era necessário que os bombeiros exercessem grande força física. O que justificava que o condicionamento físico, a robustez e a coragem fossem requisitos básicos para a admissão em detrimento da capacitação intelectual. As promoções justificavam-se por antiguidade, merecimento e bravura.

O Corpo provisório evoluiu e em 1857 foi instalado o Posto Central, ocupado na Secretaria de Polícia localizada na Rua do Regente, composto por um comandante, um instrutor, dois chefes de turma e vinte e quatro bombeiros. Porém, somente três anos depois foi aprovado por um regulamento, através do Decreto nº 2587, o serviço

obrigatório, pelo espaço de quatro anos, sob a jurisdição do Ministério da Justiça (CFAP–CBRJ, 2008).

No ano de 1864, a Diretoria Geral e a 1ª seção do Corpo foram instaladas no Campo da Aclamação nº 43 e 45, Praça da República, atual local da sede do Comando Geral do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro.

Dois eventos de importância referente à ligação dos bombeiros e ao militarismo foram registrado em 1865. O primeiro é a atuação de mais de cem voluntários às tropas do Império na Guerra do Paraguai com representação brava e gloriosa, e o segundo fato foi a introdução da primeira bomba no Brasil.

Quatorze anos após a atuação nos campos de guerra, com base no decreto n. 7766 de 19 de julho de 1880, é concedido o uso de postos, graduações e insígnias de natureza militar. Porém, foi em 1887 no dia 31 de dezembro pelo decreto n. 9829, que a organização da Corporação passou de direito, apresentar uma organização de formato, semelhante às das forças militares. A condição de militar proporcionou a resolução dos problemas de choques com as autoridades da corte, pois nos locais de incêndio os oficiais não eram aceitos nem respeitados, apesar da organização de aquartelamento e uso de uniformes com insígnias militares (CFAP–CBRJ, 2008).

1.3 - Século XX - Tempos de Evolução

A entrada do século XX é marcada por uma década de avanços para os bombeiros. Um exemplo é a construção do Quartel central em 1900, que somente em 1908 teve sua fachada, de arrojado estilo arquitetônico, inaugurada com o nome do engenheiro que projetou a construção: Marechal Souza Aguiar. Em termos de aquisição de equipamentos e tecnologia para a época, a década foi marcada por um acontecimento de grande dimensão: a extinção da utilização dos veículos de tração animal, exatamente em 1913, quando foram introduzidos os veículos motorizados. A frota era formada por: 05 bombas automóveis, 05 carros de transporte de pessoal e material, 03 auto escadas mecânicas, 07 carros pessoais, 01 carro com guindaste, 01 auto ambulância e 04 auto caminhões.

Vale ressaltar que até a primeira década do século XX não havia escolas de formação regular no Corpo de Bombeiro. A capacitação dos profissionais bombeiros passou a vigorar a partir de 1910, quando o alferes Tenreiro Correia ao perceber o baixo nível de escolaridade da tropa improvisou uma sala de aula no refeitório. Dois anos após foi instituída a primeira escola no Corpo de Bombeiros que tinha como objetivo o ensino apenas do curso primário e o curso médio, conforme denominação da época. Até

1955 os professores das instâncias de ensino eram oficiais do Exército, até que o Coronel do Exército Raphael de Souza Aguiar entendeu que não era correto oficiais do Exército comandarem o Corpo de Bombeiro e foi criada a Escola de Formação de Oficiais do Corpo de Bombeiros ministrada exclusivamente por oficiais do Corpo (MATTOS, 2006). Durante a década de 1960 esta Escola foi transferida para Niterói e nos anos mais recentes foi instalada no bairro de Guadalupe, no Rio de Janeiro, dando origem ao complexo escolar onde funciona a Diretoria de Ensino e Instrução (DGEI), a Escola Superior do Comando do Bombeiro Militar (ESCBM), a Academia de Bombeiro Militar D. Pedro II (ABMDPII), o Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP), o Centro de Educação Física e Desportos (CEFID) e o Centro de Instrução Especializada de Bombeiros (CIEB).

À frente do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro atuam 16.824 homens e mulheres ativos no serviço militar (MACHADO, 2011; CBMRJ, 2012). Este número representa o maior efetivo de bombeiros militares em todo território brasileiro, seguido por São Paulo com 8.597; Minas Gerais com 5.446 e Distrito Federal com 4.800 (JB, de 16/06/2011). Ainda nesta década foram distintamente demarcadas as figuras de oficiais e praças. Os postos e graduações da corporação foram equiparados aos já existentes no exército. Foi como Força auxiliar do Exército Brasileiro que atuaram em 1910 na tropa de primeira linha em combate durante a revolta por parte das Forças Navais e mais tarde por ocasião da primeira e segunda guerra mundial. Três anos após a guerra, a Lei n. 427 de 11 de outubro de 1948 equiparou a Corporação às Polícias Militares, inclusive com as vantagens e predicamentos constantes do artigo 183 da Constituição.

No entanto com a transferência da Capital para Brasília, a Lei nº 3.752 de 14 de abril de 1960 criou o Corpo de Bombeiros do Estado da Guanabara e somente em julho de 1974, quando ocorreu a fusão dos Estados da Guanabara e do antigo Estado do Rio de Janeiro, a Corporação retornou a sua condição de organização militar, e portanto, reserva do Exército. Pelo decreto Federal nº 75.838 de 10 de junho de 1975, agora Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro.

Em 1983, sob o Comando interino do primeiro Oficial Bombeiro Militar, Coronel José Halfed Filho, foi realizada a fusão da Defesa civil e do Corpo de Bombeiro com a criação da Secretaria de Estado de Defesa Civil. A justificativa foi pautada na necessidade de ampliação do campo de atuação de ambas as áreas. Em consequência desta fusão o Corpo Marítimo de Salvamento foi extinto e as suas atribuições passaram a ser responsabilidade do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro (CFAP-CBRJ, 2008).

Algumas atividades dos profissionais bombeiros ficaram marcadas na relação com algumas tragédias de grande proporção marcadas pela mídia. O chamado Grupo de Socorro de Emergência (GSE) destinado ao socorro de vítimas em vias públicas foi criado em 1986 contando com 19 ambulâncias e cerca de 300 militares médicos e enfermeiros. A criação deste grupo ocorreu no mesmo ano (1986) do incêndio do Edifício Andorinha, localizado no centro comercial e financeiro, sendo um evento marcado por 20 mortos e 50 feridos. A atividade de remoção de cadáver pelo Corpo de Bombeiros ficou marcada após a "Tragédia do *Bateau Mouche*", uma embarcação que afundou na noite de réveillon de 1988, ocasião que exigiu o trabalho de recolhimento de corpos submersos à Baía de Guanabara.

No decorrer da história foram diversas as autoridades que permaneceram à frente do comando do Corpo de Bombeiros e com elas foram criadas e recriadas normas e formatos de administração que constituíram diferentes Secretarias de regulação.

1.4 - Século XXI – Organização atual

Atualmente os bombeiros militares cariocas exercem suas atividades em um território com uma extensão total de 43.780.157 quilômetros quadrados. Conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 o Estado do Rio de Janeiro, contava com 15.989.929 habitantes, e uma densidade demográfica de hab./km² de 365,3, com a concentração de 96,7 habitantes nas áreas urbanas por quilômetros quadrados. Estes números correspondem às características inerentes aos espaços de grandes ocupações como problemas de ordem social, grande volume de veículos elevando as taxas de acidentes, ocupação irregulares do espaço público, construções desordenadas em locais de riscos de desabamento, e índices elevados de violência.

Neste contexto o CBMERJ, de acordo com os dispositivos legais e constitucionais tem a missão de salvaguardar as vidas e os bens ameaçados por contingências emergenciais, realizando os serviços específicos de Bombeiro Militar, além da execução das atividades de defesa civil (CFAP-CBRJ, 2008).

O CBMERJ é considerado Força Auxiliar, Reserva do Exército Brasileiro, de acordo com o § 4º do art. 13 da Constituição da República Federativa do Brasil. Organizado com base na hierarquia e na disciplina, em conformidade com as disposições contidas no Estatuto dos Bombeiros-Militares do Estado do Rio de Janeiro, destina-se a realizar: serviços de prevenção e extinção de incêndios; serviços de busca e salvamento; perícias de incêndio; prestar socorros nos casos de inundações,

desabamentos ou catástrofes, sempre que haja ameaça de destruição de haveres, vítima ou pessoa em iminente perigo de vida; estudar, analisar, planejar, exigir e fiscalizar todo o serviço de segurança contra incêndio do Estado, como também em caso de mobilização do Exército, com ele cooperar no serviço de Defesa Civil.

À frente do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro atuam 16.824 homens e mulheres ativos no serviço militar (MACHADO, 2011; CBMRJ, 2012). Este número representa o maior efetivo de bombeiros militares em todo território brasileiro, seguindo por São Paulo com 8.597; Minas Gerais com 5.446 e Distrito Federal com 4.800 (JB, de 16/06/2011).

O CBMERJ conta com uma estrutura operacional de vários comandos e grupamentos de socorro e emergência distribuídos entre as regiões metropolitana, serrana, sul, norte e litorânea. São 10 Comandos de Área de Bombeiro Militar; 28 Grupamentos de Bombeiro Militar; 01 Grupamento de Busca e Salvamento, 04 Grupamentos Marítimos, 02 Grupamentos de Salvamento Florestal e Meio Ambiente; 01 Grupamento de Socorro de Emergência; 01 Grupamento Tático de Suprimento de Água para Incêndios; 01 Grupamento de Operações com Produtos Perigosos; 01 Grupamento de Operações Aéreas, 01 Grupamento de Prevenção em Estádios; 62 Destacamentos de Bombeiro-Militar e 04 Postos Avançados de Bombeiro-Militar.

A estrutura do CBMERJ é composta por órgãos de direção, apoio e execução. Aos órgãos de direção cabe o comando, planejamento geral e administração da Corporação; os órgãos de apoio atuam nas atividades-meio, sendo responsáveis por atender às necessidades de pessoal e de material de toda corporação. Por último, com a atividade-fim estão os órgãos de execução, que executam as diretrizes emanadas dos órgãos de direção e são auxiliados pelos órgãos de apoio (CFAP-CBRJ, 2008).

A hierarquia do bombeiro-militar (quadro 1) é representada pelos diferentes níveis de ordenação das autoridades, nos postos e nas graduações da estrutura das Forças Armadas e das Forças Auxiliares. Dentro da organização militar o grau de autoridade e de responsabilidade corresponde ao nível hierárquico. Na escala hierárquica entre os bombeiros existem a classe de oficiais e a classe dos praças. Relativo à classe de Oficiais, a carreira é iniciada pelo posto de aspirante e pode ascender ao grau hierárquico máximo de coronel. Para a classe dos praças a carreira é iniciada a partir do posto de soldado de primeira classe e pode ascender até subtenente. Caso o militar deseje promoção superior a de subtenente deverá fazer o concurso para oficial administrativo e ascender até o grau de capitão. Desta forma terá migrado da classe de praças para a classe de oficiais. Entre as duas classes existe uma distinção das

atribuições laborais. Enquanto o oficial é preparado durante a carreira para as atividades de comando, os subtenentes e sargentos auxiliam ou complementam as atividades dos oficiais; enquanto que os cabos e soldados são forças essenciais de execução (BRASIL, 1995).

Quadro 1: Círculo Hierárquico dos Bombeiros Militares.

CÍRCULOS HIERÁRQUICOS DOS BOMBEIROS MILITARES		
		Postos
OFICIAIS		
	SUPERIORES	CORONEL
		TENENTE -CORONEL
		MAJOR
	INTERMEDIÁRIOS	CAPITÃO
		1º TENENTE
		2º TENENTE
		ASPIRANTE
		Graduações
PRAÇAS		
		SUBTENENTE
		1º SARGENTO
		2º SARGENTO
		3º SARGENTO
		CABO
		SOLDADO

Para ingresso o candidato deve ser selecionado de acordo com o número de vagas fixadas em edital, mediante aprovação em processo seletivo destinado a aferir o mérito intelectual dos candidatos. A idade mínima para a matrícula é de 18 (dezoito) anos, sendo a máxima de 28 (vinte e oito) anos para o Quadro de Oficiais Bombeiros Militares Combatentes e o Quadro Geral de Praças Bombeiros Militares; e 35 (trinta e cinco) anos para ingresso nos Quadros de Oficiais Bombeiros Militares de Saúde, Complementar e Capelão. Para cargos de Oficiais deverá possuir diploma de curso superior obtido em instituição reconhecida pelos sistemas de ensino superior.

O treinamento ocorre anteriormente à prática da atividade, sendo o período pelo qual o novato é submetido ao processo de aprendizado e verificação de conhecimento e habilidades específicas. Nesta ocasião também são transmitidas as normas e a doutrinação inerente à Organização. O processo segue com as etapas sequenciais de formação, aperfeiçoamento e especialização.

A primeira etapa ocorre logo após aprovação no concurso público e tem como objetivo assegurar que os candidatos aprovados apresentem comportamento condizente com seus respectivos postos e graduação. Portanto, são submetidos aos seguintes cursos: Curso de Formação de Oficiais (CFO), Curso de Formação de Sargentos (CFS) e Curso de Formação de Soldados (CFSd). O Curso de formação de Oficiais tem duração de 36 meses e o foco é na preparação do oficial para exercer os postos de 2º tenente e capitão. O Curso de Formação de Sargentos tem a duração de aproximadamente de doze meses, e habilita o aluno para o posto de 3º sargento. O Curso de Formação de Soldados, com duração média de 8 meses, visa a preparação para as atividades de execução, ou seja de Soldados. Para a promoção de soldado para cabo, é necessário ser aprovado no Curso de Formação de Cabos.

A segunda etapa do processo compreende aos cursos de aperfeiçoamento, que possibilitam a promoção aos níveis hierárquicos superiores. São eles: Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais (CAO) para a promoção aos postos de major e tenente-coronel e o Curso Superior de Bombeiros (CSBM) para a promoção ao posto de coronel. O Curso de Aperfeiçoamento de Sargento possibilita à graduação de 1º sargento.

A terceira e última etapa do processo engloba os cursos ou estágios específicos da profissão de bombeiro militar. Nesta etapa é oferecido um conjunto de possibilidades para que os trabalhadores façam suas opções entre as atividades de salvamentos, combate a incêndios, atendimento pré-hospitalar, perícia e muitas outras.

A promoção durante a carreira se dá através de um ato administrativo e tem como finalidade básica a seleção dos bombeiros-militares para o exercício de funções pertinentes ao grau hierárquico superior. Estas são efetuadas pelos critérios de antiguidade, merecimento ou, ainda, por bravura e "post-mortem". Promoção por antiguidade é aquela que se baseia na precedência hierárquica de um militar sobre os demais de igual grau hierárquico, dentro do mesmo quadro. Promoção por merecimento é aquela que se baseia: na ordem de classificação obtida ao final dos cursos iniciais de cada quadro; e na avaliação do desempenho medida pelas qualidades e atributos que distinguem e realçam o valor do oficial em relação aos seus pares. A promoção por ato

de bravura é resultante de ato não comum de coragem e audácia, que ultrapassando os limites normais do cumprimento do dever, representa feito heroico indispensável ou relevante às operações militares ou à sociedade, pelos resultados alcançados ou pelo exemplo positivo deles emanado. A promoção post mortem destina-se ao reconhecimento do militar morto no cumprimento do dever (Lei 12086/09 Lei nº 12.086, de 6 de novembro de 2009).

A carreira é encerrada na ocasião da reforma, período em que o bombeiro militar torna-se inativo. O limite de idade apresenta diferenças. Para Oficiais superiores 64 anos; para oficiais intermediários e subalternos 60. Para a classe dos Praças a idade é 58 anos.

1.5 - Bombeiros Voluntários - outra face da História

Como acabamos de descrever a profissão de bombeiro no Brasil é reconhecida pela atuação no campo militar. No entanto, não nos furtamos de apontar a existência dos bombeiros Voluntários. Estes são comumente encontrados nos países europeus.

No Brasil o primeiro Corpo de Bombeiro Voluntário foi estabelecido na Cidade Joinville em 1892, totalmente inspirado no modelo alemão (SIQUEIRA E THEODORO, 2009). Segundo, Rocha (2009) foi a partir deste modelo que a ideia se multiplicou nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, havendo expansão para Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Pará.

No norte do Brasil, os registros versam que existem poucas documentações sobre trabalho de bombeiros voluntários. Contudo, encontramos a informação que no estado do Pará, os voluntários eram profissionais civis de outras áreas que se integravam aos treinamentos e nas prontidões para o combate de incêndios. Todo uniforme e equipamentos eram de responsabilidade e custo dos próprios voluntários. O desaparecimento da Associação Humanista de Bombeiros Voluntários do Pará se deu frente ao pouco apoio recebido do governo, das companhias de seguro e comerciantes patrocinadores (MENEZES, 2007).

Na região sudeste, exatamente no Rio de Janeiro, o primeiro Corpo de Bombeiro de Voluntários foi criado muito mais tarde, em 1997, e hoje conta com pouca representatividade.

A história sugere que as corporações voluntárias existentes no Brasil, tenham sofrido a influência dos portugueses. Contudo, a projeção do voluntariado em Portugal também teve o incentivo de um brasileiro nascido na Bahia: Guilherme Gomes Fernandes, que criou em 1794 a Associação de Bombeiros Voluntários no Porto

(SIQUEIRA E THEODORO, 2009). Filho de pais portugueses, patrocinou financeiramente a organização voluntária de Bombeiros na cidade do Porto.

Portugal é um legítimo exemplo de um país onde os bombeiros são majoritariamente representados pelos voluntários. Desta forma, podemos sinalizar que a diferença fundamental entre os bombeiros brasileiros e os bombeiros portugueses está na predominância voluntária da atividade. Em Portugal existem 6 corpos de bombeiros profissionais, 21 corpos de bombeiros municipais, 14 corpos de bombeiros empresariais e 431 associações de bombeiros voluntários (CBVs). Estes números evidenciam a predominância de voluntários nesta atividade (<http://www.bombeiros.pt>).

A expansão de 95 associações de bombeiros voluntários em Portugal no período de 1910 até 1929 decorreu em função da força da população integrada nas comunidades locais, influência de figuras carismáticas e em função das ausências e falhas das estruturas existentes. (SANTOS, 1995). A década de 1980 foi marcada por um intenso crescimento das associações voluntárias. Na ocasião foram registradas 298 Associações Humanitárias de Bombeiros Voluntários.

Ainda que a literatura aponte haver uma predominância dos bombeiros voluntários em Portugal (SCANDELLA, 2012; AMARO, 2010) é importante destacar que atualmente todos profissionais estão enquadrados em termos funcionais pelo Serviço Nacional de Bombeiros e Proteção Civil (SNBP), organismo que depende do Ministério da Administração Interna.

O Regimento, Batalhão e Companhia de Bombeiros Sapadores onde estão inseridos apenas os Bombeiros Profissionais e possuem como vínculo laboral a Câmara Municipal.

O Corpo de Bombeiro Municipal onde estão inseridos Bombeiros Profissionais e Voluntários e possuem como vínculo laboral a Câmara Municipal.

O Corpo de Bombeiro Voluntário onde estão inseridos apenas os Bombeiros Voluntários com vínculos laboral com Ações Humanitárias.

O Corpo de Bombeiros Privados onde estão inseridos apenas Bombeiros profissionais com vínculos laboral com empresas privadas (ANBP).

Quadro 2: Organização dos Bombeiros em Portugal

Organização dos Bombeiros em Portugal		
Tipo de Organização	Categoria	Vínculo
Batalhão - Cia dos Sapadores	Profissionais Sapadores*	Câmara Municipal
Corpo de Bombeiro Municipal	Profissionais Sapadores* Voluntários	Câmara Municipal
Corpo de Bombeiros Voluntário	Voluntários	Ação Humanitária
Corpo de Bombeiro Privado	Privados	Empresas Privadas

Em Portugal, os bombeiros profissionais são chamados de sapadores. Este termo tem sua origem decorrente do tipo de ferramenta utilizada: sapa - uma pá de pau ou ferro com cabo, de levantar terra cavada. Nos serviços de salvamento dos Corpos de Bombeiros existe um grande número de ferramentas de "sapa" tais como: pá, alvião, enxada, picareta, enxadão, entre outros. Sapador é o soldado que constrói galerias subterrâneas, minas, embora a palavra "sapa" signifique também exame de Bombeiro (CBMMG, acesso em 26.04.2012).

De acordo com os números, Portugal conta com muitos trabalhadores para a atividade de bombeiro. No entanto, a diversidade de vínculos criou um cenário de divergências, sobretudo entre os modelos de gestão. Como resultado, se tem um quadro de direitos, atribuições e deveres com diferenças gritantes para cada vínculo. Para Caldeiras (2010) tal situação gerou o que ele denominou de binômio bombeiros - voluntários / bombeiros – profissionais. O autor considera que tais categorias necessitam, de maneira urgente, passar por um trabalho de redefinição e alinhamento, no sentido de promover maior equidade. Os investimentos financeiros, são os principais pontos de tensão. Os voluntários bombeiros não possuem suporte suficiente para arcar

com programas de instruções técnicas e aprimoramento da atuação, enquanto que para os profissionais existem programas de capacitação técnica continuada e progressiva, além de uma estrutura que garante treinamentos físicos sistemáticos.

Em relação aos demais países da Europa, os bombeiros profissionais estão predominantemente presentes na Croácia, Espanha, França e Itália, enquanto que os voluntários superam o número de profissionais na Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Estônia, Finlândia, Países Baixos, Eslováquia e Portugal (SCANDELLA, 2012). Em relação à América do Sul o modelo de voluntariado é marcante no Chile e Argentina, estando o Brasil regido pelo militarismo. Como exemplo da América do Norte, destacamos os Estados Unidos da América, onde há predominância também do Voluntariado (Quadro 3).

Independente da diversidade do modo de organização e gestão, podemos apontar que existe uma semelhança comum a todos os modelos, em qualquer parte do mundo. Sejam voluntários, profissionais, ou mesmo privados, o risco ocupacional estará igualmente presente. Isto porque trata-se de uma atividade, cuja demanda de atendimento não se difere, entre os países citados. Uma vez que todos estão diretamente envolvidos em salvar vidas e bens.

Quadro 3: Bombeiros por predominância do modo de Organização.

Bombeiros por predominância do modo de Organização				
Território	Países	Org. Militar	Org. Voluntária	Org. Profissional
América do Sul	Argentina			
	Brasil			
	Chile			
América do Norte	USA			
	Alemanha			
Europa	Bélgica			
	Croácia			
	Dinamarca			
	Espanha			
	Filândia			
	França			
	Itália			
	Portugal			
Ásia	Japão			

CAPÍTULO 2

SAÚDE E TRABALHO

Este capítulo tem como objetivo tecer associações acerca da saúde e do trabalho, descrevendo alguns dos aspectos que envolvem a dinâmica desta relação. O capítulo é finalizado, com uma revisão da literatura sobre a relação trabalho e saúde dos bombeiros militares.

2.1 - Trabalho e Saúde Mental

De acordo com os dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 2001 o mundo contava com 2,8 bilhões de trabalhadores no mercado formal. Por ano, se estima que 2,2 milhões são acometidos por mortes relacionadas ao trabalho. As estimativas indicam que existe a ocorrência de 24,5 bilhões de acidentes não fatais e 160 milhões de casos de doenças não fatais relacionadas ao trabalho (OIT, 2005).

Segundo Guimarães (2000) as doenças ocupacionais ou relacionadas com o trabalho são analisadas de forma desatenta em função do pouco investimento de estudos sobre o assunto. Schmidt e Fisher (s/d) justificam que o pouco conhecimento das consequências sobre a saúde dos trabalhadores decorrentes das múltiplas transformações está no fato que no Brasil as mudanças organizacionais ocorrerem de forma mais expressiva, a partir da década de 90. Oliveira e Vasconcellos (2007) complementam a justificativa ao relatar que, na verdade, é somente após a Revolução Industrial e a consolidação do emergente capitalismo industrial que a necessidade de manutenção da saúde das pessoas no trabalho – preservação do corpo hígido do trabalhador – surge como construção social e política com responsabilidade explícita do Estado.

No entanto, desde 1984, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Organização Mundial de Saúde (OMS), evidenciaram a importância dos fatores psicossociais no trabalho e organizaram conferências internacionais sobre o tema, como a que ocorreu em 1998 na Dinamarca. Quatro anos mais tarde, em 2002, o estresse no trabalho e os riscos psicossociais foram temas centrais da Semana Europeia da Segurança e Saúde no Trabalho. Para apoiar esta iniciativa, foi elaborado um relatório com programas, práticas e experiências nos diversos Estados-Membros, numa tentativa de evitar o estresse no trabalho e garantir o direito à saúde.

No Brasil, ao final da década de 1990, o Ministério da Saúde toma com transparência a saúde do trabalhador como objeto da área de saúde pública e define:

A saúde do trabalhador constitui uma área da Saúde Pública que tem como objeto de estudo e de intervenção as relações entre o trabalho e a saúde. Tem como objetivos, a promoção e a proteção da saúde do trabalhador, por meio do desenvolvimento de ações de vigilância dos riscos presentes nos ambientes e condições de trabalho, dos agravos à saúde do trabalhador e a organização da assistência aos trabalhadores, compreendendo procedimentos de diagnóstico, tratamento e reabilitação de forma integrada, no SUS (BRASIL, 2001, p.17).

Em relação aos brasileiros, a OIT (2006) estima que anualmente ocorram 11,3 milhões de acidentes moderados ou graves, 14 mil acidentes fatais e 42,5 mil mortes por doenças relacionadas ao trabalho. Os danos à saúde mental do trabalhador são reconhecidos pelo Ministério da Saúde. A classificação - “Transtornos Mentais e do Comportamento Relacionado ao Trabalho” faz referência aos fatores de risco relativos à organização do trabalho tais como: ritmo de trabalho penoso, má adaptação ao horário de trabalho, e outros (SCHMIDT E FISHER, s/d).

Seligmann-Silva (1994) aponta o foco da Saúde Mental e do Trabalho, cujo objetivo central de análise é a inter-relação entre o trabalho e os processos de saúde, na dinâmica que se inscreve de forma marcante nos fenômenos mentais, ainda que sua natureza seja eminentemente social.

Para Glina e Rocha (2000), os transtornos mentais e do comportamento relacionados ao trabalho podem ser definidos como aqueles determinados pelos lugares, pelo tempo e pelas ações do trabalho. Relatam ainda que, disfunções, lesões biológicas, reações e efeitos psíquicos podem ter origem nas ações implicadas no ato de trabalhar. A mesma associação é sugerida por Vasconcelos e Farias (2008) que apontam a relação do trabalho com diferentes doenças, como o alcoolismo crônico, os episódios depressivos, os estados de estresse pós-traumáticos, a neurastenia (Síndrome da fadiga crônica), a neurose profissional e os transtornos do sono.

Silva (2007) buscou em Barbosa e Branco (2002), dados no INSS de 1998 a 2002, que demarcam a depressão e o estresse como os dois primeiros tipos de doença mental que mais geram gastos para o sistema previdenciário. Cerca de 27% do montante foi gasto apenas com as doenças depressivas.

Guimarães (2000) aponta que as interações entre o gerenciamento, a organização do trabalho e outras condições ambientais, somado às competências e necessidades dos

empregados, podem configurar um risco para a saúde do trabalhador. Este fato pode ser evidenciado no estudo de Jackson Filho (2004) sobre patologia organizacional no serviço público, pois segundo o pesquisador o governo federal admite a relação entre adoecimento dos servidores públicos e suas condições de trabalho ao considerar que 24,7% das aposentadorias são justificadas por problemas de saúde decorrentes do trabalho. Porém, reforçamos com Spode (2004) que as análises de inter-relação entre o trabalho e os processos saúde/doença tem a dinâmica inscrita mais marcadamente nos fenômenos mentais.

Outro ponto relevante está na necessidade de elaboração de novos métodos gerenciais dos processos de trabalho que auxiliem a diminuir a taxa de dias não trabalhados por afastamentos, e conseqüentemente o custo que isto representa.

O número de dias de trabalho perdidos em razão dos acidentes aumenta o custo da mão de obra no Brasil, encarecendo a produção e reduzindo a competitividade do país no mercado externo, considerando-se os períodos de afastamento de cada trabalhador. Estima-se que o tempo de trabalho perdido anualmente devido aos acidentes de trabalho seja de 106 milhões de dias, apenas no mercado formal (BRASIL,2004b).

Toassi (2008) pontua que as alterações que o trabalho sofre em função do contexto social, econômico, político e científico tendem a despertar sentimentos paradoxais nos sujeitos, os quais representam tanto vida, realização, emoção e ação, como podem conduzir as degradações, doença e morte. Neste sentido, Merlo e Lápiz (2007) pontuam que os desgastes físicos e psicológicos passam, muitas vezes, a ser banalizados e encarados como se fosse parte da forma normal de trabalhar e viver, expondo “silenciosamente” a saúde do trabalhador.

No campo específico da saúde mental são vários os autores a concordarem que os elementos relativos à organização do trabalho podem constituir fontes laborais de tensão que provocam sofrimento. Tais fontes podem ser encontradas nas situações adversas das condições e relações de trabalho, na carência de recursos humanos ou recursos materiais, e na escassez de espaço físico. Cabe ressaltar, que este sofrimento também pode estar lado a lado com o prazer, formando um único constructo composto (DEJOURS, 2004; MENDES E TAMOYO, 2001).

Spodi (2004) esclarece que em relação aos estudos da Saúde Mental e Trabalho existem dois eixos de abordagens teórico-metodológicas diferentes. Um direcionado para o diagnóstico de sintomas de origem psicológica e suas vinculações às situações de

trabalho e outro que se ocupa, fundamentalmente, das representações dos trabalhadores a respeito de suas experiências no cotidiano de trabalho e nas situações de adoecimento.

2.2 - Trabalho e Saúde do Bombeiro Militar

Em revisão da literatura, com o foco na especificidade do objeto deste estudo, foi realizada consulta na base do *Scielo* com os termos bombeiros e Brasil. Nesta busca foram identificados 18 artigos. A partir da leitura dos resumos selecionamos sete artigos que versam especificamente sobre a temática: bombeiros militares e a relação trabalho – saúde. Acrescentamos a esta busca duas outras referências, uma monografia e uma dissertação de mestrado, obtidas através dos bancos de dados – teses, dissertações e monografias de instituições de pós-graduação brasileira.

No levantamento realizado verificou-se que as referências que correlacionam o trabalho e a saúde na profissão de bombeiros militares, não utilizam abordagens multidisciplinares e tão pouco fazem menção às questões relacionadas ao contexto da atividade real.

Conforme visto, os bombeiros brasileiros são trabalhadores regidos pelo Exército, em que a disciplina e o respeito à hierarquia são rigorosos e devem ser mantidos em todas as circunstâncias da vida entre os bombeiros-militares da ativa, da reserva e reformados (LBM, 1985). Desta forma, podemos reconhecer a força das prescrições neste campo de atuação profissional. Na ótica da análise da atividade, estes profissionais podem vivenciar fortes tensões simplesmente pelo fato de que neste contexto organizacional as *renormatizações* são fadadas à clandestinidade.

Em geral os estudos apontam para a existência dos riscos para a atividade de bombeiro, no que se refere à saúde física e a mental. Além das pressões que acometem a saúde emocional, podemos destacar que em função da manipulação de materiais e em consequência das condições do ambiente de trabalho, estes trabalhadores também estão vulneráveis aos fatores de riscos físicos, químicos, mecânicos e biológicos. Esses fatores são definidos com as seguintes características:

Riscos Físicos - oriundos de agentes físicos nas diversas formas de energia a que possam estar expostos os trabalhadores, tais como: ruído, vibrações, pressões anormais, temperaturas extremas, radiações ionizantes, radiações não ionizantes, bem como o infrassom e o ultrassom.

Riscos Químicos:- São aqueles que têm como fonte geradora, as substâncias, compostos ou produtos que possam penetrar no organismo pela via respiratória, nas formas de poeiras, fumos, névoas, neblinas, gases ou vapores, ou que, pela natureza da

atividade de exposição, possam ter contato ou ser absorvidos pelo organismo através da pele ou por ingestão.

Riscos mecânicos ou de acidentes: São caracterizados por atuarem em pontos específicos do ambiente de trabalho. Geralmente atuam sobre usuários diretos do agente gerador de risco e ocasionam lesões agudas e imediatas, tais como quedas, cortes, queimaduras, esmagamentos e etc.

Na revisão, do total das sete referências analisadas, com respeito às consequências do trabalho para a saúde física foram identificados dois artigos, ambos sobre o risco da perda auditiva. Os bombeiros são profissionais que atuam com longo período de exposição aos altos níveis de ruídos e compreende-se a preocupação referente a este tema, principalmente por se tratar de uma enfermidade progressiva e irreversível. O primeiro estudo, de caráter epidemiológico adotou caso-controle, trabalhando com grupo de expostos e de não-expostos. O grupo de expostos foi subdividido em faixas etárias diferentes de 30 a 39 anos e de 40 a 49 anos. Independente da idade, todos os sujeitos apresentaram alteração no padrão auditivo em comparação ao grupo controle, com maior evidência no grupo com mais idade (ROCHA E COLS., 2010). O segundo estudo de Sousa e cols. (2009) aponta para a possibilidade de que exposição ao ruído proveniente da ocupação no ambiente de trabalho não é a única e maior fonte de desgaste auditivo. A maioria (83,3%) dos sujeitos da pesquisa relatou ser o ruído urbano a maior fonte de pressão sonora. Consideraram (73,9%) para ruído urbano, (68,0%) para ruído de viatura e (38,2%) para ruído do telefone.

Os demais artigos aproximam o trabalho dos bombeiros com os fatores de estresse e suas consequências para a saúde. O estresse se apresenta como uma marcante preocupação em função de ser uma profissão a qual o trabalhador coloca a sua própria vida em risco. Este é mais conhecido como um estado manifestado por uma síndrome específica, constituída por todas as alterações não-específicas que são produzidas num sistema biológico, na tentativa de uma adaptação geral (SELYE, 1959). Outra expressão também marcante do estresse em situações de trabalho é a Síndrome de *Burnout*, definida por uma forma de adaptação que pode produzir efeitos negativos, tanto para o trabalho, quanto para o trabalhador, o qual na falta de habilidade de enfrentamento para atender as questões cotidianas da sua atividade desenvolve estratégias para lidar com o estresse gerado (ABREU E COLS., 2002). A particularidade desta forma de estresse está no fato de ser referido entre os profissionais que geralmente atuam em serviços e mantêm uma atenção direta e contínua com as pessoas.

Cardoso (2004) realizou uma pesquisa sobre estresse profissional com bombeiros militares e detectou que dos 235 profissionais que participaram da pesquisa 55,31% apresentaram níveis de estresse. A pesquisa revelou que os “estressados” possuem idade e tempo de trabalho inferior aos “não stressados”. O estudo também apontou que a predominância dos sintomas psicológicos de estresse entre os bombeiros pesquisados foi quatro vezes maior do que as manifestações físicas, embora seja entendido que quando o indivíduo permanece sob as pressões das forças geradas na organização do trabalho, os sintomas psicológicos são seguidos por sintomas físicos.

A situação de estresse foi encontrada em um estudo realizado por Amato e cols. em 2010, cujo objetivo foi avaliar os indicadores de saúde mental destacando as diferenças entre homens e mulheres. Os resultados obtidos, através de avaliação psicológica, apontaram para o maior comprometimento da saúde mental do efetivo feminino do batalhão, apesar dos homens também terem configurado um perfil de saúde com pontos comprometidos e altas prevalências. Entre as mulheres, o estresse e a depressão, foram encontrados em percentuais de 73,3% e 26,9 % respectivamente. A pesquisa examinou, qualitativamente, alguns fatores com referência aos aspectos positivos e negativos da profissão. Para as mulheres um dos pontos negativos está nos problemas de saúde, no que diz respeito ao estresse, ansiedade, angústia e outros desgastes emocionais. Também foram registrados entre as mulheres, formas de adoecimento como perda de peso e gastrite. Do ponto de vista masculino, o principal aspecto negativo foi a “falta de suporte social”, acompanhado logo em seguida das “características internas” como: ser ansioso, ficar estressado e cobrar muito de si mesmo (AMATO E COLS, 2010, p.108).

Silva (2007) realizou um estudo referente aos fatores que intervêm no planejamento de recursos humanos de um batalhão de bombeiros militares de Minas Gerais. Foram analisados os dados de licenças de saúde, no período de um ano, constatando-se que as situações de estresse e fadiga estão presentes, acompanhadas de traumatismos e outros acidentes durante o trabalho, além do uso de álcool. Nos dados quantitativos observou-se o total de 874 licenças, o que equivale a 5280 dias de ausência no trabalho. As doenças do sistema osteomuscular e tecido conjuntivo correspondem a 21,7% das licenças, equivalente a 1.173 dias não trabalhados, seguindo de 14,1 % referentes as licenças por conta dos transtornos mentais e comportamentos (psiquiátrico), o qual soma um total de 850 dias improdutivos (SILVA, 2007).

Murta e cols (2007), a partir de pesquisa-intervenção, analisaram o material gerado por trabalho de grupo, nas situações de estresse ocupacional em bombeiros, e

detectaram um conjunto de fontes de estresse: organização do trabalho (42,5%), condições de trabalho (38,3%), interpessoais (12,8%) conflitos trabalho-família (6,4%).

Como fonte de estresse e desgaste para a profissão de bombeiro, o estado de alerta (EA) é um estado de prontidão que pode ser decisivo para a eficiência do trabalho. Gonzáles (2006) investigou o estado de alerta nos trabalhadores do Corpo de Bombeiros e a relação entre as doenças provenientes do trabalho. Entende-se que o prolongamento do estado de alerta se reflete como desgaste físico e mental, nas formas de cansaço, transtorno do sono, medo de adoecer, irritabilidade em casa e outros. Ficou claro para os pesquisadores que a maioria dos bombeiros nega o Estado de alerta, possivelmente como uma defesa para minimizar o nível extremo de ansiedade.

Outro elemento associado ao trabalho do bombeiro e as consequências para a saúde é o uso abusivo do álcool. O álcool compõe uma cadeia disparada pelo estresse no trabalho e finalizada pela doença. O artigo de Ronzani e cols. (2007) tratou de apresentar o programa de triagem e intervenção breve (TIB), um trabalho de avaliação e prevenção do abuso do álcool dentro de uma ação geral que busca atingir a saúde e a qualidade de vida dos profissionais bombeiros. Este estudo foi realizado na cidade de Juiz de Fora (MG). Apesar de tratar sobre o uso do álcool por militares, foi observado adesão de 303 (trezentos e três) voluntários neste estudo; sendo registrado que 79 % do efetivo da tropa participaram em alguma fase da pesquisa.

Entre os artigos selecionados somente um focou a discussão na configuração da identidade e escolha profissional, qualidade de vida e trabalho (NATIVIDADE, 2009). O estudo foi realizado no sul do Brasil – Florianópolis, em uma corporação onde foi selecionada de forma aleatória uma amostra de 298 praças para responder um questionário semiaberto sobre a escolha profissional. O conteúdo profissional foi a justificativa mais forte, correspondendo 69,7% das respostas, seguido pelo fator causalidade e gosto pela vida militar. Embora tenha o registro de algum estado de insatisfação em relação à organização e as condições de trabalhos, todos expressaram orgulho pela profissão e atividades desempenhadas.

Na busca ampliada de referências encontramos dados que versam sobre a invisibilidade do real na expressão do adoecimento destes profissionais. O exemplo está relatado na pesquisa de Frutos (2007) que teve como perspectiva a construção do conhecimento sobre a relação entre significado do trabalho e bem estar dos bombeiros militares. Esta revelou que os profissionais sentem-se inibidos em expressar suas dores e sofrimentos. Ao tratar dos transtornos mentais, a dificuldade é maior, posto que estes sintomas não se apresentam fisicamente visíveis para que justifique o afastamento do

trabalho. Em função dos julgamentos culturais alimentados em torno das doenças mentais o trabalhador evita ficar sujeito a estigmas como “frágil”, “fracassado”, “problemático”. Por outro lado, se tratando de dano físico existe um reconhecimento da organização que segundo Frutos (2007) pode ser considerado um fator de valorização, em função do exemplo de coragem no exercício da profissão.

Em suma, as pesquisas apresentadas evidenciam que a categoria de bombeiros militares apresenta um quadro cada vez mais amplo de formas de adoecimento, principalmente os relativos à saúde mental. No entanto, verificamos que existe uma lacuna de trabalhos que considerem a perspectiva da atividade, que contemplem a complexidade do trabalho, revelando suas dinâmicas.

CAPÍTULO 3

O CONCEITO DE ATIVIDADE EM DIFERENTES PERSPECTIVAS

Este capítulo tem como objetivo apresentar o conceito de atividade a partir de diferentes perspectivas. O conceito é tratado como um eixo que atravessa várias abordagens, permitindo pensá-lo na dinâmica da relação trabalho /saúde. Começamos por descrever sucintamente a Ergonomia, que foi a primeira disciplina a introduzir a ideia do trabalho prescrito e trabalho real. Em função dos estudos desenvolvidos a partir dessas ideias surgiu a Ergologia aqui apresentada no segundo momento.

A perspectiva ergológica, é apresentada através das contribuições de Yves Schwartz, e suas principais referências acerca do significado das normas antecedentes, renormatizações e do que o autor denomina uso de si. A terceira abordagem utilizada para falar sobre atividade foi a Clínica da Atividade, representada por Yes Clot, que enfatizou as tensões da atividade realizada e da atividade não realizada. Esta se aproxima da temática da saúde quando remete aos prejuízos que a atividade impedida pode representar para o trabalhador. No quarto item descrevemos os contributos da psicodinâmica do trabalho, cujo principal expoente é o pesquisador Christophe Dejours, o qual aponta os efeitos das tensões inscritas nos modelos de organização do trabalho na saúde mental. Finalizamos o capítulo com a leitura da psicossociologia, mais especificamente, para o entendimento da complexidade das relações estabelecidas entre o sujeito e a organização onde exercem suas atividades. Para esta última abordagem, utilizamos alguns postulados do sociólogo Eugène Enriquez.

3.1 - Atividade no Campo da Ergonomia

A Ergonomia está focada nos estudos da adaptação do trabalho ao homem e o desdobramento deste encontro na saúde do profissional (Wisner,1994). A OIT define ergonomia como “A aplicação das ciências biológicas humanas em conjunto com os recursos e técnicas da engenharia para alcançar o ajustamento mútuo, ideal entre o homem e o seu trabalho, e cujos resultados se medem em termos de eficiência humana e bem-estar no trabalho”. Para a Associação Brasileira de Ergonomia (ABERGO), ergonomia resume- -se no “estudo da adaptação do trabalho às características fisiológicas e psicológicas do ser humano”.

Um dos principais temas trabalhado na abordagem ergonômica é a concepção de trabalho prescrito. Por prescrito entende-se o conjunto de condições e exigências presentes para a realização do trabalho. As condições podem ser exemplificadas pelos dispositivos técnicos, ambiente físico, matéria-prima, equipamentos, etc. Quanto às exigências, são fatores que conduzem o modo como o trabalho deve ser executado. Estão representadas pelas normas, procedimentos, regras, critérios de segurança e etc. (ALVAREZ, TELLES, 2004). Neto (S/D) discrimina que o desenvolvimento atual da ergonomia é caracterizado por quatro níveis de exigências: exigência tecnológica relativa à técnica de produtividade; exigência econômica relativa à qualidade e custo de produção; exigência social relativa às melhores condições de trabalho e exigência organizacional relativa à gestão participativa. Este conjunto de exigências indica que o trabalho prescrito está diretamente sujeito às normas previstas pela organização do trabalho.

Os estudos sobre a organização do trabalho realizados em situações cotidianas levaram à descoberta da existência de um desdobramento em relação ao trabalho prescrito. Desenvolvido pelo grupo da ergonomia (ergonomia da atividade) originados nos países de língua francesa, os estudos demonstraram que o trabalho transcende o previsto pela organização e por isso é sempre distinto do planejado. Na análise de um trabalho caracterizado como taylorista observou-se que, embora as etapas do trabalho tivessem sido rigidamente definidas, os trabalhadores tinham que tomar decisões e controlar incidentes permanentemente. Isto porque existe no trabalho duas faces distintas, uma relativa ao que é para ser feito - tarefa (trabalho prescrito) e outra relativa ao que se faz - atividade (trabalho real). Dada esta conclusão surge uma nova abordagem para atender a um campo de saber específico e tratar das questões que escapam ao escopo da Ergonomia: A Ergologia.

3.2 - Atividade no Campo da Ergologia

A ergologia pode ser considerada uma abordagem do trabalho humano em situações reais. Tem suas origens na experiência pluridisciplinar e pluriprofissional iniciada na Universidade de Provence – França no final da década de 1970, com a criação do dispositivo *Análise Pluridisciplinar das Situações de Trabalho* – APST, tendo como seu principal mentor o filósofo e professor Yves Schwartz.

Yves Schwartz estudou com profundidade o que podemos destacar como conceito de atividade. Construído como uma concepção que atravessa diversas áreas de conhecimento, pode ser uma ferramenta para tratar das questões psicológicas,

biológicas, culturais, individuais, coletivas, privadas e profissionais. Portanto, é um conceito de circulação multidisciplinar capaz de instrumentar e redescobrir fronteiras, objetos e metodologias diversas, sobretudo no mundo do trabalho. Este conceito tem sido utilizado por profissionais para realizar análise do trabalho, como um ponto de vista que remete à várias esferas como: as múltiplas macro gestões inteligentes da situação, as tomadas de referências sintéticas, o tratamento das variabilidades, a hierarquização dos gestos e dos atos, e as construções de trocas com a vizinhança humana. Trata-se de um conceito que oferece uma perspectiva para refletir sobre os problemas alinhados a dinâmica trabalho e saúde (SCHWARTZ, 2004).

Na concepção de Yves Schwartz o conceito apresenta três características fundamentais. A primeira é a Transgressão - relativo à impossibilidade da exclusividade do uso do conceito por um único campo de prática, uma vez que atravessa as fronteiras existentes entre o consciente e o inconsciente, o verbal e não verbal, o biológico e o cultural, o mecânico e os valores, interagindo, portanto, com várias áreas de conhecimentos. A Segunda é a Mediação, referente ao lugar de discussões que se estabelecem tanto no micro quanto no macro, no individual e no coletivo, igualmente entre o local e o global. Por último a Contradição, que refere se as incertezas resultantes do confronto entre normas antecedentes e as singularidades dos seres humanos (SCHWARTZ, 2005).

Cabe reforçar a ideia que todo trabalho para existir é constituído a partir das normas antecedentes, que quando colocadas em prática geram renormatizações. As normas antecedentes são elaboradas por pessoas para outras pessoas, o que já as tornam naturalmente dinâmicas. As normas também são afetadas por valores de ordem cultural, coletiva e social. Ao desconsiderar essas variáveis as normas antecedentes convocam os sujeitos a realizarem opções de condutas diferenciadas das expostas em primeiro plano. Estas opções são tomadas tanto no âmbito individual quanto em grupo. Sendo assim, há um conjunto de “renormatizações” que são elaboradas a partir da atividade do trabalho. As renormatizações da atividade estão presentes nos diversos níveis de normas antecedentes, as quais fazem face ao meio em que opera – das prescrições mais simples presentes na tarefa, às normas políticas e socioculturais. As renormatizações configuram o trabalho de reinterpretação das normas apresentadas como “reguladoras” da atividade. Trata se de uma tentativa do homem ajustar o trabalho ao seu próprio meio, como uma apropriação, de acordo com o seu modo de estar em atividade.

Segundo Schwartz (2003) o trabalho de reinterpretação ocorre de forma contínua e expressa uma forma de retrabalho permanente das normas antecedentes. Sendo assim,

este retrabalho está presente em todo campo de produção onde os recursos “humanos” estão reunidos em função de uma atividade. Em resumo, a renormatização é o retrabalho permanente das normas antecedentes, é a produção de normas da própria atividade (SCHWARTZ & DURRIVE, 2010).

Portanto, a atividade é sempre a confrontação com o real. O que não ocorre de modo direto, mas através da ação. Neste sentido a ação representa o esforço do sujeito para atender uma solicitação da ordem do impossível.

É através da ação que se revela o desvio entre as representações da situação de trabalho e a realidade daquela, que se experimenta aquilo que se furta à vontade, ao domínio, à conquista. Os obstáculos encontrados, e que é preciso ultrapassar, fazem da atividade uma situação em que se põe à prova grau de realismo dos desejos, dos fantasmas do sujeito, da sua representação do conteúdo e das finalidades do seu trabalho (LHUILIER, 2005 p. 210).

No jogo entre o que deve ser feito, a realidade e o que é possível ser feito está a função do trabalho na construção do sujeito e de sua identidade na experiência do trabalho. Por isso Lhuilier (2005) menciona que Schwartz chamou atenção para o equilíbrio da dinâmica entre os polos contraditórios que podem ter efeitos para o sujeito sobre a representação de si. A propósito, os determinantes de uma atividade alcançam limites muito mais abrangentes. O exercício profissional remete o indivíduo a algo como suas escolhas ou seus dramas. Para Schwartz, trabalhar envolve sempre uma *dramática do uso de si*.

A maneira pela qual as coisas se operam obriga realmente o pensamento que reflete sobre o trabalho a se aventurar por um domínio infinitamente mais amplo, onde ele não pode mais avançar com a mesma segurança: os debates dos indivíduos com eles mesmos – fórmula enigmática que vale como simples índice de um problema a elaborar – são tecidos com os atos cotidianos do trabalho (SCHWARTZ, 2000, p.39).

A expressão “uso de si” chama a atenção para a complexidade do humano, remetendo ao fato de que não há somente execução nessa dramática, mas um uso. Trata-se do sujeito sendo convocado em toda a sua subjetividade, com toda a mobilização que nenhuma programação antecipatória do trabalho pode de fato alcançar. Somente ao humano é facultada a habilidade de negociar e resolver problemas.

A demanda de resoluções por parte do homem surge de forma desavisada. É nesta ocasião que o sujeito é convocado a decifrar a oportunidade favorável para desempenhar

com perfeição a sua tarefa. Schwartz ao discutir sobre a *technè* e o *Kairos* (competência técnica e a capacidade de aproveitar as oportunidades) cita:

O tempo da operação técnica não é realidade estável, unificada, homogênea. Sobre a qual o conhecimento teria um império. Trata-se de um tempo agido. O tempo da oportunidade a ser aproveitada, do *kairos*, esse ponto em que a ação humana vem ao encontro de um processo natural que se desenvolve no ritmo de sua duração própria (SCHWARTZ, 2002, p.129).

Neste sentido não há execução, mas uso. Posto que é o indivíduo no seu ser que é convocado, “há uma demanda específica e incontornável feita a uma entidade que se supõe de algum modo uma livre disposição de um capital pessoal. Tal é a justificativa da palavra ‘uso’ e tal é aqui a forma indiscutível de manifestação de um sujeito” (SCHWARTZ, 2000 p.41).

Existe uma tensão contraditória do “uso”, quando se revela que não é somente aquele uso que fazem do sujeito, mas também aquele que cada um faz de si mesmo. Desta forma, realizar atividade é estar ativo no sentido mais amplo da palavra, incluindo escolher a si mesmo e fazer escolhas a partir de seus valores.

Echternacht (2008) pontua que a experiência humana no trabalho constitui-se por intermédio de uma permanente gestão de si mesmo, e na relação da própria história. Por este motivo, a atividade exige uma permanente arbitragem entre o uso de si por si mesmo e o uso de si por outros, o que significa um debate contínuo. O uso de si por si mesmo, e o uso de si por outros” significa um trabalho de interpretação contínua das normas antecedentes com o objetivo de reajustá-las a si mesmo e à situação presente.

Também quando se diz que o trabalho é uso de si, isto quer então dizer que ele é o lugar de um problema, de uma tensão problemática, de um espaço de possíveis sempre a se negociar: há não execução mas uso, e isto supõe um espectro contínuo de modalidades. É o indivíduo no seu ser que é convocado; são, mesmo no inaparente, recursos e capacidades infinitamente mais vastos que os que são explicitados, que a tarefa cotidiana requer, mesmo que este apelo possa ser globalmente esterilizante em relação às virtualidades individuais. (SCHWARTZ, 2000, p. 41)

Assim, o que está na superfície da questão é o fato de que o envolvimento com o trabalho sempre será um encontro com o inesperado, o deparar-se com situações as quais o conhecimento técnico provavelmente será válido, porém não suficiente para ultrapassar os obstáculos presentes no trabalho.

Em síntese, o conceito de atividade na perspectiva ergológica, remete a uma dimensão transformadora. A ideia de atividade equivale ao “fazer de outra forma”,

posto que não é uma ideia projetada no futuro, e sim tratada mediante a realidade. Por este motivo Schwartz (2010) pontua que a noção de atividade para a ergologia, inclui o reconhecimento de que toda situação de trabalho já seja uma tentativa de transformação.

3.3 - Atividade no Campo da Clínica da Atividade

‘A compreensão sobre o trabalho prescrito e o trabalho real, também foi objeto do campo da Psicologia do Trabalho, da qual remetemos à área específica da Clínica da Atividade.

Nesta área contamos com os contributos do psicólogo Yves Clot. Professor em psicologia do trabalho do *Consevoir National des Arts et Métiers*, onde dirige a equipe da “Clínica da Atividade” do *Laboratoire de Psychologie du Travail et de l’Action*.

Para Yves Clot a definição de atividade está diretamente referida à noção de tarefa, posto que para atingir o objetivo principal faz-se necessário atravessar certas condições ou restrições. Neste curso, o operador desenvolve uma atividade que agrupa a sua capacidade técnica, fisiológica e mental. O próprio Clot (2006) remete a Leplat & Hoc, os quais foram categóricos ao definir: a tarefa é aquilo que deve ser feito, a atividade é o que se faz. Contudo, convém ressaltar que a tarefa não é o contrário de atividade, mas que é submetida a uma transformação. Por esta razão a clínica da atividade entende o trabalho, como algo permanente de recriação de novas formas de viver, e não somente a resposta às prescrições (CLOT, 2011).

Através de sua perspectiva analítica o autor percebe uma dimensão de sofrimento que pode ser evocada pela atividade. Na clínica da atividade o sofrimento advém de uma atividade contrariada, um desenvolvimento impedido, representado pela amputação do poder de agir.

O fato de não conseguir realizar uma atividade, seja pelos impedimentos técnicos ou pelas condições do real, pode ser vivido como um fracasso. Segundo o autor, a atividade que não é realizada, provoca uma sensação de insucesso, de frustração. Por isso Clot (2001) descreve como “atividade contrariada”, a qual acaba por impedir o desenvolvimento do sujeito e promove o sofrimento pela amputação do poder de agir. A destituição do *poder-fazer* afeta o sujeito, podendo levá-lo ao sofrimento. Metaforicamente pode-se dizer que a atividade impedida é um tipo de atividade intoxicada, envenenada, danosa à saúde de qualquer homem.

A fadiga, o desgaste, o estresse estão no cerne tanto das atividades realizadas, quanto (ou mais) das atividades suspensas ou impedidas, para as quais são movidos esforços em função da sua realização, ou não.

Para Clot a atividade de trabalho inclui os conflitos do real.

A atividade não é somente aquilo que se faz. O real da atividade é também o que não se faz, aquilo que não se pode fazer, o que se tenta fazer sem conseguir – os fracassos - aquilo que se desejaria ou poderia fazer, aquilo que não se faz mais, aquilo que se pensa ou sonha poder fazer em outro momento (CLOT, 2001, p.6).

O mesmo autor destaca que a atividade possui em si, um volume que excede sua realização. Em função do que denominou conflitos do real, o real representa o que no trabalho é difícil de ser realizado, executado, feito ou dito. Cria-se um paradoxo quando se entende que uma atividade não realizada em sua concretude, não perde o seu valor no âmbito de uma análise. Isto porque o estresse, a fadiga e o desgaste estão presentes mesmo naquilo que o profissional não consegue efetivamente realizar. As atividades removidas, ocultas ou paralisadas, não estão ausentes da vida do trabalho; da mesma maneira que a inatividade imposta, seja pelo empregador, ou pelo próprio trabalhador, também pesam como atividade.

Deste modo, pode-se apreender que a atividade ocupa também lugar do que não se faz, ou ainda, do que se faz sem desejar fazer ou refazer. Sendo assim, as atividades removidas, ocultas ou paralisadas estão permanentemente presentes na vida do trabalhador. Desta forma, o conceito de atividade deve então, incorporar todo tipo de esforço a fim de preservar as possibilidades de compreender toda sua complexidade (CLOT, 2001, 2006).

A clínica da atividade trabalha com referências de atividade realizada e real da atividade. Assim sendo, a atividade realizada, nem sempre é remetida de forma concreta à atividade “concluída”.

Santos (2006), ao trabalhar as considerações conceituais do termo atividade na perspectiva de Yes Clot, aponta na direção de uma rede de atividades, na medida em que remete a um tipo de renovação inevitável. Ou seja, toda atividade é endereçada, muitas vezes a múltiplos destinatários. O endereçamento está implícito na conduta do sujeito, no objeto da tarefa, e na direção aos outros. Em função dessas trocas, pode-se dizer que a atividade é compartilhada em uma rede, uma vez que qualquer atividade é construída em consonância com a atividade e contra - atividade dos outros.

Clot (2011) remete a uma “polifonia de intenções,” significando que a atividade dos sujeitos não cessa de se dirigir aos outros e de levar em conta as histórias deles, para refutá-las ou não. Trata-se de intenções nascidas das discussões entre valores, como uma tentativa de libertar-se das contradições.

Com relação ao reconhecimento, na clínica da atividade, ele é menos o reconhecimento pelo outro, e sim a possibilidade que tem os trabalhadores de se reconhecer no que fazem. Podemos falar sobre o reconhecimento de si em uma história que não é apenas a história dos sujeitos, mas também, a história de um ofício. Uma história que guarda os enigmas, as ambiguidades do trabalho coletivo, a memória dos fracassos, dos problemas sem solução, das proezas realizadas, mas, também das “pequenezes” onde competem o não exequível e o exequível (CLOT, 2011).

Ao correlacionarmos atividade, saúde e trabalho, destacamos os estudos de Lhuillier (2012) os quais apontam alguns aspectos que normalmente são deixados à parte nos debates do campo da saúde do trabalhador. Tais aspectos se referem aos efeitos da invisibilidade do trabalho real, tão presente no cenário contemporâneo no qual o trabalho se inscreve. Este efeito alimenta a negação das origens e processos árduos no trabalho e de seus riscos, contribuindo para o agravamento do sofrimento psíquico. O estresse e o assédio têm sido representados como ícones em termos dos danos à saúde mental, principalmente aos ocasionados pela vida laboral (HIRIGOYEN, 2000).

Condições como subcontratação, trabalho temporário e precarização, são também responsáveis por fatores apontados por Lhuillier (2012) como encobridores das transparências da atividade real. Trata-se das máscaras utilizadas em função da manutenção do emprego. Os trabalhadores tomados pelo medo do desemprego silenciam as suas doenças, bloqueando o acesso às evidências relativas aos constrangimentos e perigos presentes no cotidiano da atividade profissional.

Acessar e refletir sobre as complexidades da relação trabalho e saúde, significa não camuflar qualquer dado utilizado para a execução do trabalho, sendo fundamental ultrapassar as concepções prescritas. Isto porque pensar a relação trabalho e saúde na esfera das regras e normas é restringir o olhar sobre o que se deve fazer, não exatamente sobre o que é feito.

Assim, a análise da atividade real pode conduzir à face “invisível” do trabalho realizado na sua íntegra, inclusive o que não é realizado, ou realizado em lugar de. O estresse pode ser percebido como um retraimento em função das atividades impedidas, um efeito prejudicial consequente das situações nas quais o sujeito não pode se reconhecer no trabalho o qual é responsável por fazer. Desta forma, significa um

investimento frustrado, com um custo psíquico pesado. Lhuilier (2011, p 44) remete a Clot ao reproduzir: “O sofrimento emerge da atividade impedida, de um desenvolvimento impedido, de uma ‘perda de agir;’ esse enfoque repousa sobre uma redefinição da atividade que não se reduz ao que se faz nela”.

Para alcançar o invisível (trabalho real) e perceber as tensões entre o trabalho e a saúde, é necessário não somente ver, como também ouvir, quiçá viver. Visto que para o próprio trabalhador extrair o real da atividade exercida é também uma atividade difícil.

(...) falar sobre o próprio trabalho não é evidente e todas as ciências do trabalho fazem as mesmas análises: as dificuldades de acesso às práticas através do discurso, a complexidade da passagem entre dois registros distintos, o do fazer e o do dizer. Essa passagem supõe que o sujeito se engaje num esforço de análise e de elaboração de sua experiência vivida” (LHUILIER, 2012, p. 23).

Neste exercício surge a face oculta do trabalho, concorrente às prescrições, a versão policiada do trabalho, aquela que é revelada somente em forma de transgressão, nas vestes dos acidentes e perturbações da ordem.

Embora esta seja uma face existente e necessária para a realização das tarefas, os trabalhadores vivem em permanente contradição, posto que, para realizar bem a sua atividade, “renunciam” a face oculta, que acaba sendo recalçada, em detrimento das prescrições e pressões vividas no contexto de trabalho. Os resultados destas tensões estão visivelmente expostos nas estatísticas das doenças relativas ao trabalho, ainda que as correlações sejam estabelecidas de forma factual.

O poder de agir do trabalhador é a peça chave para tornar visíveis as tensões entre as prescrições e o real da atividade. Consiste em agir sobre as renormatizações para atingir dois objetivos: gerenciar as tensões sob as prescrições e proteger a saúde. Criar/recriar normas mesmo que minúsculas, é um exercício que remete à saúde, posto que agir unicamente conduzido pelas prescrição é *invisível*, e nocivo à saúde (SCHWARTZ, 2011)

3.4 - Atividade e Saúde no Campo da Psicodinâmica do Trabalho

A leitura sobre atividade via psicodinâmica do trabalho remete, mais fortemente, à subjetividade: “A gestão concreta da defasagem entre o prescrito e o real depende na verdade da mobilização dos impulsos afetivos e cognitivos da inteligência” (DEJOURS, 2006, p.30).

Segundo Dejours o real do trabalho parte de um ponto que dá a conhecer ao sujeito essencialmente pela defasagem irreduzível entre a organização prescrita e a organização real do trabalho. Enfatiza como remota a possibilidade de cumprir, com rigor quaisquer prescrições, instruções e procedimentos, fazendo entender que a obediência irrestrita às normas levaria ao insucesso. O real do trabalho é a parte do confronto com o fracasso. A partir deste ponto, suas colocações marcam a especificidade de sua escola - a Psicodinâmica do Trabalho - que tem por objeto os processos intersubjetivos que tornam possível a gestão social das interpretações do trabalho pelos indivíduos criadores de atividades (Dejours, 2006, p.64).

Convocada pelas situações concretas de trabalho, a psicodinâmica do trabalho faz seu trabalho de análise através dos referenciais da subjetividade, dos sujeitos e suas organizações. Para esta última, enfatiza que se apresentam com uma grande variedade de contradições. Esta variedade faz com que ocorra uma ininterrupta sequência de ajustes. Assim sendo, Dejours (2004) conclui que estes ajustes transformam-se em um corpo complexo. Por esta razão impossível de conciliação e, sobretudo, de execução. E assim “Concebidas para organizar o trabalho, as prescrições da organização do trabalho levam, às vezes, à desorganização!” (DEJOURS, 2004, P.63). Acrescenta que a organização do trabalho real é de fato um compromisso assumido, não apenas sob as bases do potencial técnico mas na multiplicidade de interpretações presentes neste corpo complexo que interage com múltiplas interpretações, gerando conflitos e criando posições divergentes.

Dejours (2006) coloca que fazer uma operação exclusivamente dentro dos padrões (seguindo o passo a passo das prescrições) seria o equivalente a fazer uma “operação tartaruga”, em que o trabalho é feito com zelo excessivo. De outro modo, o zelo de forma bem dosada configura como algo que é acrescentado pelos trabalhadores à organização prescrita para torná-la eficaz; uma espécie de elo entre o prescrito e o real. O zelo pode ser considerado toda força empregada nas artimanhas, infrações que os trabalhadores introduzem no processo de trabalho para que ele funcione. O profissional coloca em prática um tipo de inteligência também chamada de engenhosidade, inteligência operária, inteligência da prática, ou mesmo atividade subjetivante que diz respeito a um tipo de inteligência que é exercida pelo operário no ato da sua prática. Trata-se de uma inteligência que tem raízes no corpo, e está em constante ruptura com as normas, regras, sendo por isso uma “inteligência transgressiva” (DEJOURS, 1994). Todos os dispositivos mobilizados pela inteligência do trabalho constituem o zelo. Em alguns sistemas, o zelo é fundamental para a eficácia de uma organização do trabalho.

Para Dejours (2006) uma empresa não teria produção se os trabalhadores se esforçassem para seguir à risca, exclusivamente, todas as recomendações de seus superiores. Ao contrário, configuraria uma operação padrão, reconhecida como uma ferramenta reivindicatória usada pelos operários. Este pensamento também foi descrito por Mayo, citado no texto de Enriquez, que "...mostrou, há muito tempo, que se os operários se contentassem em aplicar as diretivas de gabinete dos métodos e não se virassem para contornar instruções burocráticas, nenhuma empresa duraria nem se desenvolveria (ENRIQUEZ, 2000, p.78)".

Dejours (1994) pontua que os trabalhadores constroem suas próprias "regras de trabalho" ou de ofício, adversas às estabelecidas pela organização oficial do trabalho. Enfatiza o autor, que não se trata apenas de truques ou macetes, mas sim de uma articulação coerente, sob as quais são elaborados princípios reguladores destinados às dificuldades ordinárias e extraordinárias. A construção destas regras dá lugar a conflitos, litígios e arbitragens, que se somam aos impactos tanto nas relações sociais de trabalho, como na própria organização técnica. Por este motivo, algumas das experiências acerca da transformação do prescrito permanecem no campo secreto e clandestino, em função do medo e da ameaça do trabalhador de viver um confronto com os idealizadores das prescrições. Esta atitude promove o silêncio das dificuldades do trabalho e a não confiança na gerência. Ao trabalhar de forma a camuflar o real do trabalho, o trabalhador além de valorizar o gerenciamento "irreal" fica sujeito aos créditos de incompetência. Esta vivência de negação é a tradução de uma experiência dolorosa no trabalho que leva a privação de reconhecimento e veicula às questões de adoecimento e sofrimento psíquico. Conforme aponta Lhuillier (2012) a negação do trabalho real colabora para o apagamento das origens dos processos de sofrimento e dos riscos contribuindo para o agravamento do sofrimento psíquico.

Dejours e Abdoucheli (1994) descrevem a organização do trabalho considerando duas faces: por um lado a divisão do trabalho, composta pela divisão de tarefas entre os operadores, repartição, cadência representante do modo operatório prescrito; e por outro lado, a divisão de homens, que remete à repartição das responsabilidades, hierarquia, comando e controle campo onde se apresentam as manifestações sociais do trabalho.

A relação entre a atividade e a organização do trabalho aparece como um dos pontos mais contundentes no desencadeamento do sofrimento do trabalhador: Quando são esgotados os meios de defesa contra a exigência física, quando é usado o máximo das faculdades intelectuais, psicoafetivas, de aprendizagem e de adaptação; e quando não é possível trocar de tarefa. Diante destes fatores pode-se dizer que o trabalhador é

vencido pela organização, uma vez que a relação apresenta-se completamente bloqueada. (DEJOURS, 1992).

Este bloqueio representa um verdadeiro dilema no “manejo” da carga psíquica e da organização do trabalho. Dejours (1994) coloca que, sendo a organização do trabalho responsável por “dividir” o conteúdo das tarefas, também faz o mesmo nas relações humanas de trabalho. Essa divisão carrega em si o propósito de dominar, controlar e explorar a força de trabalho, aprisionando o livre arbítrio do trabalhador. Quando não há flexibilidade na organização do trabalho, nem espaço para o trabalhador exercer sua liberdade nos procedimentos e transformações do seu *modo operandi*, o trabalho torna-se fatigante. Conseqüentemente a chance de se obter prazer por meio da atividade, torna-se cada vez mais distante.

(...) Em geral, a carga psíquica de trabalho aumenta quando a liberdade de organização do trabalho diminui. Essa regra é modulada pelo jogo da livre escolha do ofício. A carga psíquica do trabalho é a carga, isto é, o eco ao nível do trabalhador da pressão que constitui a organização do trabalho. Quando não há mais arranjo possível da organização do trabalho pelo trabalhador, a relação conflitual do aparelho psíquico à tarefa é bloqueada. Abre-se, então, o domínio do sofrimento (...) (DEJOURS, 1994, p. 28).

O fato é que o sofrimento está presente em toda relação estabelecida entre o trabalhador e a organização do trabalho, uma vez que corresponde ao estado despertado no sujeito, para a luta contra as pressões que o empurram em direção à doença mental. Por se tratar de uma produção originada na organização do trabalho, estas pressões podem ser caracterizadas pelo o temor de não satisfazer à altura as imposições da organização do trabalho. Tais pressões estão representadas diante de fatores como imposições de horário, de ritmo, de formação, de aprendizagem, de experiência, de rapidez de aquisição de conhecimentos teóricos e práticos e de adaptação à “cultura” ou a ideologia da empresa. (DEJOURS, 2006).

Em relação às defesas, cabe primeiramente destacar que se trata de uma forma de *eufemização* da percepção que os trabalhadores possuem da realidade que os faz sofrer. Trata-se de uma criação dos trabalhadores para enfrentar os constrangimentos existentes no campo de sua atividade.

As defesas têm potencialmente os efeitos de adaptação; permitem o acesso à adaptação aos riscos e impedem, parcialmente, a tomada de consciência das relações de exploração. Formam o que Dejours (1992, 1994, 2004) definiu como estratégias defensivas coletivas (ou individuais), caracterizadas como uma construção social que

possibilita ao trabalhador dominar e minimizar a consciência o sofrimento, na tentativa de transformá-lo em prazer e vencer a doença. (BRANT, MINAYO-GOMEZ, 2004). De modo que, quando o trabalhador não consegue neutralizar o sofrimento, este se manifesta em forma de adoecimento. Assim, pode-se considerar que as estratégias defensivas são o resultado de um grande investimento feito pelos trabalhadores; uma operação mental no combate contra os constrangimentos impostos pela organização do trabalho. Devido à força contida nestas estratégias, os mecanismos podem evoluir para a formação de ideologia coletiva, a qual é marcada por algumas especificidades descritas por Dejours (1992).

A ideologia coletiva faz com que os mecanismos de defesa individuais sejam anulados, e por isso observa-se um “pacto” de participação entre os trabalhadores do grupo. Os sujeitos que decidem não aderir à ideologia formulada pelos companheiros, comumente permanecem sob a pena de exclusão. Desta forma, ao reverso das estratégias defensivas coletivas, a ideologia acaba por seguir a lógica das relações de poder, tal como as organizações, podendo inclusive promover a violência entre os trabalhadores (DEJOURS, 2004).

Neste sentido, a estratégia defensiva torna-se tão preciosa para os trabalhadores que acaba por ser transformada em um objetivo em si mesmo. O sofrimento passa a ser entendido como o resultado do enfraquecimento das defesas e não como um produto da organização do trabalho. Como consequência é erguida a defesa das defesas.

O caso da construção civil é um exemplo clássico, em que os trabalhadores enfrentam os riscos através de uma forma muito específica da sua percepção. Os operários negam o risco de sua atividade e se expõem de forma a desafiar a morte. O objetivo alcançado com esta atitude é o apagamento consciente dos riscos, alimentado por outras ações como o uso de álcool entre os trabalhadores, e a proibição de assuntos entre eles que envolvam temas referentes à vivência do medo. Entre os operários, a lógica dita que um homem de verdade deve dominar o medo, multiplicar as demonstrações de coragem, e assim convencer os demais a compartilhar os mesmos riscos. Caso não seja capaz de agir dessa forma pode ter sua virilidade questionada.

Em função de fugir do sofrimento que brota das exigências da organização do trabalho, os profissionais buscam realizar suas atividades, ainda que para tanto, tenham que lançar de recursos internos para atender as demandas pelas quais são responsáveis. Dejours (1994) destaca a inteligência astuciosa em atividade como um dos resultados do sofrimento. Apesar de ser elaborada no espaço psíquico privado, ela passa por um tipo de validação social.

A inteligência astuciosa auxilia o trabalhador na solução do conflito entre as prescrições definidas pela organização do trabalho e o real da atividade, o que conceitualmente define a diferenciação entre tarefa e atividade. Todavia, podemos nos antecipar, ao destacar que as tentativas de reduzir o distanciamento entre as prescrições impostas pela organização e o real da atividade implica na realização de experiências novas (invenções), o que na maioria das vezes leva ao desencadeamento de um sofrimento muito intenso, sendo prejudicial tanto para o plano psicológico, como para a saúde global do trabalhador.

Contudo, conforme as colocações de Dejours (2012, pág. 1778), o sofrimento transforma-se em uma exigência de superação na qual repousa a esperança, situando-se “no ponto de partida da inteligência, esta inteligência que será necessária mobilizar para preservar na provocação afetiva que é imposta ao sujeito quando de sua confrontação com o real”.

Nesta perspectiva, o sofrimento possui a propriedade de fazer emergir do sujeito um tipo de inteligência mobilizadora que se expressa nas ações criativas diante do real de sua atividade. Por este motivo pode-se falar em sofrimento criativo, o qual corresponde a ação do sujeito em produzir soluções favoráveis para a sua vida, especialmente para a sua saúde. Pela característica criativa, este tipo de sofrimento pode ser considerado como positivo, em função de toda mobilização por ele desprendido, e em relação aos resultados obtidos. Ao contrário, existe outro tipo de sofrimento – o patogênico, que sob a pena dos resultados negativos, é referido quando o sujeito produz soluções desfavoráveis para a sua vida e para a sua saúde (RODRIGUES e cols, 2006). O produto da inteligência astuciosa – a invenção – é submetido ao reconhecimento da hierarquia, e ao reconhecimento dos pares. No reconhecimento está a possibilidade de transformar o sofrimento decorrente do trabalho em prazer e saúde. Esta é uma condição que implica o sujeito na mobilização subjetiva da inteligência para o julgamento. Assim, o reconhecimento no trabalho passa por julgamentos.

Dejours (2004) expõe duas formas de julgamento: o Julgamento da utilidade e o Julgamento estético. São julgamentos construídos rigorosamente acerca do trabalho concluído, pelos autores engajados na gestão de sua organização. O primeiro é formulado pelos superiores hierárquicos que avaliam a qualidade do trabalho efetuado numa relação vertical. Já o julgamento estético ou de beleza é visto como muito exigente e severo, por ser proferido pelos pares “o sujeito é reconhecido como possuindo todas as qualidades daqueles que formam o coletivo de trabalho, ou seja, a equipe ou a comunidade à qual pertence” (DEJOURS, 2004, p.187). Neste, fatores

como originalidade, criatividade e inovação são pertinentes ao conceito de beleza, portanto é preciso visibilidade para fazer o sujeito ser reconhecido.

Até aqui, a psicodinâmica do trabalho sugere a compreensão de que a organização do trabalho exerce forte influência sob a saúde do trabalhador ao provocar um desequilíbrio somático. O bloqueio dos esforços que trabalhador utiliza em função de adequar o modo operatório às necessidades de sua estrutura mental consolida-se como fonte de sofrimento.

No caso dos militares, tratando-se de uma organização do trabalho orientada sob forte disciplina, o profissional permanece limitado a seguir normas e determinações, restringindo a espontaneidade da execução do seu modo operatório. Para preservar a própria sobrevivência psicológica os bombeiros militares também utilizam estratégias defensivas, como mecanismos desenvolvidos com base na história de vida e recursos adquiridos com o treinamento e ao longo da experiência profissional. Os mecanismos de defesa ativos são expressos em comportamentos como a indiferença e a distância afetiva .

3.5 - Atividade - uma leitura das relações entre os sujeitos e organização – Visão da Psicossociologia Francesa

Neste item remetemo-nos à atividade, não especificamente como um conceito, mas como um componente importante das relações constituídas entre os sujeitos e as organizações. A qualidade dos vínculos estabelecidos no contexto da atividade pode traduzir o modo como o trabalhador vivencia o seu cotidiano profissional. Assim, podemos observar por intermédio das alianças estabelecidas entre o trabalhador e a organização, que a pressão dos acordos e dos pactos exerce influência na saúde dos profissionais. Com base nesta lógica, entendemos a importância de expor uma abordagem da clínica do trabalho, a qual promove a visão do sujeito inserido no contexto das relações sociais de trabalho.

Embora o conceito de atividade não se revele explicitamente nos postulados da psicossociologia, esta tem sido apontada como uma abordagem muito apropriada na produção do diálogo epistemológico com as clínicas do trabalho. Principalmente nas análises mais complexa, nas quais o trabalho real e a experiência dos trabalhadores tornaram-se categorias importantes na compreensão do sujeito e do seu papel na sociedade (CARRETEIRO E BARROS, 2011). Por essa razão incluímos a psicossociologia francesa no conjunto de abordagens selecionadas para este estudo, por

entender que a visão proposta pela leitura da psicossociologia apresenta-se como uma ferramenta adequada para a exploração do objeto da pesquisa.

Como clínica do trabalho, a psicossociologia promove no campo laboral, uma discussão propositalmente híbrida, acerca das reciprocidades e tensões entre o psíquico e o social, o indivíduo e o coletivo. Consiste em um conhecimento interdisciplinar que incorpora os conhecimentos da sociologia, psicanálise, ciências da linguagem, psicologia e psicologia social. Enquanto abordagem teórico - metodológica volta-se especialmente para o estudo e intervenções em organizações e grupos humanos, valorizando o posicionamento clínico e a compreensão das fontes de sofrimento nos grupos, organizações e comunidades (BARUS-MICHEL E COLS., 2005).

Tratamos aqui, especificamente da concepção de Eugène Enriquez, que enfatiza a dimensão imaginária, intersubjetiva e grupal das organizações. Nessa abordagem a organização é analisada como um elemento vivo onde os sujeitos projetam seus desejos de afiliação (AZEVEDO, BRAGA NETO, SÁ, 2002).

A psicossociologia, ao focar os grupos, organizações e comunidades em situações cotidianas, produz explicações sobre a criação e evolução dos vínculos. Sendo assim, não estabelece separação entre o afetivo e o institucional; ao contrário busca conhecer os condicionantes sociais e psíquicos, assumindo que os sujeitos não se ligam às organizações somente em função de vínculo material, mas também em função de estabelecer vínculos simbólicos, imaginários e afetivos (AZEVEDO, 2010). Nesta perspectiva, a organização possui os mesmos problemas inatos do vínculo social que operam e afetam a vida psíquica dos indivíduos. A partir disso, conclui-se que os elos dos indivíduos com a organização ocorrem por meio da formação dos vínculos afetivos, imaginários, simbólicos e inconscientes. (AZEVEDO, 2005).

Os psicossociólogos consideram que o homem e a sociedade, estão ligados através de um sistema mediador que pode estar representado no grupo, na organização ou na instituição. Para Enriquez (1974) a sociedade é interiorizada pelos sujeitos por intermédio dos grupos que lhes servem de referência. Cada um desses grupos tentará se colocar como a referência mais importante e tentará mobilizar subjetivamente os sujeitos, pelo que o autor denominou de imaginário social, que suscita identificação, idealização e adesão.

Na leitura psicossociológica, as organizações são acima de tudo sistema cultural, simbólico e imaginário. As empresas modernas buscam mobilizar seus trabalhadores através de estratégias simbólicas e imaginárias para que eles se dediquem de corpo e alma ao trabalho. Diante do contexto da sociedade contemporânea, onde as referências

são fluídas (AZEVEDO, 2005), a vida dos sujeitos passa a girar, em grande parte, em torno da organização. Há um investimento narcísico nas organizações que se tornam espaço para reconhecimento das necessidades afetivas dos seus membros, sendo, portanto mobilizada a vida psíquica dos sujeitos. Na dinâmica das organizações, convivem dois níveis da realidade: uma objetiva e consciente e a outra fantasmática e inconsciente. Como campo passional mobiliza os indivíduos para cooperação, mobilizando até mesmo a paixão. O sujeito por vezes responde às expectativas da organização com entusiasmo, porém quando ela considera não necessitar mais dele, simplesmente o informa sem contemplação (ENRIQUEZ, 1997). Assim, as organizações de trabalho são consideradas um exemplo de grupo mediador, interessado na mobilização do imaginário dos seus membros e na manipulação do inconsciente.

Este movimento é considerado uma alienação alimentada pela organização, uma vez que os sujeitos centram-se cegamente no objetivo de desenvolver as qualidades exigidas pela organização, colocando-se inteiramente à disposição.

Deste modo, o imaginário pode ser compreendido como um conjunto de significações que estão presentes na subjetividade humana, mas que também se constituem como imaginário social e até mesmo organizacional, que acaba partilhado subjetivamente pelos membros de uma organização. O vínculo dos indivíduos com as organizações tem por base essa dimensão imaginária. Os trabalhadores constroem uma “adesão” a partir das significações imaginárias dominantes. Essas significações são a base da identificação dos trabalhadores com seu trabalho e com a organização. Elas expressam um ideal comum a ser partilhado, levando à adesão aos seus valores sem reflexão. O trabalho articula certa produção de sentido mediada pela dimensão imaginária e simbólica.

Na perspectiva psicossociológica, para o trabalho de análise das organizações, faz-se necessário adotar uma visão resultante de duas vertentes: Uma referente aos projetos racionais e conscientes, e outra relativa às fantasias e aos desejos. Através desta conjunção configuram-se duas cenas: a racional e a do inconsciente e do imaginário (AZEVEDO, 2010).

O homem no seu processo de socialização nas organizações é “apreendido” por estratégias, que em primeiro plano sugerem uma condição natural, mas que a priori se inscrevem na lógica do imaginário social.

Toda organização dispõe de um sistema de normas e valores procurando levar seus membros a certo modo de apreensão do mundo, buscando orientar suas ações. Tal processo de socialização e as

representações sociais assim conformadas encontram equivalência, do ponto de vista psíquico, em imagens compartilhadas pelos sujeitos sobre as organizações a qual pertencem, conformando um imaginário social mais ou menos interiorizado pelos seus membros. Assim, a organização e o trabalho adquirem sentido para os indivíduos não somente por seus imaginários individuais, mas também por uma dinâmica psicossocial e a conformação de um imaginário social (AZEVEDO, 2010, p.979).

O imaginário social das organizações, no que se destaca a compreensão do papel do sujeito, dos processos grupais e sistema de valores, é construído através do que Enriquez (1997) denominou sistema cultural, simbólico e imaginário.

A produção de sentido é fruto do cruzamento entre demandas e anseios narcísicos e de reconhecimento dos sujeitos e as demandas imaginárias e simbólicas das organizações.

Dentro deste sistema, o imaginário é apresentado em duas perspectivas: imaginário enganador e imaginário motor. Através destes sistemas e Eugène Enriquez fala sobre os indivíduos e suas relações com as organizações. Para o contexto do nosso estudo, destacamos o imaginário enganador.

O imaginário enganador cumpre uma função protetora capaz de responder aos desejos narcísicos de reconhecimento e potência, submetendo os trabalhadores a um sistema específico de interpretação da realidade. Este imaginário tenta prender os indivíduos nas armadilhas de seus próprios desejos de afirmação narcisista, e a organização, por outro lado, oferece a garantia de proteção do risco da quebra da identidade, angústia de desmembramento despertada e alimentada por toda a vida em sociedade. Assim, aos sujeitos são oferecidas as couraças sólidas do papel e da identidade da organização (ENRIQUEZ, 1997).

Na perspectiva do imaginário enganador, a organização tende a conduzir os sujeitos a tomarem, por empréstimo, o imaginário da própria organização que se apresenta como divina, toda poderosa, única referência que nega o tempo e a morte. Porém, esta mesma organização também é afetada por seus temores e medos específicos. Com isso carrega a ambiguidade de ser superpoderosa e, ao mesmo tempo, extremamente frágil. É com essa composição que visa ocupar a totalidade do espaço psíquico das pessoas e estabelecer um grupo homogêneo.

O imaginário enganador é o predominante na vida organizacional, e é através dele que os sujeitos experimentam o sentimento de pertencimento, admiração ou temor pelos seus superiores, o que possibilita o reconhecimento de para si e para os outros enquanto membros da comunidade organizacional (ENRIQUEZ, 1997).

Assim, a organização apresenta-se como fonte de estabilidade psíquica e tranquilização narcísica, uma vez que é encarada como possibilidade de libertação do desamparo original e do medo da morte. A coesão obtida será defensiva, fruto de um contrato narcísico, em que cada um teria seu narcisismo poupado enquanto se integra ao narcisismo da organização.

Em relação ao segundo tipo de imaginário, o motor, está presente no que toca a diferenciação entre os sujeitos e uma visão não monolítica ao projeto comum da organização. Revela-se no favorecimento da criatividade, aceitação da diferença, oposição da repetição, e possibilita que o projeto comum seja pensado como raiz de mudanças e práticas sociais inovadoras (AZEVEDO, 2005). O imaginário é motor quando a organização permite às pessoas utilizarem sua imaginação criativa no trabalho sem a repressão das normas imperativas (ENRIQUEZ, 1997). Conforme aponta Freitas (2006), por ser um imaginário que abre espaço para o questionamento da própria organização e de suas regras, não é o que se vê com frequência na prática.

O sistema imaginário agrega-se aos mitos fundadores e unificadores, aos ritos de iniciação, de passagem, de execução que produzem significados para seus membros. Os mitos, ritos e heróis vivem na memória coletiva e atuam como referência permitindo uma significação pré-estabelecida e uma legitimação de certas práticas. Os mitos possuem uma dupla função: solidificar um vínculo afetivo e inscrever os sujeitos nos comportamentos em conformidade com a ordem, paralelamente exercer um controle social intelectual.

Para Enriquez (1997) nenhuma organização sobrevive sem segregar um ou mais mitos unificadores, sem instituir rito de iniciação, de passagem e de execução, sem formar os seus heróis tutelares, sem narrar ou inventar uma saga que viverá na memória coletiva.

O mito nas organizações atua de forma a criar vínculos sociais entre elementos de uma comunidade. No que se refere às organizações, os mitos narram, por vezes, verdades em fragmentos, facilmente confundidos com fruto da imaginação. Isto ocorre através das narrativas perpetuadas dos relatos que visam à fascinação, ao enfeitiçamento daqueles que o escutam; com a função de provocar no próximo um processo de comunicação afetiva com as ações dramáticas que formam a matéria da narrativa. Desta forma, provoca na comunidade uma identificação com os protagonistas do drama.

Para manter as narrativas atualizadas e “encarnadas” na comunidade, é necessário um constante fortalecimento. Isto porque acontece um desgaste natural que pode

comprometer a adesão da sociedade, o qual decorre da mobilização afetiva despertada. Desta forma é necessário manter a narrativa viva em um discurso atual e circulante.

O fortalecimento das narrativas nas organizações atua de forma a manter os mitos com nova *roupagem* no cenário modernizado. “... A mudança, a inovação, a ruptura são impensáveis, salvo se novos mitos substituïrem os antigos...” (ENRIQUEZ, 1997, p. 50)

O desejo que as organizações possuem de atuarem como comunidades com o conhecido perfil que englobam seus membros a fim de fazê-los interiorizar os valores culturais e estarem prontos a se sacrificarem por elas, faz com que voltem a apelar para mito. As organizações esperam que os indivíduos dediquem-se exclusivamente, comportem-se adequadamente e atuem como heróis, guerreiros, esportistas. (ENRIQUEZ, 1997).

A abordagem psicossociológica pode nos ajudar a compreender a natureza dos vínculos que os indivíduos estabelecem com as organizações onde exercem sua atividade. Pode nos apoiar para entender o vínculo do trabalhador bombeiro com seu ofício e com a corporação. Assim, podemos depreender que ser bombeiro, envolve além do real, também uma dimensão simbólica e imaginária associada a uma construção mítica, salvadora e heroica que, se tem uma base no real, é também fruto de um trabalho imaginário e simbólico. Essa base constitui-se em referências, ancoragem para que cada sujeito possa lidar com as dificuldades inerentes ao ofício e também com o reconhecimento que poderíamos denominar de ambivalente, que se expressa nas condições de trabalho e de remuneração. Certamente, esse imaginário tem uma dimensão enganadora, mas ao mesmo tempo parece existir uma base para a construção de um imaginário motor, que pode favorecer e apoiar subjetivamente a mobilização e movimentos reivindicatórios.

Quadro 4 - Dinâmica das relações Atividade, Trabalho e Saúde na perspectiva da Ergologia, Clínica da Atividade e PDT.

Dinâmica das Relações	Ergologia (Yves Schwartz)	Clín. da Atividade (Yves Clot)	P DT (Christophe Dejours)
Atividade	Transgressão Mediação Contradição Renormatização Uso de si	Atividade é o que se faz e o que não se faz	Atividade subjativante Gestão de defasagens
Trabalho	<u>Invisibilidade do real</u> nega as origens origens dos processos árduos de trabalho e seus riscos.	<u>Conflitos do real</u> O trabalhador diante do fracasso.	Considera a <u>Organização do Trabalho</u> como ponto fundamental da relação
Saúde	<u>Invisibilidade</u> - desencadeador de sofrimento psíquico	Os <u>impedimentos do poder de agir</u> promovem sofrimento psíquico	<u>Org. do trabalho</u> - desencadeador de sofrimento psíquico <u>Estratégias defensivas</u>

Quadro nº 5
Dinâmica das relações Atividade, Trabalho e Saúde
Psicossociologia

Psicossociologia
(Eugène Enriquez)

1. Promove discussão das tensões psíquicas e sociais.
2. Foco nas situações cotidianas, na formação e evolução dos vínculos.
3. O vínculo dos indivíduos na organização tem por base a dimensão imaginária.
4. Os trabalhadores constroem uma “adesão” a partir das significações imaginárias dominantes que passa a ser a base da identificação dos trabalhadores com a organização.
5. O imaginário social das organizações é construído através do sistema cultural, simbólico e imaginário.

Imaginário

Enganador

Conduzir os sujeitos a tomarem por empréstimo o imaginário da própria organização.

Motor

Utilização da imaginação sem repressão das normas Imperativas.

CAPÍTULO 4

PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo trata de expor os caminhos traçados na investigação, para desvendar as tensões e os reflexos resultantes da relação entre o trabalho e a saúde na atividade dos bombeiros militares, e tecer algumas conjunções sobre os aspectos mais relevantes acerca deste universo profissional.

O que se explora neste estudo é a realidade traduzida por meio do trabalhar dos sujeitos, na tentativa de tornar visíveis os aspectos frequentemente ocultados, visto que “(...) no trabalho temos a tendência a ver só o prescrito (...) tudo que é da ordem do real é mais dificilmente visto e verbalizado, carrega em si um caráter enigmático” (SCHWARTZ, 2010, p. 70).

Os postulados referentes – saúde e atividade – foram articulados ao conjunto de ferramentas teórico-metodológica composto por três abordagens: ergologia, clínica da atividade e psicodinâmica do trabalho, as quais permitiram uma leitura privilegiada sobre a atividade dos bombeiros militares e os reflexos na saúde destes profissionais.

De forma complementar, utilizamos alguns conceitos da psicossociologia francesa que auxiliaram na concepção mais específica no que tange as relações entre os sujeitos e a organização.

Em síntese, o estudo sustenta-se, teoricamente, por quatro clínicas do trabalho, que em suas essências não se apresentam totalmente homogêneas, apesar da aproximação epistemológica. Contudo, pela diversidade e pelas confrontações contribuem para a análise da atividade de bombeiro militar, no contexto contemporâneo, em que os debates sobre trabalho e saúde implicam e transcendem as fronteiras econômicas, políticas e sociais.

Conforme aponta Brito e cols. (2012), apesar das distinções, as clínicas são pertinentes para a compreensão das complexas relações saúde-trabalho, uma vez que processam, simultaneamente, o biológico, o psicológico e o social, sem renegar as instâncias ideológicas, econômica e político-jurídicas.

O ponto comum entre estas clínicas do trabalho - ergologia, clínica da atividade, psicodinâmica do trabalho e psicossociologia – incide no fato de que todas se distanciam do modelo clínico “individualista”, focado apenas nos processos intrapsíquicos que se isentam de considerar as ramificações sociais do sujeito da clínica.

Ao contrário, buscam o equilíbrio entre o psíquico e o social, levando em conta os jogos complexos de reciprocidade e tensão (BENDASSOLLI E SOBOLL, 2011).

A psicossociologia francesa apresenta-se como uma perspectiva teórico/metodológica que favorece a descoberta e a coprodução de sentidos do trabalho pelos sujeitos envolvidos. Especificamente neste estudo, a psicossociologia francesa possui pertinência por auxiliar na compreensão da relação entre o homem e a organização, uma vez que a compreensão da dimensão imaginária apoia a construção do sentido do trabalho para o sujeito.

O estudo empírico centrou-se na realização de entrevistas, buscando favorecer a apreensão das histórias sobre o cotidiano de trabalho dos bombeiros, o que propicia um processo interativo com o pesquisador. A entrevista teve um caráter semiestruturado. Utilizamos também o recurso do trabalho com fotos, como disparador. Optou-se ainda por um questionário complementar para coleta de dados objetivos dos entrevistados.

4.1 Natureza do estudo

Conforme já enunciado, a centralidade deste estudo está na elaboração da análise acerca da relação estabelecida entre o trabalho e a saúde, no contexto da atividade do bombeiro militar. Para tanto, entendemos que a abordagem qualitativa apresentou-se como mais adequada na exploração do tema, uma vez que o propósito está em detectar a dimensão intersubjetiva situada entre os sujeitos e a atividade por eles exercida, explorando as significações, crenças, valores e atitudes dos profissionais ao prestarem os serviços (MINAYO, 1994).

Caracterizamos esta pesquisa qualitativa, como de natureza exploratória, visto que a proposta é apreender o máximo de experiências em torno do objeto do estudo (TRIVIÑOS, 1987).

Na exploração dos subsídios teóricos que nortearam a investigação, a título de contextualização, foi realizado levantamento bibliográfico relativo ao histórico da profissão de bombeiro, etapa que se definiu por um trabalho de levantamento bibliográfico e documental.

Como complementação da fase exploratória do estudo, foi realizado levantamento da literatura portuguesa sobre a profissão e também entrevistas com bombeiros de Portugal. A intenção foi realizar uma observação, em campo, em um país (Portugal) cuja organização da categoria é estruturada de forma diferenciada à adotada no Brasil. Esta experiência contribuiu para uma melhor visão dos diferentes fatores socioculturais e políticos que compõem os diferentes perfis da categoria profissional.

Quanto à utilização da abordagem qualitativa, Minayo (1996) pontua ser aquela que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Procura-se entender a forma como as pessoas interpretam e conferem sentidos às suas experiências e ao mundo em que vivem.

Ao considerarmos que o campo escolhido – Corpo de Bombeiros Militares – é uma instituição pública ligada à prestação de serviço, podemos citar Deslandes e Gomes (2004) que consideram a pesquisa qualitativa apropriada para estudos com foco em grupos, movimentos sociais, conjuntos de interações pessoais e instituições.

Groulx (2008) aponta, de forma mais específica, a pertinência da pesquisa qualitativa para compreender os problemas ligados à utilização de serviços públicos, sendo avaliada como uma estratégia produtiva para os estudos nos meios institucionais. O autor coloca que a utilização da abordagem qualitativa permite superar as definições institucionais oficiais, o que facilita a compreensão e a análise dos mecanismos em jogo nas questões burocráticas e profissionais. De forma que, a pesquisa qualitativa fomenta a dissociação do discurso meramente administrativo do profissional, superando os discursos oficiais dos problemas e, assim, promovendo a análise das situações reais vividas pelos sujeitos.

Para além, Groulx (2008) faz uma consideração muito pertinente ao eixo teórico apresentado neste estudo, nomeadamente relativo ao conceito de atividade na perspectiva da ergonomia, no que se refere à tarefa prescrita e ao real da atividade. Segundo o autor, no que tange aos serviços da administração pública, a análise qualitativa tem a propriedade de ressaltar a complexidade dos modos de funcionamento, os quais se estabelecem de forma, geralmente, contraditória ou conflitante, em oposição às prescrições ou ao sistema de normas.

A entrada no campo se deu por meio do setor responsável pela conservação do acervo histórico da corporação, uma vez que a pesquisa envolveu fotos dos profissionais em atividade, as quais foram selecionadas do acervo oficial de imagens da Corporação. Neste local, são agendadas visitas públicas que podem ser ou não acompanhadas por um guia com a função de recepcionar o visitante e fornecer todo tipo de informação inerente ao material em exposição.

Este local foi o que podemos considerar “porta de entrada” para a execução da pesquisa, onde um militar recebeu a pesquisadora e, após ter conhecimento do estudo, prontificou-se em prestar o auxílio necessário em todas as etapas.

4.2 - Trabalho com Fotos

Anterior às perguntas da entrevista semidirigida, foi exibido um conjunto de dez fotos selecionadas do acervo do museu do CBMERJ. As fotos foram utilizadas como um disparador das narrativas desejadas. Por esta razão, continham cenas de profissionais em variadas modalidades de socorro. Após o primeiro momento de observação das fotografias, os profissionais respondiam às perguntas elaboradas com base no roteiro.

A reação dos sujeitos diante da utilização das fotos pode ser avaliada como positiva. Todos demonstravam estar satisfeitos em ver retratada sua atividade, indicando que a ferramenta foi recebida com simpatia. Alguns dos profissionais reconheceram a si próprios ou outros companheiros de profissão. As fotos pareceram representar um bom estímulo aos que participaram do estudo como também aos outros trabalhadores, os quais se aproximavam demonstrando curiosidade.

A proposta da fotografia como recurso metodológico surgiu a partir do estudo sobre subjetividade e trabalho, na medida em que havia a necessidade de alcançar os aspectos do trabalho “invisível” inclusive para o próprio trabalhador. Neste sentido, a fotografia pode ser utilizada como uma estratégia metodológica que remete algumas discussões acerca do terreno da atividade real. Este método tem como característica a possibilidade do pesquisador observar e dissecar a realidade para melhor descrevê-la (MAURENTE E TITTONI, 2007).

A imagem fotográfica foi incorporada pela sociologia e antropologia como instrumento metodológico no elenco de técnicas de investigação. Trata-se de um recurso que, nos diferentes campos, amplia e enriquece a variedade de informações de que o pesquisador pode dispor para reconstituir e interpretar a realidade social estudada (MARTINS, 2009).

Kossoy (2001) define a fotografia como “resíduo do passado”, uma fonte aberta a múltiplas significações para historiadores, cientistas sociais e outros estudiosos. Ela tem o caráter de testemunhar a história, os fatos sociais. A imagem fotográfica não pode ser considerada um instrumento passivo, pois ela tem o poder de transformação. A imagem convida o observador a fazer uma reflexão, assim como questionar, analisar sobre os fatos ocorridos, proporcionando mudanças dentro do desenvolvimento da construção social e cultural (DINIZE VEIGA, 2010). De maneira que a imagem fotográfica pode ter um valor que não está apenas no visível concretamente retratado, mas no que é sugerido e que se revela de acordo com a bagagem sociocultural de cada leitor.

Quadro 6: Descrição das fotos utilizadas como disparador da entrevista

FOTO	DESCRIÇÃO DAS FOTOS
01	Foto em preto e branco. A imagem retrata seis profissionais transportando uma pessoa em uma maca feita de madeira. O cenário e as vestimentas indicam que se trata de uma cena que ocorreu há muitos anos. Os bombeiros não utilizam luvas, apenas capacetes. Entre eles, um exhibe os músculos do peito sem proteção enquanto que outro veste uma capa de chuva.
02	Sete mulheres sorridentes em fileira utilizam uniforme da corporação. Tudo indica tratar-se de uma ocasião de formatura.
03	Uma mulher negra, integrante da corporação, atua na recolha de leite humano. A cena se passa na casa da doadora. A profissional ordenha o leite no seio da doadora, utilizando uniforme branco, luvas, uma espécie de boné e máscara.
04	Um acidente de carro. Dois bombeiros socorrem um homem com vida, dentro do veículo. É um dia chuvoso, algumas pessoas utilizando guarda-chuva observam o atendimento. Um policial armado observa e permanece próximo à viatura de Salvamento.
05	A imagem mostra dois bombeiros na parte mais alta de um poste. Os fios de alta tensão e um corpo, aparentemente sem rigidez, confundem-se com escadas e cintos utilizados para o resgate. Observa-se uma pipa e rabiola presa nos fios. Os profissionais utilizam equipamento de segurança.
06	Na foto, é possível perceber que o evento ocorreu em um lugar de intensa vegetação, uma mata. A imagem mostra cinco bombeiros. No chão estão os resíduos de um fogo, são cinzas vasculhadas por dois bombeiros. Todos utilizam luvas e um carrega recipiente de água.
07	O cenário indica ser um desabamento ou algo similar. Um bombeiro utiliza uma enxada e vasculha a terra misturada com madeiras e tijolos. Muito próximo ao bombeiro, há o corpo de um homem, ainda coberto de terra, sugerindo ter sido encontrado nos instantes da captura da imagem. O bombeiro usa máscara.

08	É noite. Quatro rostos de bombeiros estão nitidamente visíveis; nos demais vemos apenas partes das pernas ou mãos, devido ao ângulo da foto. Um bombeiro está em um plano mais baixo indicando ser um buraco. Esse tem envolvido em seus braços um bebê. Outro profissional coloca a mão sobre a testa do mesmo bebê como em uma atitude de carinho. Os demais bombeiros observam a cena.
09	Esta foto é seguimento da cena anterior. É possível observar com clareza o rosto de seis bombeiros. Porém, o grupo envolvido no salvamento é muito maior. Um bebê é repassado do colo de um dos bombeiros para outro. Observa-se que a criança veste um casaco, mas a parte inferior está sem roupa. A criança é iluminada pela lanterna utilizada por um terceiro profissional. Passos distantes, há um bombeiro que segura uma maca aparentemente moderna com acessórios de apoio para o corpo. Na cena, observa-se que alguns dos bombeiros trocam olhares com ar de perplexidade.
10	Uma criança, de aproximadamente 8 anos, é carregada no colo por um bombeiro. Em segundo plano, observa-se uma pessoa acompanhando a dupla. A criança no colo direciona o olhar para a lente e acena com o polegar direito levantado, indicando que está tudo bem. A paisagem é de muita lama e acúmulo de terra barrenta.

4.3 - Histórias de Vida

A abordagem de histórias ou narrativa de vida é próxima a outros métodos que procuram compreender como os processos sociais e psíquicos são vividos, rememorados e interpretados por sujeitos (AZEVEDO, 2005). As histórias de vida, além de expressar histórias singulares, constituem-se em um caminho privilegiado para reconstrução de um mundo social ou atividade específica. Por meio das falas, busca-se uma articulação da dimensão subjetiva do real. Parte-se da visão de que as falas, o mundo simbólico e imaginário ali presente permitem “alcançar o mundo material das ações, e com base nelas, as relações dos homens em suas práticas” (SCHRAIBER, 2008).

Um roteiro deve ajudar o pesquisador na atitude de provocar o entrevistado na produção das narrativas. No seu interior, deve constar perguntas amplas com o intuito de estímulo à livre narração (SCHRAIBER, 1995). O guia é um elemento importante, porém, pode ser utilizado de forma flexível, posto que somente no exato momento do encontro entre o pesquisador e o entrevistado, ocorre a dinâmica na qual se organiza a sequência das questões consideradas mais relevantes para ambos. Embora não tenhamos adotado a entrevista aberta, procuramos nos orientar por essas preocupações.

Para que a dinâmica se estabeleça de forma produtiva, faz-se necessária a existência de um ambiente empático, visando que a narrativa seja, de fato, isenta de mecanismos que levem a interferir na veracidade discursiva do depoente.

A maioria dos bombeiros atendeu ao pedido de participação da entrevista, com prontidão, sem a necessidade de agendamento prévio do dia, da hora ou do local. Pode-se dizer que não foram encontrados problemas explicitamente ligados à recusa de participação. Ao contrário, ao serem informados sobre a pesquisa de doutorado, vinculada à Ensp – FIOCRUZ, eles expressavam perceber a seriedade da proposta. Certamente, este status também lhes conferia uma forma de reconhecimento social, pelo fato de serem selecionados como sujeitos da pesquisa, pois, conforme pontua Schraiber, “o entrevistado reconhece valor em seu relato” (1995, p. 53).

Embora o ambiente tenha sido empático, foi percebido que o clima de protestos, reivindicações e eventos de punições vividas na ocasião, pode ter sido alvo de preocupação quanto ao conteúdo a ser produzido nas entrevistas. Por este motivo, a maioria dos militares buscou a confirmação de que havia autorização para realização da pesquisa. Todavia, quando confirmado, os entrevistados demonstraram envolvimento e seriedade ao realizar as entrevistas. As exceções estão relacionadas a dois entrevistados, os quais não foram computados entre os vinte, posto que recusaram assinar o termo de consentimento livre e esclarecido. Contudo, os dois profissionais desejaram conversar, demonstrando interesse em conhecer o roteiro da entrevista.

Para a entrevista, utilizamos lugares diversos na estrutura física do campo. Com duração média de uma hora cada entrevista, algumas aconteceram em ambientes confortáveis e privativos, enquanto que outras foram feitas no pátio da Corporação, em meio aos olhares de outros trabalhadores. Em qualquer um dos *settings*, a sirene dos veículos em saídas para socorro e os toques de cornetas, faziam lembrar a dinâmica intensa do local.

O contato com os profissionais para as entrevistas contou com algumas indicações feitas pelo militar que recepcionou a pesquisadora em seu primeiro contato dentro do

campo e outras indicações dos próprios profissionais entrevistados. Formou-se, assim, o efeito “bola de neve”, um procedimento sinalizado por Nicolaci (2007), capaz de produzir uma amostra heterogênea. Para Schraiber (1995), quando as indicações são feitas pelos profissionais, eles acabam por gerar um grupo de informantes nos limites de sua confiança.

Este modelo de indicação resultou no total de 20 entrevistas entre bombeiros de variadas patentes, idades e classes.. O número de sujeitos entrevistados não foi estabelecido previamente, uma vez que na pesquisa qualitativa o número de participantes é avaliado na medida em que os dados são coletados. Uma orientação de Gomes e cols.(2005) é considerar que o material construído no campo será suficiente quando se perceber que as ideias acerca das questões da pesquisa começam a se repetir. Portanto, a amostra ideal é aquela na qual os sujeitos sociais que detém os atributos que se pretende investigar são considerados em número suficiente, de tal forma que permita a reincidência das informações, sem que outras singulares e relevantes sejam desprezadas.

A partir das entrevistas, o material pôde ser trabalhado por dois caminhos. Foram reconstruídas algumas histórias de vida expressando a riqueza das narrativas e das experiências dos entrevistados e também desenvolvida uma análise temática com o conjunto das narrativas.

As histórias de vida foram trabalhadas de maneira a tornarem-se uma produção concisa e dinâmica. Por esta razão, fez-se necessário um trabalho mínimo de edição, que possibilitou a construção da lógica de continuidade das narrativas. Na edição, as intervenções do pesquisador foram suprimidas e todos os nomes envolvidos foram trocados, com o objetivo de manter o anonimato dos entrevistados. A seleção das três histórias tem a finalidade de trazer para o leitor diferentes características das experiências profissionais e sua articulação com a vida dos sujeitos fora do trabalho. As histórias são apresentadas por um jovem soldado, um sargento com mais de 10 anos de profissão e, por último, um subtenente com 30 anos na atividade de bombeiro militar. Assim, as narrativas permitiram uma análise mais abrangente no que se refere às diferenças entre as patentes, a idade e o tempo de profissão apresentado em cada história.

Os bombeiros militares foram levados a refletirem sobre sua atividade de maneira a construírem as narrativas a partir das situações do cotidiano. As lembranças das experiências passadas serviram de alicerce para a construção das narrativas referentes ao presente.

(...) o entrevistado não só trabalha a experiência vivida no momento atual, como é levado a recuperar seu passado pelas questões do presente, questões problematizadas diretamente por ele, assim como pelas problemáticas que o pesquisador lhe coloca (SCHRAIBER, 1995, P.66).

O reavivamento das histórias relativas a trajetória profissional dos sujeitos proporcionou uma visão dinâmica da atividade. Neste sentido, as reflexões sobre a profissão de bombeiro emergiram conjuntamente com as lembranças das histórias pessoais, levando à abordagem articulada da vida profissional à vida social e individual.

Em cada uma das histórias, os profissionais narram o que para eles é ser bombeiro e quais são as expectativas em relação à carreira. Por meio da narrativa das experiências de socorro, são desvelados os reais da atividade, assim como os constrangimentos, os dramas e a satisfação apreendida em decorrência da condição profissional. Estes são aspectos que auxiliam no entendimento das tensões existentes na dinâmica da atividade do bombeiro, inclusive no que tange à relação trabalho e saúde.

Para a extração das categorias de análise e a compreensão da dinâmica da relação saúde e trabalho na atividade dos bombeiros militares, trabalhamos na perspectiva dos elementos de análise disponíveis da ergonomia, da psicodinâmica, e da clínica da atividade, incorporando também elementos da psicossociologia como uma ferramenta que auxiliou na ampliação dos instrumentos de análise para esse estudo.

Os temas mais abrangentes extraídos na análise dos resultados foram organizados e agrupados em três grandes seções coerentes com a compreensão teórica adotada, que são apresentadas com os seus respectivos desdobramentos:

- 1) Atividade & Contextualização do Cenário
- 2) As histórias de vida
- 3) A realidade de ser bombeiro

4.4 - Questionário complementar

No questionário solicita-se o preenchimento de campos que buscam as informações relativas à idade, estado civil, nível de instrução, patente, tempo na profissão, faixa salarial, local de residência, afastamento por licença médica.

O questionário aplicado indica que o grupo de entrevistados é diversificado e abrange boa representatividade das patentes militares. Entre os entrevistados estão soldados, cabos, sargentos, tenentes e capitães. O sexo feminino está representado por três profissionais. Entre os entrevistados, três são formados pela Escola de Oficiais e os demais pertencem ao Círculo de Praças. Destes últimos, somente cinco dos

entrevistados possuem formação de nível superior. A idade dos sujeitos varia entre 27 até 52 anos. Em relação à renda familiar, somente um entrevistado indicou o valor acima de dez mil reais; a faixa entre 4 a 6 mil reais e na faixa entre 7 a 9 mil reais foram preenchidas igualmente por 4 sujeitos. A maior concentração da faixa de renda familiar é de 1 a 3 mil reais.

O questionário aborda também a respeito do estado civil. Dos entrevistados, 10 declaram ser casados. Neste grupo, não foi registrado nenhuma mulher. Entre os solteiros, foram registrados 9 profissionais. Apenas um declarou-se divorciado.

Outro dado presente no questionário é referente à propriedade de residência. No conjunto dos sujeitos, 5 declararam não possuir casa própria. O fato de morar de aluguel gera descontentamento dos trabalhadores, que associam a impossibilidade da compra da casa ao baixo salário e a falta de iniciativa do Estado em promover programas específicos que possibilite a aquisição de sua casa própria dentro de um planejamento econômico a longo prazo.

Quanto ao deslocamento de casa para o trabalho, foi verificado que 9 trabalhadores residem com distância igual ou superior a 50 quilômetros do quartel.

Em relação aos dados sobre a saúde, não foram registrados casos de doenças crônicas. Os afastamentos por licença médica foram justificados por queimaduras e fraturas, conseqüentes de quedas. As queixas relativas aos problemas osteomusculares foram marcadas pelos profissionais.

Quadro 7: Perfil dos Profissionais entrevistados

PERFIL DOS PROFISSIONAIS ENTREVISTADOS					
Entrev.	Idade	Anos de Profissão	Patente	Formação	Renda Familiar
1	30	10	3° sarg	3° Grau	+ de 10 mil reais
2	43	10	Capitão	Oficiais	De 7 a 9 mil reais
3	33	14	Cabo	2° Grau	De 1 a 3 mil reais
4	35	12	3° sarg	2° Grau	De 1 a 3 mil reais
5	29	9	Capitão	Oficiais	De 4 a 6 mil reais
6	52	29	1° sarg.	2° Grau	De 4 a 6 mil reais
7	34	14	Cabo	3° Grau	De 1 a 3 mil reais
8	49	28	2° Ten	3° Grau	De 4 a 6 mil reais
9	26	4	2° Ten	Oficiais	De 7 a 9 mil reais
10	48	28	1° Ten	3° Grau	De 7 a 9 mil reais
11	49	23	1° Sarg	2° Grau	De 1 a 3 mil reais
12	49	22	2° Sarg	2° Grau	De 1 a 3 mil reais
13	44	17	3° Sarg	2° Grau	De 1 a 3 mil reais
14	38	16	3° Sarg	2° Grau	De 1 a 3 mil reais
15	43	10	3° Sarg	2° Grau	De 7 a 9 mil reais
16	43	22	Sub-Ten	2° Grau	De 4 a 6 mil reais
17	27	2	Soldado	2° Grau	De 1 a 3 mil reais
18	32	10	Capital	Oficiais	De 7 a 9 mil reais
19	27	2	Soldado	2° Grau	De 1 a 3 mil reais
20	35	15	Cabo	2° grau	De 1 a 3 mil reais

4.5 - Questões Éticas

O projeto desta pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, após ter sido aprovado por banca de qualificação.

O mesmo projeto foi exposto à autoridade militar responsável pelo campo da aplicação da pesquisa e, concedido por esse, a expedição do documento de autorização para execução.

Anterior a cada entrevista, os profissionais foram informados sobre os objetivos do estudo e comunicados que a participação deveria ser espontânea, inclusive podendo, a qualquer momento, sem nenhum prejuízo profissional, interromper a sua participação. Assim exposto, todos que participaram concordaram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexos), ficando o entrevistado com uma das vias, conforme preconiza a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Para manter o anonimato dos entrevistados é utilizada a letra E (Entrevistado) seguida de uma numeração adotada pelo pesquisador.

Os participantes foram informados que os dados coletados permanecem sob posse e uso exclusivo da pesquisadora, preservando a confidencialidade dos relatos. Uma vez que as entrevistas foram gravadas, o material do áudio, também permanecerá sob a guarda da pesquisadora por cinco anos quando, então, será destruído.

CAPÍTULO 5

RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 - Atividade e contextualização do cenário real

A realização deste estudo ocorreu na ocasião em que a categoria dos bombeiros militares do Rio de Janeiro realizava um expressivo movimento em prol de melhorias salariais e de condições de trabalho. Por isso, a caracterização do cenário foi entendida como primordial para a construção da análise sobre a atividade. Isso porque a atividade humana deve ser compreendida dentro das suas referências espaciais e temporais, as quais constituem o seu formato sócio-histórico. Outro motivo para a elaboração desta contextualização está no fato dos acontecimentos terem sido narrados de acordo com a ótica do grupo de trabalhadores e de forma não deliberada. Este formato proporcionou a abertura para um discurso mais livre e genuíno, desatado das censuras que comprometem a construção de um trabalho sustentado em dados reais.

As organizações tradicionais têm vivenciado um momento de grande complexidade frente às demandas do mundo globalizado (FREITAS, 2000). Os efeitos repercutem de forma tão intensa, rápida e múltipla, que se torna difícil detectar precisamente as causas deste processo. Freitas (2000) coloca que um dos motivos desta imprecisão está na impossibilidade de isolar de forma independente as diversas variáveis como a cultura, a economia, o social, o político, o religioso e o tecnológico, que interagem na sociedade moderna. Isso porque estas instâncias compõem uma rede sobre a qual qualquer mudança isolada provoca alterações no todo. A mesma autora pontua que esta “onda desenfreada” pode ser o reflexo do enfraquecimento dos vínculos sociais e a fragilidade das bases identitárias em detrimento da primazia do econômico.

No campo da Prestação de Serviço, no caso os Bombeiros Militares, também são dependentes das implicações políticas, econômicas e sociais do seu contexto. Por este motivo, as atividades serão sempre afetadas, diretas ou indiretamente, pelas crises do país.

Costa (2002) reforça estas ideias, quando pontua que as organizações de Bombeiros Militares não estão isentas do processo vivido na sociedade contemporânea. No contexto atual, todas as organizações são afetadas, inclusive pelas inovações tecnológicas e transformações sociais. Os efeitos geram o surgimento dos novos cenários, em que as organizações são forçadas a passar por mudanças, sejam internas ou

externas. Diante de tantas transformações, as organizações seduzem os trabalhadores com promoções e ganhos extras num pacto de retribuição.

Na visão da psicossociologia, as organizações procuram mobilizar os sujeitos buscando sua adesão de modo sutil. Ocorre que muitas vezes os pactos se rompem, e os conflitos entre o homem e a organização emergem, pois entre as intenções e a realidade existe um abismo. É justamente neste abismo onde habitam muitas tensões.

5.1.1 - Os Movimentos Reivindicatórios

Diante das manifestações realizadas pelos Bombeiros Militares do Rio de Janeiro, a opinião pública posicionou-se de forma ambivalente. Apesar de reconhecer que os bombeiros colocam em risco as suas próprias vidas em função das atividades laborais, ao mesmo tempo, identificam este serviço como essencial no campo da defesa civil, sendo a paralisação desta atividade um risco à própria população. Foi assim, entre opiniões divididas, que a sociedade carioca aderiu ao movimento reivindicatório, por meio da participação nos atos públicos e estratégias silenciosas, como a fixação de adesivos e fitas vermelhas nos carros.

Visto tais movimentos, tornou-se evidente o fato de que os bombeiros militares atravessavam um período de dificuldades no diálogo com os gestores da administração estadual.

No campo das negociações o diálogo é uma das ferramentas de mediação, que viabiliza os acordos e/ou justificativas de inviabilidades. As dificuldades no diálogo podem promover a exposição das contradições, ambivalências, desconhecimentos, revelar incompatibilidades de valores, o que acirra conflitos entre as classes.

Como forma de fortalecimento, o setor dos bombeiros militares uniu-se à população, mobilizando o apoio dos usuários e despertando a atenção das autoridades públicas. A inclusão do povo neste projeto pode ser comparada a uma “aposta” em que o julgamento pelo trabalho está em jogo. Neste sentido, a aposta é um investimento cujo retorno consiste no reconhecimento -ou não- acerca da importância do serviço prestado e das ideias pelas quais lutam os trabalhadores.

Conforme relato de Woloszyn (2012), essa não foi a primeira vez que bombeiros militares realizam atos reivindicatórios na história do país. Em 1997, ocorreu a primeira e maior paralisação, quando policiais juntamente com bombeiros militares protestaram por melhorias salariais e condições de trabalho. O movimento teve início no Estado de Minas Gerais, se estendendo como um efeito dominó em 19 estados (Acre, Amazonas, Bahia, Ceará, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Pará,

Pernambuco, Paraíba, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, São Paulo, Santa Catarina, e Sergipe). Na época, as manifestações foram marcadas por cenas de confrontos e violências, que tiveram como resultado muitos mortos e feridos. Para conter a segurança e a ordem, o exército foi acionado. Em meio às eleições federais e estaduais de 1998, os governadores negociaram, juntamente com os comandos de greve, e firmaram acordos, concedendo abonos e índices de aumento salarial menor que os reivindicados. Nesta ocasião, apesar da negociação ter sido considerada violenta, os grevistas não foram punidos.

Passada mais de uma década, as velhas causas são reeditadas no novo momento. De forma mais direta, as atuais reivindicações referem-se ao direito ao trabalho e à saúde.

Quanto ao direito ao trabalho, como itens principais da pauta constam: o vale transporte e aumento do piso salarial de R\$ 950,00 para R\$ 2.000,00. No que se refere à saúde, o pleito dos salva-vidas é o uso de protetor solar e óculos de sol, configurados como acessórios fundamentais para o exercício de suas atividades. Também constam na lista melhores condições de trabalho, como reforço da alimentação para os profissionais que permanecem durante longo tempo de expediente, em uma escala de 12h por 36h. Alguns equipamentos fundamentais para o bom exercício das atividades foram lembrados como: tampões de ouvido, binóculos, nadadeira, *rescue-tube* (boia especial para salvamento), *pocket-mask* (máscaras de ventilação para o uso em afogados) viaturas, *jet-skis*, e quadriciclos configurados como acessórios.

É o que eu coloco: conscientizar que no resgate do mar, os guarda-vidas não usam nenhum equipamento. O equipamento é o nosso próprio vigor físico... nosso pulmão... entendeu?! É vontade... é a visão...é o nosso corpo...a gente tem que se cuidar bem para visualizar antes mesmo do afogado... a gente perceber se tem intimidade ou não com o mar (...) A gente pega muito sol... somos vulneráveis ao câncer de pele...a nossa visão fica prejudicada... porque é o dia todo... com aquela iluminação da areia acaba ferindo a retina de alguma forma (E2).

No dia 4 junho de 2011, o Quartel do Comando Central da Corporação foi ocupado por 2 mil manifestantes. A dificuldade de diálogo com os gestores foi a principal justificativa para que os profissionais ocupassem o local. Como resposta à resistência ao diálogo, os bombeiros não atenderam à ordem de retirada do Quartel Central. O governador do Rio de Janeiro solicitou ao Batalhão de Operações Especiais

(BOPE) providências quanto a desocupação do local. O resultado do confronto foi a prisão 439 bombeiros militares.

Na ótica dos profissionais, tratava-se de uma manifestação pacífica, quando foram surpreendidos pela força policial. Os relatos constam de ações como o uso de bomba de efeito moral e gás lacrimogêneo. Como resultado destas ações, instalou-se um clima geral de tensão e conflito, cujas consequências foram expressas na degradação do patrimônio do quartel e prisão de bombeiros militares participantes da manifestação. Devido a repercussão do fato nas redes sociais, o movimento foi rapidamente disseminado e apoiado por outras corporações em todo país.

O movimento grevista de junho de 2011 foi considerado “abusivo” pelas autoridades e, diferentemente do movimento de 1997, os bombeiros foram detidos por determinação da Justiça Militar em função da prática dos crimes de motim e dano ao patrimônio público. A prisão abriu território de tensas negociações, nas quais passou a constar a pauta sobre a libertação dos detidos. Após movimentos públicos, foi primeiramente concedido o “Habeas Corpus” e, posteriormente, a anistia administrativa da parte da Assembleia Legislativa. Por ocasião deste evento, o benefício da anistia aprovado por meio da lei nº 10.191, foi extensivo aos estados que participaram da primeira greve de 1997 (WOLOSZYN, 2012).

Em 12 de junho, na orla de Copacabana, foi organizada a manifestação nomeada “Rio Vermelho” para marcar o movimento de apoio pela anistia criminal e administrativa para os bombeiros detidos. No evento, a categoria reuniu por volta de 20 mil pessoas. A manifestação foi organizada de forma ordeira com a participação da população e de outras categorias como a dos policiais militares. Algumas estratégias foram utilizadas para marcar visivelmente a adesão da população. Uma faixa levada por um avião fretado sobrevoou a orla de Copacabana para chamar a atenção da sociedade fluminense. Constava na faixa: “Bombeiros pedem socorro. População carioca, precisamos de vocês.” Todos os participantes trajaram roupas vermelhas e foram exposto panos da mesma cor nas janelas. Outra estratégia foi a fixação de adesivos nos veículos e fitas vermelhas nas antenas de motos e carros.

A principal justificativa para a luta por melhoria salarial e condições de trabalho é o fato do Rio de Janeiro ser o estado que menos paga ao bombeiro militar. De acordo com os dados divulgados na carta aberta à população de 08 de junho de 2011, a diferença entre os salários pagos em todo território brasileiro é significativa, com destaque para Brasília e Rio de Janeiro. O salário recebido pelos profissionais no estado

do topo da lista - Brasília - é de R\$ 4.129.73 enquanto que o salário recebido pelo profissionais cariocas é de R\$ 1.031.

...O resumo da história é o seguinte: O Rio de Janeiro tem a segunda maior renda do país, é o terceiro maior Estado que mais arrecada do país ...mas consegue pagar para os funcionários da segurança pública o penúltimo salário do país ... então este é o resumo de tudo (...) além do reconhecimento de mais de 90 % da população ... tem o reconhecimento dos governantes em saber que os bombeiros têm que ser bem pagos ... que pague pelo menos o justo porque não é justo ser o penúltimo salário do país ... é isso!!! (E1.)

5.1.2 - Ordem cronológica das Manifestações Reivindicatórias

Durante o período de 14 de abril até 28 de junho de 2011, vários fatos marcaram o movimento. De forma que, tomando como base o site www.sosbombeiros.com, torna-se possível reproduzir de forma cronológica todos os eventos ocorridos durante a fase mais crítica das reivindicações.

Quadro 8: Ordem cronológica das Manifestações Reivindicatórias

MÊS DE ABRIL

MÊS	DIA	AÇÃO
ABRIL	14	Encaminhamento do documento protocolado que continha as reivindicações para a Secretaria de Saúde e Defesa Civil do Estado do Rio de Janeiro (Sesdec).
ABRIL	17	Caminhada pela orla de Copacabana com bombeiros em trajes civis, desarmados e de folga. Durante a manifestação, um avião fretado sobrevoou a orla carioca com a faixa: “BOMBEIROS PEDEM SOCORRO! POPULAÇÃO CARIOCA PRECISAMOS DE VOCÊS!”
ABRIL	19	Militares que participaram do ato do dia anterior receberam memorandos para responderem se estiveram presentes ou não na manifestação de Copacabana. À noite, foi publicada no Boletim Interno da corporação a transferência de 36 bombeiros como retaliação pela participação no movimento.

- ABRIL 20 Ato pacífico no Largo do Machado e caminhada até o Palácio Guanabara, na intenção de serem recebidos pelo Senhor Governador. Não foram recepcionados por nenhum representante do Governo. Encaminharam-se, então, à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), onde foram recebidos. Houve manifestações de apoio de parlamentares presentes. A mesa diretora da ALERJ agendou uma reunião entre a comissão de Bombeiros, o comando do CBMERJ e uma comissão de Deputados para o dia 28 de abril, 10h, no 1º GMar (Botafogo). Todo esse processo foi transmitido ao vivo pela TV ALERJ.
- ABRIL 21 Bombeiros tentaram o aquartelamento (permanecer em seus quartéis mesmo em folga, efetuando os serviços normalmente. O direito ao aquartelamento, inclusive com alimentação nos quartéis todos os dias, é direito dos militares). Os militares do 2º GMar (Barra), 3º GMar (Copacabana) e 18º GBM (Cabo Frio) foram impedidos de entrar em seus quartéis de origem. Com isso, permaneceram em frente ao 2º GMar e 18º GBM, onde dormiram acampados. Os Bombeiros do 1º GMar e do 4º GMar não foram impedidos de se aquartelarem.
- ABRIL 22 Caminhada à noite do 3º GMar (Copacabana) ao 17º GBM (Leblon), onde acamparam. No 18º GBM (Cabo Frio), os Bombeiros fizeram uma caminhada. Nesse dia, novamente, um avião fretado para levar a faixa de divulgação do movimento na orla do Rio foi impedido de voar.
- ABRIL 23 Caminhada do 17º GBM (Leblon) ao posto 12 da orla do Leblon.
- ABRIL 25 Caminhada do Corpo de Bombeiros, no Campo de Santana. Devido à tempestade, o acampamento previsto

para a noite foi suspenso.<http://www.sosguardavidas.com/2011/04/uma-noite-historica-mesmo-debaixo-de.html>)

- | | | |
|-------|----|---|
| ABRIL | 27 | Ato à noite na Cinelândia, em frente ao Teatro Municipal, onde o Senhor Governador participava da solenidade. Apesar do caráter totalmente pacífico da ação, o Batalhão de Choque da Polícia Militar foi chamado, munido de gás lacrimogênio, armas de efeito moral, escudos e cassetetes. |
| ABRIL | 28 | Os bombeiros militares compareceram ao 1º GMar, em Botafogo, acompanhados por deputados, para a reunião com o comandante-geral do Corpo de Bombeiros agendada pelo presidente da mesa da ALERJ em 20/04. O comandante não compareceu e não deu explicações a respeito de sua ausência. Os bombeiros dirigiram-se, então à ALERJ, onde foram recebidos. Recepcionados nas galerias da Casa, ouviram os pronunciamentos de deputados estaduais que apoiaram o movimento. Transmissão ao vivo pela TV ALERJ. |

MÊS DE MAIO

- | MÊS | DIA | AÇÃO |
|------|-----|--|
| MAIO | 03 | O Senhor Governador informou que negociaria com os trabalhadores em reunião se os mesmos suspendessem a passeata prevista para o mesmo dia, partindo do Largo do Machado ao Palácio Guanabara onde novamente tentariam ser ouvidos, repetindo a tentativa do dia 20 de abril. Os trabalhadores, então, realizam apenas ato no Largo do Machado. Foi prometida reunião no dia seguinte com presença do Secretário de Estado de Governo. |
| MAIO | 09 | Passeata no Centro, percorrendo da ALERJ até a Candelária e Av. Rio Branco |
| MAIO | 11 | Ato no cruzamento da Av. Presidente Vargas e Av. Rio |

Branco.

MAIO	12	Ato em frente à ALERJ e doação de sangue.
MAIO	13	Mais de 1500 trabalhadores participam de caminhada da ALERJ até Copacabana, onde fazem abraço simbólico à praia. Auditoria Militar expede pedidos de prisão ilegais contra cinco trabalhadores.
MAIO	16	Ato em frente à ALERJ, a partir das 8h, enquanto era realizada na Casa uma Sessão Legislativa na tentativa de conseguir anistia para todas as punições empreendidas em retaliação aos trabalhadores.

MÊS DE JUNHO

MÊS	DIA	AÇÃO
JUNHO	03	Ato em frente à ALERJ, seguido de passeata até o Quartel Central. Os profissionais decidiram ocupá-lo juntamente com seus familiares. O Bope é solicitado para providenciar a desocupação. O ato resultou na detenção de 439 bombeiros. Este evento desencadeou a exoneração e substituição do Comandante Geral do Corpo de Bombeiro do Rio de Janeiro.
JUNHO	05	Bombeiros e familiares acampam na escadaria da Assembleia Legislativa em solicitação da libertação dos detidos.
JUNHO	06	Um grupo de deputados estaduais elabora uma nota de apoio aos bombeiros detidos, defendendo a imediata liberação, a retomada do diálogo entre o governo e os militares e melhores salários.
JUNHO	07	O Comandante Geral do Corpo de Bombeiro visita o quartel de Jurujuba. À noite encontra-se com lideranças do movimento no Quartel General.
JUNHO	08	O Comandante Geral do Corpo de Bombeiro recebe representantes de associações e sindicatos de

trabalhadores da área de segurança pública. A associação de Cabos e Soldados do Corpo de Bombeiro pede 2.900,00 reais de piso salarial.

- JUNHO 09 O Comandante Geral do Corpo de Bombeiro antecipa reajuste salarial dos bombeiros. Um soldado iniciante sem dependentes passaria a ganhar 78 reais a mais. É criada a Secretaria Estadual de Defesa Civil, tendo como titular o mesmo Comandante Geral do Corpo de Bombeiro.
- JUNHO 10 Justiça concede *habeas corpus* e os 439 bombeiros são libertados. O movimento agora também luta por anistia criminal e administrativa para os presos.
- JUNHO 11 Ato nomeado por Rio Vermelho, em repúdio à prisão e pela anistia dos 439 heróis presos de forma arbitrária na orla de Copacabana. A população participa com vestimentas vermelhas.
- JUNHO 20 Reunião de bombeiros com o Comando Geral do CBMERJ convocada nominalmente por meio do Boletim Interno da Corporação. Na ocasião, apesar dos esforços de ambos os lados, não houve proposta compatível com as demandas de anistia e as reivindicações - salário líquido de R\$ 2 mil, fim das gratificações, vale transporte e melhores condições de trabalho.
- JUNHO 21 Reuniões dos Bombeiros militares presos com a Defensoria Pública.
- JUNHO 22 Reuniões dos Bombeiros militares presos com a Defensoria Pública.
- JUNHO 23 Aprovação pela Comissão de Constituição e Justiça do Senado do Projeto de Lei do Senado n. 325, que "Concede anistia aos bombeiros militares do Estado do Rio de Janeiro punidos por participar de movimentos reivindicatórios". Agora, o Projeto de Lei precisa ser aprovado na Câmara dos Deputados e sancionado pela Presidência da República.

- JUNHO 24 Doação de sangue em agradecimento ao apoio e solidariedade da população. No total, 35 litros de sangue foram doados por 75 bombeiros e familiares. A coleta de assinaturas para o abaixo-assinado pela anistia aconteceu ao longo de toda a semana, em vários pontos de coleta no Rio de Janeiro.
- JUNHO 26 Ato pela anistia irrestrita, criminal e administrativa, aos 439 presos, a partir das 9h no Aterro do Flamengo. Durante o evento, com a presença de milhares de pessoas, houve coleta de assinaturas para o abaixo-assinado pela anistia. Participaram profissionais da Polícia Militar, da Educação e da Saúde. Por volta de 13h, uma carreata percorreu a orla do Rio até a Barra da Tijuca.
- JUNHO 27 Os bombeiros partem para Brasília com o objetivo de garantir a anistia criminal em uma caravana de 200 presos, mais 115 bombeiros e familiares.
- JUNHO 28 Conquista da anistia administrativa de todos os militares envolvidos no movimento por dignidade do bombeiro militar. A anistia contempla todos os militares presos, inclusive os PMs, e garante anistia para punições aplicadas desde abril, quando o movimento chegou às ruas. Na mesma data, também foi aprovada a proposta do governo para antecipação das parcelas do reajuste de 5,5% (já previsto para este ano -**Projeto de Lei 571/11**) e a proposta de uso de 30% do Funesbom (Fundo Especial do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro) para finalidades como pagamento de gratificações (**projeto de lei 595/11**). Alguns deputados prepararam emendas que atenderiam as reivindicações feitas desde abril (salário básico de 2 mil reais, fim das gratificações e vale transporte), mas, em votação, essas não foram aprovadas pela Assembleia Legislativa.

5.1.3 - A dinâmica do reconhecimento

Na perspectiva da psicossociologia, os sujeitos são colocados nas malhas de um jogo, que pode ser chamado de luta pelo reconhecimento. Essa luta reafirma a noção de que só existimos quando somos reconhecidos pelos outros. Contudo, nas organizações, o que foi chamado de luta envolve a força que os indivíduos possuem nas funções que desempenham, assim como o status na pirâmide hierárquica que necessita a todo tempo ser reasegurado.

Entre os profissionais bombeiros militares, a questão da hierarquia exerce fortes tensões em função da disciplina e das punições previstas na legislação para os profissionais que se desviam do código de conduta.

Então nos bombeiros também tem o problema do militarismo. Uma pressão aqui geralmente pode ser revertida em cadeia, expulsão, prisão. Mas chega um momento que a contradição é tão grande, que as pessoas resolvem enfrentar...foi o que aconteceu aqui e o que continua acontecendo...(E1).

Este depoimento é convergente com as ideias de Enriquez (1974) ao revelar que a organização, com o objetivo de preservar a identidade social e o seu bom funcionamento, exerce alguns tipos de coerção para que os indivíduos comportem-se de maneira uniforme, sem surpresas ou qualquer natureza de interrogações.

Visto por outra abordagem, com foco na dinâmica do reconhecimento da psicodinâmica do trabalho, entendemos que os bombeiros militares reivindicam um tipo de retribuição: o reconhecimento da organização. Para Dejours (2004), o reconhecimento pode ser de ordem simbólica, representado por gratidão pela contribuição dada à organização do trabalho, ou de ordem material por meio do salário justo.

(...) ninguém gosta de trabalhar desmotivado... em termos financeiros ... nós seres humanos temos a necessidade de ter o reconhecimento ... o reconhecimento dos nossos filhos... nossa esposa e vice – versa ... e nós queremos o reconhecimento do governador... o que nós não estamos tendo... devido esta politicagem que eles estão fazendo... então o que a gente quer é reconhecimento ... imagina a gente sem reconhecimento já tem este entusiasmo todo ... imagine com reconhecimento de melhores salários...acho que ... nem sei explicar...(E3).

A mobilização realizada é um bom exemplo da forma explícita de julgamento. Referimos ao julgamento de utilidade que é de natureza social e pode ser proferido também pelos clientes ou público alvo (DEJOURS, 2004).

O julgamento faz parte do processo que resulta em reconhecimento. O binômio contribuição-retribuição é construído na base da cooperação. A dinâmica desse binômio favorece condições para o julgamento, cuja consequência levará ao reconhecimento do trabalho.

De forma mais ampla, o mérito do reconhecimento tem ocupado lugar de pouca relevância nas discussões relativas à gestão. Sem o reconhecimento do Estado, os bombeiros militares utilizaram-se de uma estratégia, para levar ao conhecimento do público, as necessidades da classe. Para tanto, promoveram visibilidade às situações de descontentamento. Se considerarmos que, na concepção de Clot (2006), a atividade não é somente o que se faz, mas também o que deixou de ser feito por impedimentos (ou descontentamentos), podemos, por analogia, inferir que os bombeiros expuseram à população o real da sua atividade.

Justificamos tal possibilidade com base na colocação de Dejours (2004, p. 31) ao citar que:

Trabalhar é, também, fazer a experiência da resistência do mundo social; e, mais precisamente, das relações sociais, no que se refere ao desenvolvimento da inteligência e da subjetividade. O real do trabalho não é somente o real do mundo objetivo, ele é também, o real do mundo social.

Embora a lógica de coletivo de trabalho refira-se ao campo interno da organização, no caso dos bombeiros militares, a estratégia de dar visibilidade ao real da atividade, proporcionou um tipo de extensão deste coletivo, pelo menos no que diz respeito ao apoio nas negociações.

Ao considerarmos a população como um campo coletivo, podemos concordar com Brito (2008) ao referir-se que o conceito de atividade em sua complexidade abarca muitos aspectos. Entre eles, a dimensão coletiva. Para a autora, as instâncias do coletivo oferecem condições favoráveis à mobilização subjetiva e, por estarem sustentadas na base da confiança, promovem a cooperação espontânea.

Testemunhar sua experiência do trabalhar, tornar visíveis as descobertas de sua inteligência e seu saber-fazer é o meio de se obter o reconhecimento dos outros. Pois para esperar o reconhecimento, é preciso, antes vencer o obstáculo primordial (...) a saber: a invisibilidade do trabalho. Assim que o trabalho efetivo aceda à visibilidade, então aí, o reconhecimento se torna possível (DEJOURS, 2004, p.33).

Os populares foram convocados para o movimento, o que extrapolou os limites da hierarquia interna à organização. A participação da população foi um importante indicativo de reconhecimento para os bombeiros.

Não sei se a senhora acompanhou. Existiu, existe um movimento do corpo de bombeiros que veio trazer uma realidade para a população, porque só quem é da área sabe melhor, porque quem está de fora não está vendo...(E7).

Ultimamente pelo que tem acontecido nos últimos anos, né? ... Inclusive o movimento que tivemos aqui, os bombeiros pedindo socorro para a população e nós fomos bem aceitos nesse pedido de socorro porque conseguimos colocar mais de 20 mil pessoas na orla de Copacabana e outros milhares de pessoas com fitas nos carros. Achei que isso aí foi uma resposta que, sem sombra de dúvidas, é uma profissão que é bem aceita pela população (E2).

Os bombeiros do Rio de Janeiro são muito explorados... e muito pouco reconhecidos. Não querendo falar da parte da greve, mas o Governo usou os bombeiros como marionetes... para fazer até política, a gente repara isso. Mas no entanto a gente, nunca deixou a população, independente disto, nunca descontamos na população nossa situação. E a população reconhece isso. (E3).

A sociedade em si tem confiança no bombeiro como amigo que está ali para ajudar em momentos difíceis (E4).

Sendo a confiança um componente importante na dinâmica do reconhecimento, vale um destaque para o estudo teórico realizado por Costa (2002). Ancorada em revisão da literatura, a autora aponta que a confiança é um constructo multidimensional, o qual compreende as dimensões cognitiva, emocional e comportamental. A dimensão cognitiva possibilita a distinção entre as pessoas ou instituições que são dignas ou não de confiança. A segunda dimensão - a emocional - é complementar à primeira, diz respeito à ligação afetiva existente entre as pessoas envolvidas na relação. Quanto à dimensão comportamental, é identificada como a que reflete as variações das duas anteriores.

Em relação a confiança institucional, a mesma autora pontua ser desenvolvida a partir das generalizações feitas com base na reputação da organização. As generalizações repercutem de tal forma que mesmo as pessoas menos familiarizadas são alcançadas. Neste sentido, trata-se de uma decisão que convoca o sujeito a correr riscos por agir com base nas palavras, ações e decisões de outros, podendo ser entendida como um conjunto de expectativas otimistas.

Sobre os profissionais deste estudo, encontramos indicativos apontando que não se trata apenas de expectativas otimistas, conforme os resultados obtidos através de um comparativo de índice de confiança social para os anos de 2009, 2010 e 2011 (IBOPE INTELIGENTE, 2012). O corpo de bombeiros ocupou o segundo lugar com pontuação de 86, 85 e 86, respectivamente aos anos citados. Este resultado indica que, entre o grupo de profissionais, os bombeiros são os que possuem o maior nível de confiança social. Como já sabemos este é um dado muito favorável para justificar a adesão da população ao movimento reivindicatório.

Podemos inferir que a confiança social também está vinculada ao julgamento por estética. Nesse sentido, apontamos que a adesão de outras categorias da segurança pública, como a polícia militar e a guarda municipal, refletiu no apoio e na aprovação do *modo operatório* da categoria dos bombeiros militares. Neste julgamento, um dos fatores mais importantes é a especificidade da atividade. O que significa dizer que nenhum outro profissional é capaz de fazer o que profissional da área específica faz, ainda que siga as prescrições e normas básicas de procedimento.

(...) quando a gente chega...as pessoas até falam: os bombeiros chegaram, calma... calma, calma, vai passar !!!! A impressão que eles têm é que está tudo resolvido...quando a gente chega... está tudo resolvido... (E1).

Em face da confiança, os trabalhadores têm a expectativa de obter reconhecimento. Por esta razão, estão sempre mobilizados para a execução da atividade. Castro e Merlo (2011) apontam que: "...para que haja o reconhecimento é necessária uma reconstrução dos julgamentos acerca do trabalho realizado, isto é, será destinado ao trabalho feito, e não à pessoa enquanto sujeito" (p. 437). Em oposição à última citação, pensamos que os critérios de julgamento devem contemplar não somente as atividades concretamente realizadas, e, sim, tudo que envolve a mobilização do sujeito para a realização da atividade.

Dejours (2004) foi categórico ao afirmar que a psicodinâmica do trabalho defende a hipótese de que o trabalho não é redutível a uma atividade de produção no mundo objetivo, posto que sempre coloca à prova a subjetividade. Também não se limita ao tempo físico passado em uma oficina ou escritório, muito menos ao tempo da jornada.

Isso significa que os impasses, os truques, os entraves, a inteligência e todas as artimanhas utilizadas para que a atividade seja executada, fazem parte do trabalhar. Principalmente pelo fator destes aspectos pertencerem a um campo de pouca, ou

nenhuma visibilidade. Um reconhecimento simbólico, tanto de constatação, quanto de gratidão deveria contemplar toda realidade do trabalhar.

Mesmo quando não finalizada, a atividade passa por um tipo de execução, pois sempre demanda mobilização do trabalhador em todas as suas instâncias. Ao pensarmos na atividade dos bombeiros, constatamos que nem sempre os atendimentos são bem sucedidos. Pode ocorrer que, ao chegarem ao local, o caso já tenha sido solucionado, ou o contrário, já tenha ocorrido o pior.

... o pessoal chegou no local e quando adentrou tinham lá duas crianças abraçadas carbonizadas...então o pessoal ficou pensando - não sei se é ou não - puxa ...de repente aquele aviso era realmente uma solicitação verdadeira e se tivesse chegado antes essas crianças não teriam morrido. Então o pessoal chorou ... ficou triste... eu até me emociono mas ... foi uma coisa que marcou (E4).

5.1.4 - Especificidades da profissão na dinâmica do reconhecimento

Consideramos que algumas especificidades da atividade dos bombeiros podem compor fatores que pesam sobre a necessidade de reconhecimento pelo seu trabalho. Como por exemplo, o salário, o quantitativo e os tipos de atendimentos, principalmente, tratando-se do Rio de Janeiro, conhecido pelas características de uma cidade metrópole.

Conforme vimos, o salário também é considerado uma forma de reconhecimento. A remuneração do Bombeiro Militar carioca configura uma contradição em relação a realidade da atividade, posto que o Rio de Janeiro é segundo estado de maior arrecadação federal, o que teoricamente, seria um fator para um maior equilíbrio entre os estados em relação ao valor do salário.

Ao correlacionar o ganho salarial e as atividades exercidas pelos profissionais bombeiros militares, podemos verificar que as reivindicações giram em torno da valorização da força de trabalho utilizada para uma produção de serviço essencial à população e ao Estado. Trata-se de uma categoria que atua na missão de salvar vidas em todos tipos de eventos. Seja no céu, na terra ou no mar, no fogo ou água. Sendo uma atividade que inclui o resgate de animais e conservação da vegetação nas situações de incêndios florestais. São profissionais que estão sujeitos a vivenciar situações opostas no que diz respeito à vida e à morte, seja auxiliando em nascimentos ou recolhendo corpos, por vezes em decomposição. Como exemplo desta polaridade apontamos que, em 2011, no período de janeiro até novembro, foi registrado o total de 1225

atendimentos referentes a trabalho de parto, e o total de 484 chamados para atendimentos que envolviam recolhimento ou busca de cadáveres.

(...) até pelo fato que, o próprio bombeiro se sente mal em saber que ele é um dos bombeiros mais solicitados em termos de ocorrência do país inteiro, inclusive com ocorrência marítima...porque tem muitos estados que não têm costa, não tem praia. Então aqui a gente trabalha não só em condição de terra mas também condição de água. Por exemplo: São Paulo não tem equipamentos marítimos ... e tem o terceiro maior salário do país. Aqui o bombeiro trabalha na terra, no mar e tem a condição de penúltimo salário (E5).

Segundo a estatística de atendimentos do CBMERJ, no período de janeiro a novembro de 2011 foi registrado, para todas as especialidades de atendimentos, o total de 162.707 (cento e sessenta e dois mil e setecentos e sete). Aproximadamente 24% (vinte e quatro por centos) dos atendimentos estão relacionados aos acidentes de trânsito e 2,5% (dois, cinco por centos) referente aos eventos envolvendo algum tipo de violência.

* Os eventos associados aos acidentes de trânsito foram relacionados em um grupo composto por colisão, atropelamento, queda de moto, capotamento, queda de veículo e fogo em veículo.

* Para os eventos relacionados com a violência foram agrupados: agressão por força física, projétil de arma de fogo e arma branca.

Quadro 9: Eventos associados aos acidentes de trânsito

Eventos de Trânsito	Janeiro a novembro de 2011
Colisão	18.917
Atropelamento	8.964
Queda de Moto	7375
Capotamento	2214
Queda de Veículo	541
Fogo em Veículo	2016
Total	40.027

Quadro 10: Eventos associados à violência

Eventos de Violência	Janeiro a novembro de 2011
Agressão	2.177
Projétil de arma de fogo	1.334

Arma Branca	501
Total	4.012

Cabe lembrar que os acidentes de trânsito e os eventos ligados à violência têm sido reflexo da superpopulação e da lógica do mundo moderno, que alimenta o consumo e a competitividade entre as pessoas. No entanto, um dos eventos mais marcantes e divulgados na mídia nacional e internacional ocorreu na região serrana fluminense. Em janeiro de 2011, devido a ocupação irregular do solo e a geologia da região, o Rio de Janeiro viveu o maior deslizamento da história do país e o décimo pior deslizamento do mundo na última década. As cidades de Nova Friburgo, Teresópolis, Petrópolis, Sumidouro, São José do Vale do Rio Preto e Bom Jardim somaram 30 mil desabrigados e 916 vítimas fatais nesta tragédia (BANDEIRA E COLS., 2011). Muitos dos entrevistados deste estudo estiveram envolvidos neste evento catastrófico.

Assim que eu recebi a notícia que o desabamento havia sido em Friburgo, chegou logo em seguida uma guarnição de bombeiros, anunciando que três ou quatro bombeiros haviam sido soterrados com uma pessoa que tinha sido vítima do desabamento. Aí rapidamente isso mobilizou todo o comando e eu, voluntariamente, coloquei o meu nome lá. (E2).

Esse capacetezinho aqui ... (referindo se a foto mostrada no momento da entrevista) esse aqui sou eu ... eu estava aqui neste dia... eu estava em Nova Friburgo ... Foi neste dia ... foi um menininho de três anos. Conseguimos retirar com vida... ele e o pai dele (E3).

5.1.5 - Dinâmica do Reconhecimento & Danos à Saúde

Podemos inferir que a falta de reconhecimento é um fator impactante em relação a subjetividade e a saúde do trabalhador. Dejours sublinha que, se a dinâmica do reconhecimento estiver paralisada, torna-se indisponível o espaço para transformar o sofrimento em prazer. Metaforicamente, equivale dizer que o sofrimento exerce uma pressão maior dentro da dinâmica, o que impossibilita qualquer tipo de alternância ao seu par: o prazer. Desta forma, havendo uma desmobilização para obtenção de

reconhecimento, o acúmulo de pressão promove o desequilíbrio da dinâmica e, por conseguinte, uma descompensação psíquica ou somática (DEJOURS, 2004). Ao contrário, quando a importância do trabalho é reconhecida, o trabalhador pode atestar que a sua percepção sobre o não-reconhecimento é legítima. Neste percurso, a pressão do sofrimento diminui, liberando espaço para o prazer, mesmo que temporário. O que significa dizer que a dinâmica do reconhecimento possibilita ao trabalhador recobrar o sentido da sua atividade e retornar à sua mobilização.

Dejours pontua que o reconhecimento pelo outro é indispensável para a validação de uma descoberta exitosa na sua confrontação do real e confirmação de sua identidade. Segundo o autor "O sujeito sem o reconhecimento é levado a duvidar da relação que ele mantém com o real, a duvidar dele mesmo, (...)" (DEJOURS, 2011, p.64). Diante desta afirmativa, atribui ao reconhecimento um caráter de participação na construção da identidade dos sujeitos. Isso porque quando se tem uma constatação positiva sobre o *saber-fazer*, pode-se agregar este registro à identidade. Essa é a razão pela qual o trabalho extrapola a lógica de produzir bens e serviços para a transformação de si mesmo (DEJOURS, 2011). O avesso desta relação coloca em risco a identidade do sujeito, posto que, não havendo a retribuição através do reconhecimento, o trabalhador passa a ter desconsiderado todo o seu investimento, inclusive o subjetivo.

Visto nesta perspectiva, a atividade laboral influencia diretamente a saúde física e psíquica dos profissionais. Em decorrência do trabalho no campo das emergências, podemos dizer que os bombeiros militares são vulneráveis às situações que produzem alto nível de estresse. A exposição prolongada leva a um efeito acumulativo do estresse que pode promover o adoecimento ao longo da carreira (RIBEIRO, 2011).

Um camarada (bombeiro) estava no mar e tinha duas pessoas se afogando ... ele salvou uma e quando foi salvar a outra ela afundou... ele estava pertinho... ele ficou o dia inteiro lá até a noite procurando a pessoa... não quis voltar para o quartel... não quis almoçar... não quis fazer nada. Ficou chorando... não quis parar de chorar ...e dizia: eu tenho que salvar esta pessoa... eu vi eu vi eu vi !!! ... surtou. Naquele caso você via que era um caso real, em que a pessoa estava desesperada ... ela viu a pessoa (vítima) afundando olhando para a cara dela ... afundou... e ela não conseguiu pegar... Ele se sentiu culpado por ter ceifado a vida de uma família que vai ... chorar... que vai ficar traumatizada o resto da vida (E1).

Tem uma série de ocorrências que a saúde pode ser afetada sim. Fora o lado psicológico que também é afetado porque cada um tem um grau de conseguir aguentar determinadas situações de extremo risco ... tem pessoas que vão resistir mais tempo... Tem pessoas mais sensíveis

que frente à situações destas não vão sair bem psicologicamente (E8).

A cada chamado, o profissional é apresentado à situações novas que demandam gerenciamento de ações e decisões rápidas, das quais não se pode prever o desfecho. A narrativa em destaque indica uma situação em que o desfecho correspondeu ao limite da ordem do insuportável para o sujeito, nítida expressão de sofrimento. A cena nos possibilita pensar em situações extremas, nas quais os profissionais estão sujeitos a expressar os sintomas emocionais diretamente ligados ao exercício da profissão.

O limite para uma resposta às exigências da atividade é o que se aproxima da Síndrome de Esgotamento Profissional, também conhecida por *Burnout*, que é nomeadamente o resultado do estresse laboral crônico (LEITE, 2007).

Segundo Baptista e cols. (2005) apud Jackson e Maslack, trata-se de uma síndrome psicológica em resposta aos estressores crônicos presentes no ambiente profissional, caracterizada por sintomas de exaustão emocional, despersonalização e reduzida satisfação pessoal com o trabalho, associados a sentimento de incompetência e ineficácia.

O *Burnout* está classificado como um transtorno mental do comportamento relacionado ao trabalho. É o resultado da combinação entre as características individuais do profissional e as condições do trabalho. Como síndrome, foi constatada a correlação com as profissões que mantêm contato interpessoal mais exigente, entre elas, os Bombeiros. Um dos sintomas básicos é quando o trabalhador envolvido não pode mais dar nada de si, desenvolvendo sentimentos e atitudes negativas. A evolução deste quadro é a manifestação de sentimentos negativos como a falta de realização pessoal no trabalho. O resultado é a queda da capacidade, da eficiência e da habilidade em executar a atividade (BALLONE, 2011).

Benevides-Pereira (2010) enumera algumas das variáveis que podem contribuir para o surgimento da Síndrome de Burnout. Entre elas estão as características da atividade, o tipo de ocupação, o tempo de profissão, o tempo na instituição, sobrecarga, relação profissional-cliente, relacionamento entre os colegas de trabalho, conflito e ambiguidade de papel, suporte organizacional, satisfação no trabalho, controle, responsabilidade, progressão no trabalho, possibilidade de progresso, percepção de inequidade, conflito com os valores pessoais e falta de *feedback*.

Síndrome de *Burnout* é um exemplo clássico do desgaste do homem em relação ao seu trabalho. Fora do campo das patologias, muitos são os fatores que interagem entre o homem, o trabalho e a saúde. Neste capítulo, tomamos o reconhecimento como

um dos mais importantes, posto que a sua presença ou ausência provoca efeitos que se alternam em dois polos fundamentais para o homem: o prazer e o sofrimento.

Quando falamos sobre as implicações da saúde mental, como forma de expressão da noção de sofrimento no trabalho apontado por Dejours, abre-se a possibilidade de visualização da dinâmica entre reconhecimento, trabalho e saúde, uma vez que podemos inferir a possibilidade da doença instalar-se de forma mais contundente onde o reconhecimento é escasso. A falta do reconhecimento impede que o profissional interprete como legítimas as suas percepções acerca das condições de trabalho ou mesmo sobre sua vocação profissional. Desta forma, passa a correr o risco de manter-se aprisionado em um cárcere, onde as algemas imobilizam a criatividade e, conseqüentemente a saúde.

5.2 - HISTÓRIAS DE VIDA

5.2.1 Narrativa Profissional de três Bombeiros Militares

Conforme citado, a análise de uma atividade, na perspectiva da ergologia, considera como cerne as situações concretas de trabalho e as relações entre os valores, os saberes e o agir em competência dos sujeitos. Desta forma, gera a produção de saberes sobre o trabalho humano, e concomitantemente, sobre a saúde, constituindo um campo das relações saúde-trabalho, que se apresentam como duas faces da mesma moeda.

As escolhas, os valores e o agir em competência fazem com que a experiência humana no trabalho constitua-se através de uma permanente gestão de si mesmo, uma relação com a própria história dos sujeitos (ECHTERMACHT, 2008).

Echtermacht (2008) pontua que para compreender a relação trabalho-saúde como um processo do agir individual ou coletivo, em situações de trabalho, faz-se necessário o acesso às histórias, em suas interações singulares entre a atividade humana e os meios técnicos e sociais que configuram o viver e o trabalho em contextos específicos. Para tanto, utilizamos o recurso metodológico das Histórias de vida, por evidenciar tanto aos aspectos coletivos, quanto o agir individual dos sujeitos, permitindo explorar desde as experiências no contexto público até as reflexões mais singulares. O que significa atestar que os relatos das histórias, revelam algumas das práticas sociais e atitudes do grupo em foco.

Embora este recurso metodológico se aplique aparentemente sob uma ótica individual, não o utilizamos de forma limitada. Vale a pena ressaltar que a vida é composta por diversas dimensões, as quais são citadas quando os sujeitos narram suas histórias de vida. Por isso algumas informações são facilmente captadas, a respeito do contexto social, cultural, econômico no qual o sujeito está inserido, assim como, sobre os modelos das organizações e instituições das quais fazem parte.

A apresentação que se segue não possui o objetivo mais imediato, de apreender os elementos específicos de cada história isoladamente, mas busca possibilitar uma visão dinâmica de como estes trabalhadores, diante da sua escolha profissional, atuam e se inserem mediante aos seus valores no mundo e na vida.

5.2.2 - Primeira História - Soldado Souza

Eu tenho 27 anos de idade, entrei na Corporação há dois anos. No ensino médio eu fiz o curso profissionalizante de técnico de informática. Sou solteiro, resido com meus pais, juntamente com meu irmão de 21 anos.

Eu posso dizer que a minha vida é o máximo. Tenho uma profissão que não é para qualquer um. Acho que é um dom de Deus. Conheço muita gente que não suportaria lidar com o que a gente trabalha. Quando acontece uma catástrofe nós ficamos a semana inteira sem voltar para casa. Por exemplo, na situação do Bumba (local onde ocorreu um grande desabamento) eu fiquei de 48 a 72 horas sem ir para casa. O pessoal folgava um dia e ficava três. Teve colega que ficou uma semana e não voltou para casa, dormia no local. Mesmo sendo assim, eu não me vejo fazendo outra coisa.

Sempre que eu olhava um bombeiro achava que ele era tudo, mas nunca pensei que seria bombeiro. Eu sempre quis ser militar. Fiz curso para o exército e para a aeronáutica. Até que abriu concurso para o bombeiro, eu fiz e passei. No momento que passei eu pensei: vou ser bombeiro! Me encantei de vez.

A minha mãe gostou, mas o meu pai não gostou muito. As pessoas têm muita preocupação por ser soldado, não por ser bombeiro. Meu pai pensava na condição financeira. Ele pensava que eu deveria ser um sargento do exército para ganhar três mil reais, não um soldado que ganha 900 reais. Depois, quando eu entrei e me formei, quando ele viu a minha formatura, ele mudou de opinião.

Às vezes quando acontecem reportagens aqui do Centro, e eu apareço na televisão, meu pai fala para os colegas do trabalho: Olha meu filho !!!! Hoje em dia,

com ele, não tenho mais problemas. Já minha mãe sempre apoiou e foi praticamente um dos pilares para eu estar aqui.

O treinamento foi duro. Andar na lama, subir em cordas, subir prédios, descer prédios, foi complicado. Na vida, todo militar tem que estar preparado, porque quando acontecem esses incidentes, ninguém trabalha em condições normais de 8 horas por dia. Tem hora para entrar, mas não vai ter hora para sair. É duro, tem que trabalhar bem o psicológico.

A receptividade das pessoas com a gente (bombeiros) é muito grande. Agora, quando eu estava voltando da rua com uma viatura, as pessoas olhavam, e as crianças acenavam tchau. Quando retribuímos o tchau das crianças, as mães mostram: ‘Olha, o bombeiro deu tchau!’ É uma coisa muito legal. Eu fico rindo à toa com as crianças.

No primeiro acidente, quando eu saí para a rua, eu vi uma senhora de mais de 60 anos que o médico foi chamado para tirar a perna dela. O médico pegava o joelho, a perna, e no meio não tinha nada. A canela dela estava praticamente esmigalhada no chão, parecia uma massinha. Na primeira vez que você vê isso mexe com o seu psicológico. Quando você vai salvar uma vida, está com a responsabilidade de não deixar a vítima morrer, com a preocupação de não dar nada errado porque isto volta para a gente.

No primeiro atendimento, na rotina, até brincam: Agora o bombeiro vai ser batizado!!!! A gente fica apreensivo, eles (bombeiros veteranos) olham para a gente e falam: ‘vamos lá bombeiro, o que você vai fazer agora?!’ Aí você vai meio espantado e pensa: ‘meu Deus do céu... poderia ser um familiar meu... poderia ser um primo, uma prima, um irmão, uma irmã’. Com o , essa apreensão acaba, entre aspas, ficando normal. Não vou dizer sangue frio, mas já não olha com tanto impacto. A gente olha e vai direto resolver a situação.

Tenho uma perspectiva muito positiva em relação à carreira. O meu objetivo é chegar à patente de major. O caminho é longo. Não fazendo academia, o bombeiro pode chegar até major. Entra soldado, e vai sendo promovido à cabo, terceiro, segundo, primeiro sargento, suboficial, segundo tenente, primeiro tenente, capitão e major. Este é o último posto que o praça pode chegar. Quem faz academia, o oficial, pode chegar até o cargo maior de coronel ou comandante geral. O Coronel vem depois do major. A sequência é major, tenente coronel, aí vem o que chamam de coronel *full*. O *full* é o top, é o que tem todas as estrelas. Além do top, tem o comandante geral que é indicado. É aquele que vai representar o corpo de bombeiro em todo o Rio de Janeiro. A indicação é do governador, só pode chegar quem o governador indicar.

A promoção é assim: quando soldado, você faz a prova, com dois anos para ser promovido à patente de cabo. Com mais 2 anos, pode chegar à sargento. Então em quatro anos o praça poderá chegar a terceiro sargento. A partir do momento que você sai terceiro sargento cursado (o que aqui chamamos de sargento caneta) você fica mais quatro anos para sair segundo sargento e mais três anos para sair primeiro sargento. Desde então, fica habilitado para oficial. Um oficial que vem de praça.

As promoções dos oficiais são bem mais rápidas do que as nossas. O cara que vem da academia, fica três anos cadete e sai aspirante. Segundo tenente... capitão e etc.

O cara que vai para a academia e sai oficial é promovido major. Por exemplo, se você não fizer prova, espera por oito anos para sair cabo, depois por mais quinze anos para sargento. Já o civil que entra na academia e fica três anos sai aspirante. Depois de oito meses todos eles serão segundo tenente, e depois de três anos já serão primeiro tenente, com quatro anos capitão e cinco major. Em quinze anos a pessoa que vem da academia já sai tenente coronel. Quem não vem da academia, em quinze anos ainda é terceiro tenente.

Faço planos para um futuro com a meta que inclua realização profissional agregada à qualidade de vida. Meu projeto de vida é alcançar segurança financeira para viver com uma futura esposa e criar os filhos que ainda virão. Desejo assumir apenas o que não me tirar a paz.

É preciso pensar na saúde. O hospital dos bombeiros é bom, muito bom, mas poderia ser maior. Ele foi construído há muitos anos atrás, sendo que hoje somos quase 17 mil bombeiros e o porte do hospital continua o mesmo. Nós só temos aquele hospital do Rio Comprido e algumas policlínicas, uma em Niterói outra em Campinho.

Em relação aos equipamentos nós estamos melhorando muito, mas em minha opinião, poderia ser como é em São Paulo, onde os bombeiros trabalham com equipamentos individuais. Cada um tem o seu. Aqui o comandante conseguiu a capa de aproximação individual, mas, o interessante seria chegar ao serviço, abrir o seu armário e estar lá o seu capacete, a sua máscara de respiração e a sua bota. Hoje em dia o que é nosso é somente a capa de aproximação.

A gente chega na viatura e tem lá o material, que é a capa de aproximação e a máscara. Só que é coletiva. Cada pessoa tem a sua transpiração, tem os seus probleminhas físicos, né?! Aí, a pessoa foi para o incêndio, usou, transpirou nela toda. Depois você vai colocar o mesmo equipamento usado e com o risco de pegar uma doença, uma micose, então seria interessante cada bombeiro ter o seu equipamento

particular. O uniforme de combate ao incêndio também deveria ser nosso, como o outro uniforme, porque seria mais higiênico.

5.2.3 - Segunda História - Sargento Francisco

Eu tenho 43 anos de idade, há 12 anos entrei para a Corporação dos Bombeiros Militares. Iniciei o terceiro grau no curso de direito, mas não concluí. Sou casado e tenho 4 filhos.

Eu acho que todos nós nascemos bombeiros. A partir do momento que você vê uma senhora e chega para ajudá-la, sem interesse nenhum, carregando uma bolsa, a acompanhando até o fim da escada ou topo do morro, ajudando com satisfação, sem querer recompensa nenhuma...você está sendo bombeiro. Quando você vê o passarinho que caiu do ninho, ao tocar nele e ajudar ... você está sendo bombeiro. Enfim, acho que todos nós temos aquele sangue de bombeiro.

O brasileiro é bombeiro de coração. Infelizmente eu tive a oportunidade de vivenciar várias tragédias: Angra, Bumba, Chapéu Mangueira, Friburgo. Você vê todo mundo ali sendo bombeiro. Quando alguém lhe oferece água, está sendo bombeiro. Quando pergunta: ‘você quer comer alguma coisa?’ também está sendo bombeiro. Porque todos estão juntos, este é o lema do bombeiro - um único corpo. Todos nascemos bombeiros. Eu apenas concretizei, materializei na profissão.

Até chegar a concretizar foi uma longa história. Eu fui policial militar, por 8 meses, saí porque quis e passei a trabalhar como office boy. Ninguém acredita. Fui trabalhar como auxiliar de escritório. Depois eu virei empresário e administrei um prédio, uma *cabeça de porco* no Centro da cidade. Foram muitas coisas até chegar na condição de bombeiro.

Depois eu fui trabalhar no Hospital da Lagoa, onde trabalhei por 4 anos. Comecei como maqueiro. Eu tinha uma condição de empresário; infelizmente perdi esta condição, culpa minha, de mais ninguém, e me vi desempregado com três filhos. Eu falei: ‘meu Deus e agora?!’ Eu não posso esperar cair do céu. Foi quando eu soube por alguém que tinha uma Fundação que estava contratando bolsista temporário, para trabalhar no hospital da Lagoa. Fui lá me apresentei e mostrei o meu currículo.

O senhor Antônio, na época, olhou meu currículo e falou assim: ‘Olha só, infelizmente não tem trabalho aqui para o seu currículo’. Eu perguntei: ‘não tem?!’ Ele respondeu: ‘só tem para maqueiro’. Eu respondi: eu quero!!!

Eu expliquei: ‘pô senhor, estou desempregado, eu quero trabalhar, não importa no que seja, eu quero trabalhar. Eu posso começar agora’. Ele falou: ‘vem na quinta’ (era

terça). Quinta feira, 6 horas da manhã, eu estava lá e ali eu comecei a minha vida de maqueiro.

Ali eu comecei a entender que por mais insignificante que as pessoas possam achar que são o maqueiro e a moça da faxina, eles têm uma importância vital no papel que desempenham dentro da instituição de saúde. Sabe o porquê? Se a pessoa da faxina mantiver o ambiente bem limpo, diminui muito a infecção hospitalar. Na condição de maqueiro... quanto mais rápido pegar aquela pessoa e levá-la para colher um sangue, leva- lá para fazer uma gasometria, quanto mais rápido levá-la para o RX e ... não só levar, mas se importar de pegar o exame e trazer para o médico, decorar qual era o médico, Dr. Fulano de tal...Eu mudei aquele hospital. Porque os maqueiros anteriores eram funcionários federais, antigos e idosos. Eles levavam o paciente e só no outro plantão que iam buscar o exame. Ficava o dia inteiro o exame lá e ninguém ia buscá-lo. Então eu comecei a ditar um novo ritmo, com disposição de ficar em cima. Pegava o exame de sangue, juntava com a gasométrica, o RX, e falava com o médico sobre o paciente. Então quanto mais rápido o maqueiro agia, dava aquele socorro, o médico olhava, definia o que deveria ser feito com o paciente. Quanto mais o maqueiro corre com o paciente, maior é a chance de cura, de melhora, regressão na patologia que a pessoa se encontra naquele momento e assim foi.

Eu durei só sete meses como maqueiro, fui promovido. Tive uma promoção inédita, de bolsista passei a contratado, meu salário dobrou. Foi pelos meus méritos de ajudar. Eu socorri uma pessoa que estava tendo uma convulsão. Essa pessoa era justamente um dos diretores da Fundação e ninguém sabia. Eu socorri, coloquei-o na cama e a esposa dele ficou observando. No geral, as pessoas estavam passando para lá, para cá, e estavam rindo. Veja o instinto do bombeiro... o único que parou, perguntou, se doou fui eu. Então eu acabei colhendo frutos disto. Depois ele me procurou, agradeceu e perguntou o que eu achava de ser promovido para outro setor, ser funcionário, ter carteira assinada, dobrar o meu salário. Eu respondi que isso seria uma coisa muito boa, mas eu nem acreditei, não dei fé. Agradei a ele e perguntei quem ele era, 'se puder me ajudar vai ser ótimo, mas com licença, porque eu estou com esse paciente para levar ao 7º andar', que era a cardiologia.

No outro dia ele veio, me chamou e perguntou: 'o que você está fazendo ai? Você não é mais deste setor agora', me transferiu de um dia para o outro. E a vida seguiu.... Fiquei mais dois anos e meio, quando tudo mudou, saiu o Conde e entrou o Cesar Maia (prefeitos do Rio de Janeiro). Colocaram mais de 380 chefes de família para

fora, e eu estava nesse meio, eu tive de treinar pessoas novas para o meu setor e fiquei desempregado novamente.

Pensei, 'caramba...eu estou cansado desta desestabilidade'. Foi quando um amigo meu, bombeiro, que eu ajudei a fazer uma endoscopia no hospital, chegou e falou para mim: 'cara porque você não faz agora (2001) prova para os bombeiros? Vai abrir'. Mas eu falei: 'Puxa ... eu não tenho mais idade'. Então ele avisou que o limite de idade era até 35 anos de idade. Eu estava com 32, mas pensava que era até o limite de 28 anos. Ele insistiu com a ideia do concurso e disse que eu me daria bem. Sendo assim, eu fui e fiz a inscrição e foi acontecendo. Eu fiz a inscrição e continuei a levar a minha vida de desempregado.

Na verdade, nunca fiquei parado. Eu vivia na informalidade. Comecei a fazer curso porque com aquela idade o mercado começava a rejeitar. Eu fiz cursos pela força sindical, curso de auxiliar administrativo, telemarketing, inglês, espanhol, informática.

Detalhe: eles davam 2 vales transportes, então eu fazia 2 cursos de uma vez, um de tarde e outro de noite... para ganhar os 4 vales transportes. Eu tinha uma moto, usava a moto e juntava os vales. Naquela época, podia com vale transporte ir ao açougue e comprar carne, ou seja, nós vivíamos em função disto para chegar com qualquer coisa dentro de casa.

Nesse decorrer abriu a inscrição. Eu trabalhava em ornamentação de um shopping. Fiz a prova, achei muito difícil. Chutei três perguntas, afinal foram 15 anos sem pegar nos livros. Tive muita dificuldade de fazer a prova e me senti mais burro quando na saída da prova ouvia os comentários das pessoas falando que estava muito fácil. Havia pessoas conhecidas que falavam que estava molinho. Mas a vida segue... larguei para lá e continuei a minha vida normal.

O meu amigo bombeiro tinha guardado o meu número de inscrição e conferiu a minha prova. Um dia quando eu cheguei em casa tinha um recado para eu ligar para ele urgente. Quando eu liguei para ele e confirmamos o meu número da inscrição, ele me surpreendeu dizendo que eu havia passado em 5º lugar. Eu rapidamente peguei o jornal. Senti uma vontade enorme de gritar de tanta felicidade. Eu sabia que era o começo de uma nova etapa.

Isto foi em uma quinta-feira e dizia que eu teria de entregar, no sábado às 8 horas da manhã, todos os exames solicitados com laudos. Além de ser muita coisa com laudo, já era quinta de madrugada, eu tinha somente a sexta feira para arrumar todos esses exames. Como nada acontece por acaso, eu fui lá no hospital da Lagoa, onde fiz alguns exames e outros no hospital Doutor Eiras em Botafogo.

No sábado eu estava lá com tudo pronto. Quando eu entreguei foi que percebi que era o único que estava com exames do SUS. Todos estavam com um kit de exames de uma clínica privada, mas eu não poderia me dar o luxo de pagar 180 reais em um kit, desempregado não tinha dinheiro.

Ainda teve o exame físico, na ocasião eu estava com 128 quilos. O treinamento foi o desespero, treinamento de brasileiro... foi com a cara e a coragem... e vou falar para senhora... sofri um bocado. Correr a quantidade de voltas naquele campo de Guadalupe com 128 quilos e passar na linha de chegada, para mim foi ganhar uma medalha de ouro. Assim que eu ultrapassei o oficial deu o sinal para encerrar.

Não é só correr. Na competição faz a barra, faz a reflexão, faz 60 abdominais em um minuto. Imagine eu com 128 quilos, minha barriga era duas vezes maior do que agora. Teve também a natação que era engraçada, porque tinha gente se afogando, mas na verdade, era só pular na piscina e seja o que Deus quiser. Tinha que sair do outro lado, tinha que chegar lá. Era mirar e jogar o braço. Foi tiro de 100 metros; apesar do sobrepeso fui bem no TAF (Teste de Aptidão Física). No total eu já fiz três na corporação. Um para ser soldado, outro para ser cabo e o último para ser sargento. Fiz tudo novamente, prova... fiz tudo novamente...

Hoje eu estou com 100 quilos, mas na ocasião do recrutamento cheguei a pesar 78 quilos, emagreci porque corria todo dia. Depois de 11 anos corro pouco, muitas coisas mudam.

Nestes 11 anos eu tenho observado que muitas coisas evoluíram na corporação em termos de equipamentos e socorro. Podemos ser considerados um grupo de ponta no Rio de Janeiro. Ao assistir reportagens dos países ditos de primeiro mundo, até mesmo Estados Unidos, percebemos que não difere muita coisa não. No Brasil precisa um pouco de seriedade. Não adianta nada a gente fazer a maior correria, fazer o trabalho certinho, manter a sobrevida da pessoa... manter ele estabilizado, levar para o hospital, entregar ao hospital e a vítima ficar em uma maca no corredor. A pessoa fica jogada em um canto, em um corredor e muitos se vão por conta disto...então o que pode fazer ?!

Salvar vidas é um trabalho em processo....

Podemos ser a própria vítima. Eu moro em um bairro, onde a minha rua tem problema de drenagem. Às vezes chove torrencialmente. Eu posso estar em um morro destes resgatando as pessoas, mas estou pensando nos meus filhos em casa, pensando 'Será que encheu? Será que o esgoto vai invadir a minha casa pela 5ª ou 6ª vez? Será que eu vou perder os móveis da minha casa de novo?' Já perdi três vezes, na época de final do ano, quando compramos tudo novinho. Infelizmente não podemos comprar de

madeira de lei, que aguentaria melhor a água. Estragam e temos que comprar tudo outra vez, não tem jeito, não adianta processar e você vai culpar quem? Prefeitura? Estado? União? Não resolve, temos que arregaçar as mangas e voltar a trabalhar.

Ultimamente, tivemos um desafeto com o governo do Estado, não com a pessoa física, mas com o governante em relação aos nossos ganhos. Estamos muito defasados. Eu gasto mil reais em compras do mês, o dobro do salário mínimo, tudo bem que eu tenho 4 filhos. O problema é meu e eu tenho que criar eles com qualidade. Por isso, noventa por cento de quem trabalha aqui dentro e tem família, precisa fazer dupla jornada. Só do salário hoje em dia não consegue sobreviver.

Eu tenho filhos de 19, 17, 15 e 10 anos. E eu estou lutando para meu filho mais velho não seguir a minha profissão e procurar outra coisa melhor, mas ele cismou em ser oficial. A menina se formou em professora, fez o Enem e foi bem. Começará a fazer a faculdade agora. A outra quer ser dentista... fazer odontologia e a outra quer ser doutora... quem sabe uma psicóloga... não é doutora ?!?!? (risos).

5.2.4 - Terceira História - Subtenente Severo

Eu tenho 52 anos, em poucos dias completarei 30 anos na função de bombeiro militar. Quando isto acontecer minha patente passará de primeiro sargento para subtenente. Tenho o segundo grau completo, sou casado e pai de quatro filhos.

Ser bombeiro é uma profissão de alto risco e ao mesmo tempo uma profissão muito gratificante. Quem não quer fazer bem ao próximo e resgatar uma vítima de acidente? Socorrer uma pessoa que está precisando do próximo? É gratificante e ao mesmo tempo muito arriscado. Mas é o lema da profissão: Vidas alheias e riquezas salvar. É a nossa missão e a gente tem que cumprir.

Eu entrei para os bombeiros procurando um trabalho. Fui por três anos militar da marinha, assim como meu pai foi um dia. Mas, foi o meu próprio pai quem me deu uma direção: vai ser bombeiro.

Quando eu era garoto morava perto do quartel do bombeiro. Toda vez que via o carro dos bombeiros eu ficava doido. Quando eu ouvia a sirene, para mim era um caminhão de heróis passando, homens destemidos. Todo mundo quer ver os bombeiros passarem. A mulherada corre para a janela somente para ver o bombeiro passar. Todo mundo gosta do bombeiro. O bombeiro com certeza é respeitado. Sou feliz por ser bombeiro, já fiz o bem para muitas pessoas, já ajudei muitas pessoas e isso me faz sentir realizado.

Na época, quando entrei foi para mim um atrativo, eram 5 salários mínimos. Entrei em 1981, há 30 anos, no governo de Chagas Freitas. Atualmente, os bombeiros com estes planos aí ...só foi perdendo, só perdendo.

Já socorri até em dias de folga. Foi em um acidente de ônibus. Ele virou na curva e estava superlotado. E eu ajudei a retirar as pessoas de dentro do ônibus. Colocando os passageiros acomodados até a chegada do bombeiro. Ninguém sabia que eu era bombeiro, fui socorrendo, ajudando as pessoas que saíam machucadas, chorando, gritando e eu fazendo aquilo sem ninguém saber que eu era bombeiro.

A gente se sente realizado fazendo uma ação desta. Fazer o bem é um compromisso que está dentro da gente. Mas não foi esta a primeira vez, aconteceu outras vezes. Em uma colisão de dois carros, eu fui socorrer as duas vítimas. O acidente foi em frente ao local que eu estava trabalhando na segurança. Eu fui, corri, retirei uma vítima das ferragens com cuidado... não poderia mexer muito caso ela tivesse com fraturas na coluna. Eu o retirei com todo cuidado, também porque havia risco de explosão. Chamei o bombeiro e fiquei aguardando no local... foi terrível.

O bombeiro mesmo de folga, todo mundo pensa que ele pode resolver tudo. Eu estava na minha casa, com minha esposa, quando foram avisar que caiu uma árvore. Eu respondi que não estava de serviço. Mas poderia ajudar a quebrar o galho (risos). A gente sempre ajuda né?! Não é porque eu estou de folga que não posso ajudar.

Minha esposa se sente honrada, né?! Quem não quer ter um esposo bombeiro?! Principalmente bombeiro bem renumerado, né?! Bem protegido, bem alimentado, bem segurado, segurado que eu digo é amparado, porque tem que pensar também na saúde do bombeiro, no bem estar da família dele.

Penso que falta um pouco de atenção na vida do bombeiro, no que diz respeito ao psicológico, ao espiritual, a autoestima, ao financeiro. Porque se o bombeiro for tirar 24 horas, já está vindo da segurança, já está cansado, já está estressado, ou então tem seus problemas particulares. Se ele não estiver legal emocionalmente, psicologicamente... acho que ele pode não desempenhar bem o papel dele, a função dele. Muitos têm dívidas para pagar.

O grande problema do bombeiro hoje em dia é dívida... é dívida. Eu lutei a vida toda, estou com 52 anos de idade, com 30 anos de bombeiro, agora que eu vim fazer uma casa para eu morar. Eu estou endividado, tenho o contra cheque carregado, mais de 30 por cento de descontos no contracheque... Tenho que resolver isto. Muitos estão nesta mesma situação.

Eu já vi muitos colegas que se foram. Colegas bombeiros que infelizmente não tiveram alguém que fizesse alguma coisa por eles. Se foram porque foram vítimas da bebida, vítimas das drogas.

Às vezes é necessário dar uma parada para pensar na saúde, na família também. É uma profissão na qual corremos muitos riscos. Lembro que fui apagar um incêndio em um navio. Imagine... tinha quatro cilindros de gases e tambores cheios de óleo com o navio pegando fogo. Eu estava perto e pensava: 'meu Deus tenho que sair daqui porque se isto explode eu vou para os ares'.

Nesta época, o bombeiro não tinha os equipamentos que tem hoje, às vezes corria o risco até de morrer porque não tinha equipamentos, ao menos uma máscara. Já aconteceram vários casos de bombeiros ficarem doentes.

Eu, graças a Deus, nunca tive problemas. Sempre fui precavido, mas já corri muitos riscos. Já peguei cadáver, trabalhei no rabeção, trabalhei na lancha, peguei muito cadáver no mar... é terrível. Quando no incêndio respiramos aquela fumaça, ninguém quer respirar fumaça... Quando você respira fumaça você pode morrer intoxicado. Eu já ouvi casos de colegas que ficaram com problemas de coluna. Aconteceu que bombeiro caiu da árvore ao cortar a árvore. Ele caiu com motosserra e tudo... cortou a perna dele. Isto foi verdade!! Bombeiro corre um risco muito grande... não viu no World Trade Center, morreram mais de 300 bombeiros !?

Atualmente têm muitos cursos para aprender a lidar com produtos perigosos. Tudo relacionado aos equipamentos hoje está 100%, até temos roupa de aproximação.

Eu sofri muito quando eu era soldado, quando era cabo, de terceiro sargento para cá já venho melhorando um pouco no salário. Aconteceu uma vez que fiz um salvamento, participei de um socorro e fui premiado peculiarmente. Na época tinha pecúlio que era a premiação em dinheiro no salário. A minha promoção foi de 50% do meu salário da época. Eu comprei meu carro, comecei a fazer minha casinha que terminei agora. Coloquei a laje e já estou morando, ainda não embolsei, estou morando na casa no tijolo.

Hoje já não é mais a gratificação por pecúlio, hoje é por bravura. O ato de bravura é para pessoas que participam de algum ato heroico ou salvamento. O dinheiro vem na forma de promoção. A patente muda para melhor.

São vários os casos em que a gente foi trabalhar e as pessoas nos tratavam muito bem. Às vezes faziam aquele banquete de comida, de lanche, café. A população em geral, tem o bombeiro como herói ... um anjo... um anjo mesmo... que chega na hora certa.

Eu lembro que uma vez fui para um incêndio em Petrópolis. Uma casa de um senhor carente pegou fogo. Quando foi no meu dia de serviço estava lá este senhor falando: ‘eu quero presentear o bombeiro porque ele trabalhou muito bem’. Eu perguntei ‘o que o senhor quer me dar?’ E ele falou: ‘toma aqui um dinheiro’. Eu respondi: ‘senhor pode guardar o seu dinheiro porque eu não quero. O senhor não precisa fazer isso. Senhor guarde esse dinheiro, nós fomos lá e fizemos o que é o nosso trabalho do dia a dia, a nossa obrigação !!! O senhor já teve o prejuízo do incêndio. Deus me ajuda e sempre vai me ajudar, me desculpe, mas eu não vou aceitar’.

Todo mundo respeita o bombeiro. Uma vez eu estava fardado e separei uma briga de dois homens dentro do ônibus. Eu mandei o ônibus parar e falei: ‘Para esse ônibus aí motorista... e vocês desçam e vão brigar lá fora. Aqui ninguém vai brigar, senão iremos todos para a delegacia!’ Eles logo responderam, ‘pode ficar tranquilo ninguém vai brigar aqui não’.

Eu vou contar a última agora. Eu estava aqui na Central do Brasil, fardado, quando uma mulher me agarrou chorando. Eu perguntei o que houve e ela contou que havia algumas mulheres que queriam roubá-la. Eu falei para ela não chorar, ficar calma e fazer de contas que estava comigo. Eu a abracei e perguntei onde ela trabalhava. Ela contou que trabalhava na Embratel e pediu para eu acompanhá-la. Eu falei: ‘Vamos andando de devagarzinho e faz de conta que estou com você, não demonstre que está com medo’. Eu a levei até na rua do prédio da Embratel. Ela agradeceu e saiu em disparada. Depois eu voltei peguei o meu ônibus e fui embora. É um prazer a gente fazer o bem sem olhar a quem.

Eu gostei desta entrevista... engraçado ... coincidência, estou no finalzinho vem uma entrevista desta, foi uma coisa legal. Serei promovido dia 25 de dezembro, essa promoção só vem quando completa 30 anos. Em janeiro tiro férias, fevereiro voltarei, aí eu tenho que esperar receber o terço das férias e a carteira de subtenente. Isso muda a vida, ajuda bastante. Será uma diferença muito grande.

5.2.5 - Comentários sobre as histórias de vida

Ao considerar uma análise no plano individual das histórias podemos tecer os seguintes comentários:

A história do Soldado Souza, mostra um profissional no seu início de carreira, representado pelo ingresso no militarismo, o treinamento, e o orgulho por fazer parte de uma categoria profissional socialmente aceita. A sua experiência como trabalhador se inicia com a vida militar. O desagrado inicial do pai do sargento Souza pode ser o

reflexo das preocupações relacionadas às variáveis do contexto social, como a precariedade dos empregos e a constante ameaça de desemprego. Estes são aspectos que podem retardar a independência financeira daqueles que ingressam no mercado de trabalho (CARRETEIRO E BARROS, 2011). Os primeiros atendimentos são sinalizados como uma experiência impactante, na qual é necessário a articulação de recursos internos para suportar a pressão tanto emocional, quanto física. Souza demonstra-se preocupado com as questões de saúde e segurança, mas o seu discurso é cheio de esperanças e boas expectativas.

A segunda história de vida é narrada na perspectiva de um homem mais velho, o qual já inserido no mercado de trabalho enfrenta as dificuldades de uma vida com pouca estabilidade financeira. Diante da responsabilidade de ser o chefe da família, submete-se ao mercado de trabalho informal ou subempregos. Contudo, a retrospectiva que Francisco faz da sua vida, mantém um colorido de força, superação e protesto. Na sua ótica, ser bombeiro, é algo além do exercício formal da profissão. A atividade, é vista como um processo que envolve muito mais que profissionais bombeiros. Francisco expõe a vulnerabilidade de bombeiro militar, quando mostra que o profissional que salva pode ser vítima de uma mesma tragédia. A falta de reconhecimento é mais um dos fatores que marca a narrativa de Francisco.

A última história, de Severo, é marcada pela sensação de orgulho e gratificação em ser bombeiro. Parece explicitar disponibilidade interna, no que se refere a ajudar ao próximo. A imagem de herói tem lugar na sua narrativa, pois sempre disponível, não se limita a exercer a atividade apenas nos limites de seu expediente. Em função dos longos 30 anos de profissão, ele é capaz de apontar experiências que revelam grande risco à saúde dos bombeiros. Embora a temática da gratificação se faça presente, Severo também expressa que a profissão não tem lhe proporcionado retorno financeiro satisfatório.

Uma vez que optamos por ilustrar as histórias de vida de três profissionais em momentos de vida diferentes, tornam-se notáveis as variabilidades, visto que a realidade de trabalho se apresenta de forma distinta conforme o momento de vida de cada sujeito. Por este motivo, a motivação, o comprometimento e a compreensão acerca das transformações organizacionais em curso, ou especificamente no processo de trabalho, não terá o mesmo significado para todos os indivíduos. O significado das vivências do momento presente, certamente sofrerá mudanças em um momento futuro. O que nos remete, na perspectiva da ergologia, à lógica das normatizações e renormatizações presentes em todas as histórias no mundo do trabalho.

Ao analisar as histórias de vida sob um plano coletivo, podemos observar a existência de pontos comuns na dinâmica das três histórias. Um dos aspectos recorrentes nas histórias refere-se à atividade como uma dimensão maior do que a ideia de produção de bens ou serviços. Os profissionais falam sobre a atividade sempre se reportando a outras dimensões da vida, como a aceitação e orgulho da família. Tal aspecto parece funcionar como um importante elemento de ligação entre a vida familiar e a vida no trabalho, além de apontar para uma forma de reconhecimento pela profissão.

Podemos ainda citar o fato dos entrevistados demonstrarem uma relação complexa e ativa entre a vida singular e a vida na coletividade, resultante de um total engajamento do sujeito nas esferas individual, cultural, econômica, social e política. Como consequência, os trabalhadores narram suas histórias demonstrando uma visão ampla do posicionamento da categoria profissional no atual cenário político.

De igual forma, as características da organização são desveladas nas histórias, a exemplo do treinamento, que é citado como uma primeira etapa muito desafiante para quem ingressa na profissão.

Concluimos, conforme Closs e Antonello (2012), que embora vidas individuais sejam a unidade de análise de histórias de vida, torna-se possível desvendar por meio dos acontecimentos significativos relatados, as relações estabelecidas com membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, quando busca-se apreender algo que se insere nas comunidades às quais pertencem, indo além do caráter individual do que é transmitido.

5.3 -A REALIDADE DE SER BOMBEIRO - Um olhar sobre o Corpo dos Bombeiros Militares

O universo dos bombeiros militares é um campo rico para a produção de conhecimento sobre o mundo do trabalho. Por esta razão, pode ser examinado em várias perspectivas. Sendo assim, é possível explorar alguns fatores observáveis no exame das ações dos profissionais diretamente no campo de atuação da atividade. Do mesmo modo que existem outros fatores “menos visíveis”, relativos à subjetividade produzida nas experiências do trabalho, esses estão diretamente relacionados às particularidades da vivência dos trabalhadores.

Nesta seção, serão tratadas algumas questões difíceis de serem percebidas na superficialidade da atividade dos bombeiros militares. As observações aqui apresentadas

somente foram possíveis diante do olhar mais íntimo autorizado pelos profissionais por meio das entrevistas.

5.3.1 - A atividade de Bombeiro Militar e o Uso de Si

O uso de si implica em fazer escolhas. A vida é feita de escolhas, a começar pela escolha profissional, independentemente das razões que a conduz. Ser bombeiro militar foi entendido como uma escolha acertada para a maioria dos profissionais, posto que se declararam satisfeitos com a sua ocupação.

Isso é a paixão da minha vida. Isso que está aí (referindo-se as fotos utilizadas como disparador das entrevistas) é a paixão da minha vida. Ela me escolheu... essa profissão me escolheu... eu entrei nela e me apaixonei por ela... acho a coisa mais linda do mundo essa profissão... Salvar vidas é muito bom! (E13).

A partir dessa, muitas outras escolhas são realizadas. Tratando-se de uma atividade que se desenvolve em situações de emergência, a condução de cada etapa é vista como fundamental para o bom resultado. Os gestos, o olhar, a mão como suporte, o corpo em si e até o silêncio passam por escolhas inconscientes, habitadas em um drama interior. Essas escolhas são baseadas nas competências e nos valores acumulados ao longo dos tempos e da vida do trabalhador (SCHWARTZ, 2000).

A imprevisibilidade é um elemento que podemos perceber presente nas atividades dos bombeiros, as escolhas também dizem respeito às tomadas de decisões frente às imprecisões que surgem no ato do atendimento. Ainda que, em cada situação seja necessário uma análise prévia para a definição de um plano de atuação, o meio pode oferecer novos fatores capazes de modificar a cena do socorro.

Foi relatado por um dos profissionais, a existência de alguns procedimentos padrões, como isolar o local do evento e reservar a área para o atendimento; avaliar a possibilidade de explosão dos veículos envolvidos em acidentes, acionar os recursos necessários com rapidez; identificação do estado geral da vítima, entre outros. No entanto, apesar dos procedimentos padrões, o cenário pode sofrer modificações, alterar o desfecho da cena e convocar o profissional para ações criativas.

O básico, é a nossa cartilha do “BAB” é a avaliação da cena...é a primeira coisa que se faz. O que também é muito relativo. Porque a cena pode se modificar no meio. Por exemplo: às vezes você está no meio de um acidente... você sinalizou tudo, mas de repente, vem um cara bêbado ou dormindo e bate na viatura dos bombeiros, como já teve um caso em que o cara (motorista) morreu. Nós fomos para um

acidente onde a pessoa só tinha fraturado o nariz e um camarada, de madrugada, dormiu no volante e bateu atrás da viatura... e, esse sim morreu. Quer dizer... nós fomos para socorrer um acidente e o outro que morreu no acidente secundário... quer dizer os ambientes são singulares. Então é difícil achar que estamos preparados, ninguém está preparado para todos os eventos. (E1)

Este depoimento corresponde ao que Vieira e Santos (2012) reproduziram em relação às contribuições de Canguilhem e Schwartz. Esses sinalizam que a atividade do trabalho detém certo grau de imprevisibilidade e, como não se pode listar completamente o que a constitui, manifesta-se, aí, a chamada infidelidade do meio (CANGUILHEM, 1990). Schwartz (2010) reforça esta infidelidade ao afirmar que “jamais o meio apresenta-se idêntico de um dia para outro, ou de uma situação para outra”.

No episódio anteriormente descrito, os bombeiros foram confrontados com o real da atividade, muito diferente do desfecho desejado. Os profissionais remeteram, literalmente, ao dramático uso de si. Os dramas mais radicais da atividade de bombeiro são enfrentados quando, ao deparar-se com o inesperado, faz-se necessário modificar o “planejamento técnico” estabelecido para atuar na situação. Diante disso, o profissional é intimado a utilizar o que há armazenado dentro de si, convocando até de sua vida singular, fazendo suas escolhas para agir, o que inclui a responsabilidade de falhar.

Neste sentido, tanto para Dejours (1992), quanto para Schwartz (2000), este é o espaço potencial do homem para utilizar a sua inteligência com o objetivo maior de minimizar a distância entre a tarefa prescrita e a atividade real.

Cabe ao homem a ação de renormatizar as normas antecedentes e transformar o seu trabalho. Esta é uma possibilidade fundamentalmente humana no contexto da atividade, por isso atividade humana. Somente aos sujeitos, individual ou coletivamente, é permitido acionar o processo transformador das possibilidades laborais que são primariamente submetidos às normas antecedentes. Assim, mesmo inconsciente, o trabalhador é o principal agente transformador do seu processo de trabalho, ou melhor, da sua atividade (Schwartz,2000).

De forma mais direta, Schwartz (2010) revela que, em qualquer situação, o ser humano irá negociar na tentativa de recompor, em parte, seu trabalho em função do que ele é, em concordância com o universo que o circunda.

A posição de Dejours (1992) fala a favor de um modo operatório criado espontaneamente, mas que ao mesmo tempo não surge ao acaso. Para este autor, a

criatividade aperfeiçoa uma determinada ação, uma vez que diferentes trabalhadores não conseguem seguir à risca um único protocolo de uma mesma tarefa.

Ao contrário, a observação demonstra que os diferentes modos operatórios, que aparecem espontaneamente, são extremamente personalizados. A livre organização do trabalho é apenas uma estruturação do modo operatório, que leva em consideração, as atitudes individuais, as necessidades da personalidade, onde cada gesto harmoniza-se espontaneamente com as defesas comportamentais e caracteriais (DEJOURS, 1992, p.127).

Os bombeiros militares trabalham em condições ambientais permeadas de imprevisibilidades, em função da atividade desenvolver-se em um ambiente paralelamente técnico, humano e cultural, que se traduz na denominada infidelidade do meio. Do mesmo modo que existe uma instabilidade relativa à fidelidade do meio, podemos dizer que sempre haverá modos diferentes do trabalhador realizar a sua atividade. As variabilidades relativas ao gênero, idade, formação, e características individuais dos trabalhadores exercem influências nas escolhas e tomadas de decisões no cenário profissional.

Outro tipo de influência sobre o trabalhador pode ser encontrada no fato de a própria atividade ser considerada marcante na constituição da individualidade daquele que a exerce. De forma recíproca, a consequência dessa troca resulta em ganhos e aquisições fundamentais para o próprio amadurecimento da atuação profissional. Assim, a atividade marca a vida do sujeito, tal como o sujeito é constituído pela atividade que exerce.

Posto deste modo, podemos dizer que ao longo da vida profissional o sujeito implica-se, no *uso de si*, definindo seus critérios éticos para atender às convocações que, dramaticamente, advém da imprevisibilidade do meio.

Ao considerar que o homem é influenciado por sua atividade e essa por ele, naturalmente, ocorre um processo de amadurecimento, tanto na esfera profissional quanto na individual. Isso possibilita para o trabalhador uma avaliação de retrospectiva de suas atuações.

Se por um lado as ações bem sucedidas são guardadas como positivas, por outro, as ações com resultados diferentes do esperado podem marcar a vida do profissional de forma deletéria e definitiva. É neste sentido que a saúde do bombeiro pode ser afetada, uma vez que eles são convocados, sem opção de fuga, a definir as tomadas de decisões frente aos atendimentos e aos imprevistos que advém do mesmo. Assim sendo, o

sentido de emergência não se limita apenas ao acidentado, mas também ao socorrista, o qual, em um diálogo interno dramático, urge em fazer o que deve ser feito do modo mais apropriado para a situação.

Caso a tomada de decisão seja acertada, mas o desfecho seja de óbito do acidentado, o profissional pode ser fadado a *tatuar* um sentimento de culpa ou incompetência. Estas percepções podem promover diversas formas de adoecimento, que permanecem no decorrer da carreira, sobretudo, quando não há um investimento na prevenção aos danos à saúde do trabalhador. É o que pode ser verificado na avaliação em retrospectiva do E1.

“(...) Foi o caso de outra senhora ... eu poderia ter tratado de maneira diferente... ela chegou a falecer no hospital ...e isso fica na cabeça por mais que você tenha uma vida normal ... se você fizer uma investigação mais a fundo pode ter refletido... não sei se ainda reflete... mas em algum momento da minha vida ... pode ter me atrapalhado ou não... ter me levado a tomar determinada decisão ou não... então esses traumas psicológicos não são bem tratados (E1)”.

No campo profissional dos bombeiros portugueses, a tomada de decisão foi tema de um estudo, que focou nos fatores influentes no desempenho das ocorrências de incêndios urbanos e acidentes da viação. Os resultados revelaram que a formação e a experiência são os fatores mais importantes para a atuação da categoria nas situações diante da pressão do tempo. A experiência é o que permite identificar padrões análogos nas situações em geral (JOANES, 2012).

Joanes (2012), ao consultar Klein, apresenta uma perspectiva diferenciada. Em relação aos bombeiros, descreve que o fato de serem combatentes de “adversários desarmados”, faz com que a tática permaneça inalterada. Contudo, esta justificativa pensada na perspectiva ergológica pode ser refutada. Pois os próprios autores pontuam que a experiência adquirida ano após ano, forma uma base para a tomada de decisão. Do mesmo modo, quando alertam que é necessário proporcionar uma formação mais adequada às necessidades reais, os autores não marcam, explicitamente, a fração individual do sujeito como importante para o acúmulo da experiência profissional. Todavia, indicam que a tática de atendimento não é engessada e, sim, modificada com o passar dos anos, inclusive levando em consideração a adequação da realidade.

5.3.2 - Ser bombeiro: Contribuição Social, Altruísmo e amor ao próximo

A atividade enquanto produção tem, primordialmente, a finalidade de suprir as necessidades de subsistência do homem. Porém, em um nível secundário, o homem é conduzido a outros tipos de trabalho para satisfazer-se, como o exercício da criatividade e da colaboração. Em função do convívio entre sujeitos de atitudes semelhantes, cria-se uma dinâmica em que se estabelece uma cadeia de atividades fundamentais para a vida e a cooperação entre os pares. Em outras palavras, estamos dizendo que o trabalho não é exclusivamente execução (SCHWARTZ, 2000). A atividade inscreve-se, transversalmente, na vida dos sujeitos e na sociedade, na forma de um fio condutor que tece as conjunções do viver e do trabalhar. O trabalho forma sentidos que transcendem a produção laboral, com a força de atribuir sentido à vida em todos os aspectos.

Dejours (1994) reforça pontuando que trabalhar não é apenas uma atividade, mas um viver. Viver a experiência da pressão, ao enfrentar a resistência do real e construir o sentido da situação, do sofrimento e do trabalho. Sendo assim, o trabalho exerce influência sobre a identidade pessoal e social do sujeito, afetando suas relações familiares e todas as formas de inserção social.

Antunes (2000), ao tratar a questão dos sentidos do trabalho, pontua a incompatibilidade existente entre trabalho “sem sentido” e vida “cheia de sentido”, pois para o autor, um trabalho cheio de sentido equivale uma vida também cheia de sentido, tanto dentro quanto fora do trabalho. Deste modo, o sentido está em todas as dimensões: individual, subjetiva e social.

Tolfo e Piccinini (2007) relatam que ao trabalho é atribuída uma dimensão social quando o profissional percebe que contribui com uma ação de utilidade para a sociedade. Nesta dimensão, o trabalho contribui para o desenvolvimento do trabalhador e da sociedade.

Dejours (1992) compartilha da ideia que o trabalhador necessita que seu trabalho tenha sentido para os seus pares e para a sociedade. O autor coloca que o sentido do trabalho é analisado a partir de dois conteúdos significativos. O primeiro é o conteúdo significativo em relação ao sujeito e o segundo é o conteúdo significativo em relação ao objeto.

O primeiro está vinculado ao significado da tarefa em relação à profissão. Assim, por meio da atividade, as ideias de evolução pessoal e profissional se sobrepõem. Desta união nasce a construção da identidade pessoal e social do trabalhador, o que indica uma identificação do sujeito com a sua escolha profissional.

Em relação ao segundo conteúdo significativo, o autor indica que a atividade comporta investimentos simbólicos destinados ao outro. Assim sendo, pode destinar uma mensagem para alguém ou contra alguém.

A atividade do trabalho, pelos gestos que ela implica, pelos instrumentos que ela movimenta, pelo material tratado, pela atmosfera na qual ela opera, veicula certo número de símbolos (DEJOURS, 1992, p.40). Cabe ressaltar que, embora apresentados separadamente, os conteúdos significativos tanto em relação ao sujeito, quanto em relação ao objeto, são termos presentes em toda atividade e apresentam-se em um único formato.

No que se refere ao sentido de contribuição social, pelo fato dos bombeiros pertencerem a uma categoria militar, algumas peculiaridades fazem-se presentes. Uma delas é o fato de que a natureza militar está diretamente vinculada ao cumprimento de deveres e obrigações voltados para a proteção e segurança da sociedade. Desde o início da carreira, é repassado para o bombeiro militar que o patriotismo deve ser “traduzido pela vontade inabalável de cumprir o dever e pelo solene juramento de fidelidade à Pátria e integral devotamento à segurança da comunidade, até com o sacrifício da própria vida” (LEI Nº 880, de 25 de julho de 1985).

Monteiro e cols. (2007), em um estudo sobre a qualidade de vida no trabalho dos bombeiros, tecem algumas considerações acerca das características militares. Para os autores, o fato de a profissão ser atravessada por valores como o cumprimento de ordens, faz com que o militar seja visto mais numa perspectiva de servidão do que de produção. Desta forma, ele deve estar à disposição para servir ao público, sendo assim um servidor.

Natividade e Brasil (2006), ao realizarem um estudo sobre a escolha profissional entre os bombeiros militares, registraram que devido a estrutura pautada na hierarquia e na disciplina, os sujeitos trabalham conforme as regras de comportamento da organização. O respeito e cumprimento das regras levam à padronização de comportamentos que demarcam o modo como atendem aos usuários do serviço.

Na nossa análise, tomando como base o cenário do cotidiano, no qual o real da atividade desenvolve-se, verificamos que este posicionamento de padronização de comportamento não se apresenta de forma plena no campo da prática.

Podemos lembrar que, mediante a perspectiva das clínicas do trabalho, a ergologia defende que o homem, frente às normas antecedentes, atua no papel de renormatizá-las; a psicodinâmica aponta a necessidade vital de o homem utilizar sua

inteligência na atividade que exerce; e a clínica da atividade ressalta a importância para o trabalhador de executar o seu poder de agir.

Assim, diante destes princípios, a padronização entre os trabalhadores seria uma condição eminentemente adoecedora. Por esta razão, resta aos trabalhadores, ainda que inconscientemente, protegerem-se deste risco e buscarem estratégias para exercerem o protagonismo de suas ações. Todavia, o que verificamos nos depoimentos é que, mesmo regidos por um modelo fortemente hierárquico e disciplinar, o papel subserviente não aparece, declaradamente, como um problema para os bombeiros militares. O que nos leva a pensar que, se explicitamente não representa um problema, o que veremos posteriormente sobre o alto consumo de álcool pode estar associado às tensões e contradições tipicamente presentes em contextos caracterizados por forte disciplina.

Para além, na leitura da psicossociologia, essa forma de negar as problemáticas oriundas dos conflitos do real e as tensões hierárquicas pode ser o reflexo dos pactos existentes entre os sujeitos e a organização, que acaba por deixá-los confortáveis na reprodução deste discurso, por meio de um imaginário enganoso.

Nesta perspectiva, o que foi registrado é a percepção de que a contribuição social oferecida à sociedade por meio da atividade dos bombeiros militares é um benefício compartilhado entre a organização e os profissionais.

É uma profissão que eu escolhi e que tem uma importância dentro da sociedade. Que eu tenho que procurar desempenhar bem... ajudar bem estas pessoas... (E11).

(...) Eu sinto que estou contribuindo para o meu país...para a sociedade, fazendo algo de bom para as pessoas e para mim mesmo (E4).

Desta forma, comprova-se que o trabalho é um processo simultâneo, capaz de alterar a natureza, na medida em que a própria natureza humana é transformada a partir do processo laboral (ANTUNES, 2000). Como resultado deste processo, o trabalhador pode extrair prazer de sua atividade e atribuir um valor positivo ao seu trabalho.

Outra característica muito marcada pelos trabalhadores, em relação ao *ser bombeiro* é o caráter altruísta. Em geral, o altruísmo é identificado na narrativa dos profissionais cujas atividades estão diretamente ligadas ao contato humano, como nas áreas da educação, da produção de cuidados em saúde, ou mesmo relativo à proteção, como a segurança e a defesa civil. Lemos (2007) acena que os indivíduos com inclinação ao altruísmo buscam, profissionalmente, contribuir para o bem-estar da sociedade, colocando-se à serviço dos seus semelhantes. Sinaliza ainda que é somente

deste modo que as pessoas com este tipo de personalidade profissional sentem-se realizadas e encontram sentido no trabalho e na vida.

(...) é um trabalho de ajuda as pessoas ... é um trabalho de altruísmo ... uma certa característica que algumas pessoas têm... é a vontade de ajudar ao próximo ... e isso acaba, sem querer ou por querer, refletindo na profissão que você escolhe...(E1).

(...) Já existia um movimento... de baixos salários... mas uma coisa dos bombeiros... da corporação é que ... é igual aquele comercial do Credicard ... não tem preço... Isso não tem preço entendeu? Tanto faz ganhar 10 mil, ou 100 reais... esse é um momento único de salvar uma pessoa e poder ajudar...(E3).

É uma profissão de risco... de alto risco... ao mesmo tempo é gratificante... porque quem é que não quer fazer bem ao próximo? Resgatar uma vítima de acidente? Socorrer uma pessoa que está precisando do próximo? Isso é gratificante! (E6)”.

Pela dimensão de gratificação promovida pela atividade, os riscos parecem ser considerados de forma secundária. Para estes profissionais em específico, o fato de estarem exercendo uma atividade em função do próximo pode contribuir para minimizar a dimensão do perigo. Algumas vezes, o resultado da banalização do risco resulta em sérios danos à saúde.

Teve um caso recente agora... tinha uma manifestação na Lapa... perto da Valer e teve um incêndio em um restaurante ali perto ... então o pessoal vem na euforia do momento ...alguns entraram sem máscara...e foram para o hospital intoxicados pela fumaça (E4).

Para a psicodinâmica do trabalho, algumas categorias profissionais buscam uma forma coletiva de lidar com o risco. Moliner (2004) e Dejours (2006) destacam que, nas profissões consideradas masculinas, a virilidade funciona com um recurso simbólico que auxilia na negação do medo do perigo. De tal forma que este recurso é considerado uma defesa coletiva utilizada no trabalho onde existe constante exposição ao risco e/ou cargos de comando que pressupõe relações intensas de autoridade.

A virilidade está a serviço da validação e reconhecimento alheio. Para Dejours (2006), a coragem viril necessita de demonstração, portanto, só é corajoso e viril quem é reconhecido como tal em uma comunidade. Segundo o autor, esta condição constitui um irreduzível intrincamento entre virilidade e a pressão advinda do trabalho.

A missão” mobilizadora é, antes de tudo, se não exclusivamente, específica ao trabalho. O trabalho e as relações sociais que o sustentam é que pervertem a coragem, favorecendo o recurso complementar à virilidade. O trabalho, enquanto atividade coordenada submetida ao julgamento utilitarista, está com efeito no cerne da atividade guerreira, assim como de outras profissões arriscadas – construção civil, química industrial, energia nuclear, pesca em alto-mar polícia, **bombeiros**¹ (Dejours, 2006, p. 102).

Os sentidos também foram associados à lógica do amor ao próximo. Os entrevistados para justificar a dedicação à vida do semelhante, mesmo frente aos riscos da profissão, colocam que a própria atividade requer do sujeito características pessoais básicas, como a capacidade de sentir amor pelo seu semelhante. Esta ideia é tão forte que alguns entrevistados justificam sua narrativa apoiados na visão religiosa.

(...) amando o próximo como a si mesmo a gente está amando a Deus...quer dizer se a gente não ama o próximo a gente não ama a Deus. Não é só um prazer...e um sentimento incomensurável. (E2).

Foi percebida a ideia de que os sujeitos associam a escolha da profissão de bombeiro às características pessoais dos candidatos ao posto. De forma subliminar, podemos entender que, sob a ótica dos entrevistados, algumas características para ser um bombeiro devem ser “identificadas” no caráter e na índole.

(...) é o tipo do trabalho ... eu sempre tive aquele índole... aquela forma de pensar..., de fazer o bem... para o próximo... querer ajudar o próximo. (...) Eu me identifiquei muito e quando eu entrei para o bombeiro eu passei para o fogo (E2).

Ao analisarmos à luz da psicossociologia, os sentidos atribuídos para a atividade vinculados às imagens de altruísmo, de amor ao próximo, e até à imagem de herói, da qual trataremos adiante, podem ter por base um imaginário organizacional, cuja origem seja ancorada na função mítica dos bombeiros na sociedade. Azevedo (2010) utiliza Enriquez para reafirmar que este imaginário social/organizacional seria uma maneira de representar para nós aquilo que somos, e que queremos ser, na sociedade em que interagimos.

¹Bombeiros - Grifo da autora

5.3.3 - Militares e seus perfis diferenciados: Bombeiros x Policiais

No presente estudo, as diferenças de perfis entre os bombeiros e a polícia militar apareceram de forma sutil, nos espaços onde foram explorados temas relativos ao perfil da organização verso perfil do trabalhador. Por se tratar de organizações militares, foram feitas comparações entre a Polícia e os Bombeiros. Por meio do discurso dos entrevistados, transpareceu o reconhecimento de que a Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros são percebidos pela sociedade de maneira muito diferente. Contudo, os profissionais entrevistados entendem que existe uma distinção explícita dos papéis desempenhados frente à sociedade, por cada uma das categorias. Colocam que a principal diferença está nas ações de repressão exercidas pela polícia, diferentemente do bombeiro, que atua junto à população nas situações em que prestam auxílio. Apesar de a polícia também proteger a população, são os bombeiros que desfrutam de uma imagem positiva junto à sociedade.

(...) a polícia militar, apesar de ela sair às ruas para impedir um assalto e prestar segurança, muitas vezes, faz também um serviço de repressão. Então, na realidade, isso em termos de fazer a população escolher quem é mais bem visto, acabam os bombeiros passando à frente por causa da ausência do serviço de repressão (E7).

Alguns entrevistados tiveram oportunidade de trabalhar na Polícia Militar. Diante da experiência pregressa, eles justificam a saída da PM em função da falta de identificação com as atividades. Entre estes, todos revelaram que não houve arrependimento pela saída da polícia e ingresso no Corpo de bombeiro.

Eu fui policial militar em 1988. Quando saí da aeronáutica e fui para a polícia militar por 8 meses. Saí da polícia militar porque eu quis, ninguém me expulsou. Sofri... sofri com meu pai... meu pai ficou sem falar comigo por 3 anos porque para ele eu era marica... eu era frouxo, porque não quis ser policial militar ... que eu era medroso... Eu simplesmente achei Eu não nasci policial militar e graças a Deus não morri policial militar porque eu não continuei... é muito diferente da minha profissão hoje... É muito diferente ser PM de ser bombeiro militar Muito...muito...(E.15).

Este relato reforça a ideia que o homem busca uma profissão na qual encontre identificação em todos os aspectos da vida, posto que é por meio da profissão que o homem oferece sua maior contribuição ao mundo. O fato de não ter “nascido, nem morrido policial” faz remeter à metáfora do “fio condutor” tratada inicialmente para corresponder a importância da atividade ao longo da vida dos indivíduos. O que leva a

confirmar o que Mendes (1995) com base em Dejours coloca: “(...) o trabalho humano não ocupa um lugar marginal dentro da construção da identidade do sujeito” (MENDES, 1995 p. 2). Por esta razão, a necessidade de um sentido que impulse os sujeitos a buscarem o prazer e evitem o sofrimento que brotam da sua atividade.

Mendes (1995) reproduziu uma ideia de Dejours relativa à ressonância simbólica. A autora esclarece que se trata da convergência das representações simbólicas do sujeito, seus investimentos pulsionais e a realidade de trabalho. No entanto, para haver esta sintonia, é necessário que a atividade tenha um sentido para o sujeito e que seja parte, efetivamente, da sua história de vida. Provavelmente, é com base nestas noções que os bombeiros são levados a crer na existência de critérios especificamente pessoais para a escolha profissional desta atividade.

5.3.4 - Condutas Inapropriadas & Uso de Drogas

Convém destacar que os próprios bombeiros identificam que dentro da corporação existem militares que não compartilham da imagem positiva atribuída ao coletivo.

Entre os bombeiros militares, existem problemas relacionados à conduta de alguns profissionais. Como por exemplo, o envolvimento de trabalhadores da categoria que participam de grupos organizados, utilizando a autoridade profissional como ferramenta de imposição da ordem nos locais onde residem. Comenta-se que os profissionais buscam complementar a renda familiar e, muitas vezes, compactuam com atividades ilícitas.

(...) se o bombeiro precisa arrumar um dinheiro extra, então que ele faça de uma maneira digna... que faça de uma maneira digna...Então ... essa coisa de vou trabalhar de segurança de fulano... sicrano... beltrano.... Vou trabalhar... em milícia ?!?! Vá então trabalhar em outra coisa... vá trabalhar em comércio... para que ele possa então ganhar ... complementar a renda.... Estudando... buscando ser um professor em qualquer área ... sei lá ... buscar um outro caminho. (E11)

É oportuno sinalizar que conforme aponta a literatura, a participação dos bombeiros até 2007 foi registrada como discreta neste cenário de ilegalidade.

Atualmente, no Brasil, o termo milícia refere-se a policiais e expoliciais (principalmente militares), **uns poucos bombeiros** e uns poucos agentes penitenciários, todos com treinamento militar e pertencente a instituições do Estado, que tomam para si a função de

proteger e dar “segurança” em vizinhanças supostamente ameaçadas por traficantes predadores. (ZALUAR E CONCEIÇÃO, p.90, 2007)²

Zaluar e Conceição (2007) desenvolveram um estudo sobre este tema. Colocam que a prática destes grupos teve começo na década de 1970, em algumas favelas da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. O objetivo naquela época era evitar a ação de traficantes nas comunidades. Para tanto, estabeleceram códigos de conduta própria, que incluíam punição para as violações. Os registros apontam para formas truculentas de controle da segurança.

As autoras relataram a existência destes grupos em 86 (oitenta e seis) favelas no ano de 2007, conforme mapa fornecido pela Secretaria de Segurança do Estado e pela Comissão Parlamentar de Inquérito da ALERJ. Em relação às atividades exercidas por tais grupos, constam ações que variam desde a oferta de segurança aos moradores até a comercialização de serviços diversos, conforme os dados do Núcleo de Pesquisa das Violências – Nupevi - ligado ao Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – Uerj, em 2006 e 2007.

Outro dado relativo à condutas inapropriadas é o uso de álcool e a dependência química, responsáveis por causarem sérios prejuízos à saúde, além comprometerem a qualidade das ações da atividade. Os acidentes de trabalho e o alto índice de absenteísmo, também são atribuídos ao uso do álcool e a dependência química.

Esta problemática no Brasil configura uma preocupação em toda escala nacional. Alguns estados promovem campanhas que visam combater o alcoolismo e a dependência química nas corporações. Um exemplo é a campanha educativa e de prevenção, promovida pelo Corpo de bombeiros da Paraíba. O evento conta com palestrantes / profissionais ligados à área de saúde, e outros especialistas como psicólogos (GOVERNO DA PARAÍBA, 2012).

Segundo as impressões dos trabalhadores entrevistados, o uso de álcool ou drogas serve como um alívio, ainda que momentâneo, para as vivências desagradáveis do trabalho. O estresse, as condições de vida e as dívidas aparecem como principais fatores desencadeantes da dependência química.

A opinião dos bombeiros encontra apoio na literatura. Vaissman (2004) aponta que as profissões que promovem a tensão, o estresse e o perigo, são aquelas cujos profissionais estão mais vulneráveis ao uso do álcool. Estudo realizado com coletores de lixo no Rio de Janeiro identificou alto consumo de álcool pela categoria. A profissão,

² Grifo da autora

além de ser realizada em um clima de tensão, exige dos trabalhadores um esforço excessivo para desempenho da atividade (VELLOSO, 1998).

Lima (2010) relata que os sujeitos que utilizam drogas no ambiente de trabalho procuram um tipo de sensação de euforia que permaneça sutil e interiorizada, visando proporcionar o prazer no decorrer da jornada de trabalho. O efeito da droga, ao alterar o estado de consciência, favorece que o profissional mantenha-se entusiasmado, ainda que diante de um contexto laboral desgastante. Entende-se que a droga exerce a função de *lubrificante* para manter a adesão do trabalhador à sua atividade. A autora interpreta que as substâncias podem representar um recurso para que o trabalhador suporte as exigências impostas, sobretudo em algumas profissões como motoristas e cobradores de ônibus urbanos, trabalhadores da construção civil, policiais militares e coletores de lixo. Entre esses, o álcool pode ser usado como recurso em várias circunstâncias: para reduzir o sentimento de impotência diante de uma organização rígida de trabalho; para reduzir o sentimento de frustração acumulado durante toda a existência devido à falta de perspectiva de crescimento profissional e pessoal; para combater os efeitos da autoestima rebaixada devido ao não reconhecimento no trabalho; para obter uma satisfação compensatória, anestesiando o sofrimento psíquico e, ao mesmo tempo, evitando a tomada de consciência de uma situação penosa (LIMA 2010).

A questão do uso pesado de álcool no âmbito militar foi objeto de pesquisa de Halpen e cols (2008). Foi constatado pelos autores que, além da função aliviadora do estresse, o álcool também faz parte de uma tentativa de lidar com a ambivalência de condutas por parte dos superiores, como a opressão vivenciada por eles em razão de temas como hierarquia e disciplina, rigor, exigência, ameaças ou ocorrências de punições.

Neste estudo, desenvolvido no campo militar da Marinha do Brasil, os autores são enfáticos na observação de que a concepção do alcoolismo enquanto doença ainda não se apresenta como uma realidade. Para tanto, fazem-se necessárias mudanças da mentalidade institucional, particularmente em relação aos conceitos de saúde e doença. Os efeitos nefastos do álcool na saúde do militar, geralmente, só são percebidos muito tardiamente, posto que, frequentemente, o abuso é considerado um fato isolado ou passageiro.

Entretanto, os fatos isolados, quando se tornam recorrentes, podem ser observados pelas organizações. Essas identificam os trabalhadores alcoolistas que cometem faltas e atrasos não justificados nas segundas e sextas-feiras, ou dias que sucedem ou antecedem aos feriados. Atestados com doenças vagas como gripes, resfriados e enxaquecas.

Abandonos frequentes do posto do trabalho para ir ao banheiro, bebedouro, sala de descanso, estacionamento e outros; instabilidade na produção, etc.

Na perspectiva da psicodinâmica, o consumo de álcool está vinculado aos tipos de confrontação da organização do trabalho. Neste sentido, é uma maneira de contestação das características presentes no contexto militar como a forte disciplina e hierarquização dos poderes. Trata-se de uma manifestação considerada como um tipo de defesa coletiva utilizada para minimizar as tensões psíquicas decorrentes do trabalho (DEJOURS, 1992).

Outro aspecto também sinalizado pela psicodinâmica sobre o uso de álcool está correlacionado a estratégia de escamotear o medo dos riscos, funcionando como um poderoso sedativo que protege contra o medo e evita a fala sobre o mesmo (DEJOURS, 2006).

5.3.5 - O Corpo no Espelho: Imagens do Herói

Ao considerar os aspectos que podem prejudicar a saúde, diminuir o desempenho ou mesmo denegrir a imagem da corporação, os bombeiros mostraram-se preocupados com a imagem construída em torno da profissão ao longo dos tempos. Apesar das exceções a respeito das condutas inapropriadas de alguns profissionais, foi recorrente a opinião de que a sociedade compartilha de uma imagem heroica em relação às ações dos bombeiros militares.

Na relação com o mundo capitalista, de acordo com Neves (1998), a imagem é o conjunto de fatores objetivos e subjetivos que envolvem o serviço oferecido. Alguns desses fatores emanam da própria marca. Outros se constroem de forma autônoma no imaginário daqueles que usam os serviços em função de seus próprios valores e perfis.

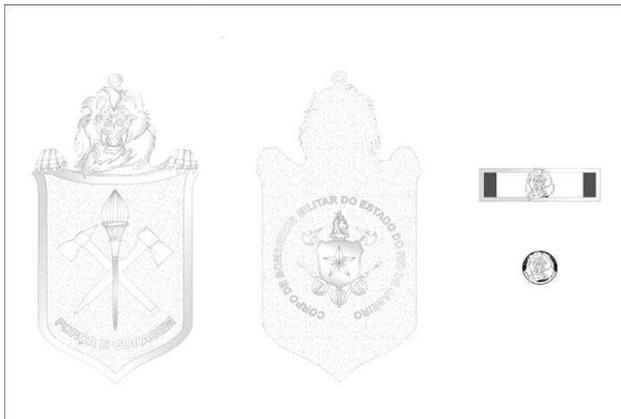
No caso dos Bombeiros militares, a própria natureza do trabalho faz com que eles atuem em momentos de grandes dificuldades das pessoas. Quando se obtém bons resultados, os usuários (vítimas) ficam satisfeitos e fazem menção à competência dos trabalhadores. Ao mesmo tempo, a mídia traduz o trabalho bem sucedido como atos heroicos, alimentando um sentido vinculado à coragem e a força.

A manchete de um importante jornal de grande circulação no Rio de Janeiro em 26/01/ 2012 anuncia: Os heróis anônimos do desabamento no Centro do Rio (JORNAL O GLOBO, 2012). Reporta-se um desmoronamento na área comercial do Rio de

Janeiro, com vítimas fatais. Na matéria, o coronel da corporação enfatizou alguns aspectos sobre a competência em detrimento do suposto ato heroico. Descreveu a organização da tropa e a competência da mesma, destacando a especialização do grupo para a tarefa e algumas estratégias de atuação. Nas palavras do coronel reproduzidas na matéria do referido Jornal: “ Os bombeiros envolvidos neste trabalho são pessoas com muita qualificação, principalmente nesse tipo de ação, em estruturas colapsadas”.

Contudo, apesar de destacar o profissionalismo da tropa, o mesmo coronel, no papel de comandante-geral, demonstrou concordar com o ideário heroico, uma vez que na mesma data do evento citado, foi por ele criada a Medalha do Mérito Força e Coragem, sob a portaria CBMERJ nº 677. A medalha tem como função representar a premiação dos Bombeiros Militares do Estado do Rio de Janeiro que se destacaram em operações de grande relevância.

Figura nº. 01 – Ilustração da Medalha do Mérito Força e Coragem



Franco (2010) cita que acreditar em heroísmo e onipotência pode levar ao agravamento de quadros de histórias de distúrbios emocionais em profissionais já vulneráveis. Alerta que o mito do herói, alimentado pela mídia na exploração das ocorrências e pelas corporações no treinamento profissional, deve ser interpretado como uma perigosa armadilha para a saúde e a vida destes trabalhadores. A autora conclui que se uma corporação, associação ou agrupamento profissional incentivar o mito do herói, estará impedindo o que há de mais legítimo no ser humano, que é a sua capacidade de perceber-se. Bruck (2010) corrobora com esta ideia e menciona que o mito do herói pode dificultar a consciência crítica do profissional. Isto porque eles tendem a fazer uma adesão maciça a este tipo de imagem, em função da necessidade de sentirem-se mais seguros e, conseqüentemente, obterem reconhecimento.

Frutos (2007) acredita que a imagem de herói faz com que o trabalhador tenha uma dupla responsabilidade: cuidar do seu ofício (como trabalhador) e manter esta imagem. Cardoso (2004) pontua que estes profissionais, ao encarnar a síntese da coragem individual, tentam superar as deficiências ou defeitos funcionais dos equipamentos, convencendo-se da supremacia de suas habilidades profissionais. O que vai ao encontro com Martins (2004) que afirma que os bombeiros, embora não se considerem deuses, em determinadas situações, apropriam-se metaforicamente da força divina com o objetivo de firmar seu prestígio.

O estudo desenvolvido por Monteiro e cols. (2007) com bombeiros militares da Cidade de São Leopoldo no Rio Grande do Sul, apontou que o imaginário social atribui aos bombeiros sentidos de heroísmo e salvação em decorrência do conjunto de atribuições inerentes à profissão. Para esses autores, fica subjacente ao profissional certo brilho de "super-herói", um "super-homem" invencível, a solução nas piores tragédias, quando tudo está perdido.

No presente estudo, coletamos depoimentos que expressam a disponibilidade dos profissionais para o trabalho diante da fragilidade da vida do próximo. O que representa um fator importante para a composição da imagem heroica.

A população vê a gente como heróis... pessoas do bem... pessoas que estão sempre prontas a socorrer (E8).

O bombeiro é uma pessoa que só faz o bem, a pessoa que chega na hora certa... na hora exata... da maior necessidade da pessoa... está à disposição do governo para ir socorrer as pessoas que estão necessitadas. Passando por calamidades... Desabamentos... enchentes até mesmo fogo... colisão... e o bombeiro está pronto... preparado... equipado... para cumprir a missão... (E6).

A visão que a sociedade tem da gente é a melhor possível ... até porque a gente trabalha em momentos em que a pessoa está precisando ... no momento mais frágil do ser humano... quando ele está precisando de ajuda (E9).

Os bombeiros entrevistados percebem que a população mantém o imaginário heroico para com eles e reconhecem que as pessoas esperam deles uma atuação resolutiva. Para estes trabalhadores, a imagem heroica é um atributo de reconhecimento junto à população. Porém, são unânimes em pontuar a falta de reconhecimento da parte dos gestores como um fator contraditório e de desgaste no coletivo, sobretudo, quando colocados em confronto com a imagem heroica mantida pela população. Diante da

contradição percebida no discurso dos bombeiros, citamos um posicionamento dramático de Enriquez (1997), o qual pode fazer revelar o que ocultam os heróis.

... o que pelo contrário às organizações ocultam é a história real e o fato que os heróis terminam sempre por serem mortos ou, pelo menos, segundo uma expressão americana recente, a se “queimarem”, a se tornarem *burn out*. A adesão total à organização provoca uma tensão nervosa, um desgaste mental enorme, na medida em que cada um deve mostrar constantemente seu poder e a sua força. O dia em que o herói estiver exaurido, será colocado num desvio de estrada de ferro. (...) Ao pertencerem, de corpo e alma, a uma organização, esses membros estarão condenados a se tornarem loucos, a morrerem fisicamente ou psicologicamente, como ocorria nas comunidades arcaicas quando um indivíduo era rejeitado. Quando o mito triunfa, os indivíduos desaparecem(...) (ENRIQUEZ, 1997. p. 52).

Em outras palavras, retoma-se a ideia de que os mitos estão a serviço de manter os valores da organização fortemente interiorizados nos sujeitos, para que estes atuem com comportamento em conformidade com a ordem e não incitem qualquer tipo de sacrifício pela organização.

O hino “Fibra de Herói” - disponível no site oficial do CBMERJ - é uma ilustração da ideia acima exposta.

Hino: FIBRA DE HERÓI

Se a Pátria querida for envolvida
 Pelo inimigo, na paz ou na guerra
 Defende a terra
 Contra o PERIGO
 Com ânimo forte se for preciso
 Enfrento a morte
 Afronta, SE LAVA com fibra de herói
 De gente brava
 Bandeira do Brasil
 Ninguém te manchará
 Teu povo varonil
 Isso não consentirá
 Bandeira idolatrada
 Altiva a tremular
 Onde a liberdade

É mais uma estrela
A brilhar

O imaginário heroico atende tanto às necessidades narcísicas dos sujeitos, que se sentem engrandecidos, quanto da organização. Deste modo, ao emprestar para o sujeito uma “armadura heroica”, a organização reforça, ao mesmo tempo, a sua própria identidade. Assim, partilhando um imaginário enganador, os sujeitos sentem-se tão onipotentes quanto supostamente a organização.

Silva (2009), ao descrever o imaginário enganador de Enriquez, destaca que esse tem um caráter encobridor da falta e, por isso, ofusca aos sujeitos outras visões do mundo, outras referências, o que contribui para o empobrecimento dos questionamentos e o silêncio das dúvidas. Diga-se de suas próprias dúvidas.

Entendemos que a visão de “imaginário enganador” permite uma interpretação própria acerca de algumas faces do *ser bombeiro*, apresentada anteriormente, onde os aspectos mais positivos foram destacados.

O fato dos profissionais apresentarem para a sua atividade sentidos como altruísmo e amor ao próximo, de forma tão incondicional, leva-nos supor a importância de uma construção imaginária que favorece uma identidade organizacional.

Contudo, cabe destacar a autêntica natureza humana dos profissionais bombeiros militares, os quais, longe de possuírem poderes heroicos, são trabalhadores comuns e, portanto, vulneráveis a todo tipo de “armadilhas”, seja da organização ou do seu próprio psiquismo. A evidência pode ser constatada nos relatos que narram sobre as condutas “inapropriadas”.

Ao revés dos profissionais bombeiros que se declaram plenamente satisfeitos, foram entrevistados alguns profissionais que se sentem limitados no seu campo de atuação, o que faz entender que a vida militar não atende por completo às suas expectativas. Alguns sujeitos parecem desencantados, essencialmente, na sua relação com os gestores que não investem nas frentes de defesa da questão salarial e da saúde mental do trabalhador. Tal passividade é interpretada pelos trabalhadores como ausência de valorização e de reconhecimento.

(...) não há um entendimento por parte das pessoas que administram que são gestores. Acho que eles se preocupam muito com a atividade fim. Nos bombeiros qual a atividade fim? Viatura na rua com soldado, cabo, sargento, tenente... extinguindo incêndio, retirando pessoas de dentro de carro, atendendo mal súbito na rua. Essa é a atividade que vai gerar maior preocupação e mais investimento. A condição

daqueles profissionais ali fica em segundo plano. Condições psicológicas então... nem se fala... Hoje em dia a gente vê que a condição salarial fica em segundo plano, que dirá a psicológica. Se não paga bem um profissional nesta área... imagina se ele vai pensar no que o profissional está pensando... não vão querer nem saber...(E1).

Em relação ao segundo tipo de imaginário, o motor, está presente no que toca a diferenciação entre os sujeitos e a uma visão não monolítica ao projeto comum da organização. Revela-se no favorecimento da criatividade, aceitação da diferença, oposição da repetição e possibilita que o projeto comum seja pensado como raiz de mudanças e práticas sociais inovadoras (AZEVEDO, 2005). O imaginário é motor quando a organização permite às pessoas utilizarem sua imaginação criativa no trabalho sem a repressão das normas imperativas (ENRIQUEZ, 1997). Conforme aponta Freitas (2006), por ser um imaginário que abre espaço para o questionamento da própria organização e de suas regras, não é o que se vê com frequência da prática.

Visto pela abordagem da psicodinâmica do trabalho, podemos remeter a imagem heroica encontrada no discurso dos bombeiros militares a uma estratégia defensiva da profissão para enfretamento dos riscos. Para além, observamos que a estratégia mantém fortes características de uma ideologia coletiva. Primeiramente, pela natureza do trabalho em equipe, configurado por uma corporação, o que implica na tendência do compartilhamento da vivência dos atos de coragem entre os membros. Em segundo plano, pelo fato da percepção deste ideário heroico pertencer ao discurso circulante entre profissionais, mídia e sociedade. Fato que fortalece, coletivamente, a construção fantasiosa sobre o mundo real.

Interessante pontuar que foi recorrente entre os entrevistados o desinteresse de ter os filhos na mesma profissão de seus pais. O que nos levar a considerar que, quando projetam na figura dos filhos a sua própria atividade, eles desarmam-se das estratégias defensivas e avaliam mais imparcialmente tanto os pontos negativos, como os pontos positivos, pesando sobre estes uma posição mais realística do ponto de vista do trabalhador em foco.

5.3.6. Corpo no espelho – Imaginário de sedução

Sobre o tema “imagens” podemos dizer que Dejours (1992) ocupou-se em trabalhar a questão dos elementos que influenciam a formação da autoimagem do trabalhador em função do prazer e do sofrimento extraído do trabalho, enquanto que Enriquez direcionou seus conhecimentos para a as imagens e a relação institucional (1997). Porém, quase nada é encontrado na literatura científica sobre a imagem de sedução vinculada às categorias profissionais, como no caso dos militares.

Pode-se falar em uma figura de desejo presente no imaginário coletivo e alimentada pela mídia, principalmente pelas revistas que tratam de assuntos femininos. Durante o período de outubro de 2012 até maio de 2013, a televisão brasileira exibiu uma novela com o título *Salve Jorge*. Nesta novela, o protagonista é admirado pela representação de um personagem militar, o qual exibe um físico robusto. O uso da farda pelo galã da obra atraiu muitas admiradoras.

Pelo fato de algumas atividades produzirem o imaginário coletivo que alimenta os desejos e as fantasias de sedução, não é raro encontrar “fardas estilizadas” de caráter lúdico à venda para fins de sedução nas lojas especializadas.

Uma pesquisa desenvolvida por Arent e Carrara (2007) sobre Etnografia em clube das mulheres, relata que os “sedutores”, com a finalidade de despertar o desejo das frequentadoras do clube, trajam algumas fantasias de profissões, entre elas a fantasia de bombeiro.

Em 2002, foi editado pela primeira vez um calendário que exibia, literalmente, as imagens dos *corpos de bombeiros*. A produção, que teve fim comercial, conservou os critérios de seriedade da instituição. Segundo a mídia (programa televisivo – Fantástico) a participação no calendário daria o direito aos profissionais de 10% sobre o resultado das vendas, ficando a corporação com 30% e a obra assistencial Retiro dos Artista com 50%. A informação atualizada pelos entrevistados do estudo é que eles abriram mão dos 10 %, em função do vínculo de dedicação exclusiva com a organização militar.

A ideia, inicialmente discreta, conquistou grande adesão e, por conta do sucesso o calendário passou a ser editado anualmente. Atualmente, existe uma rede social na internet com centenas de participantes em uma página nomeada Calendário dos Bombeiros heróis do Rio, no qual os profissionais postam suas fotos. Em 2013 foi feita a primeira edição do calendário de bombeiros feminino do Brasil, disponibilizado nas redes sociais.

Para Santos (2009), estes profissionais passam, ao mesmo tempo, uma imagem de delicadeza e força. Para a ideia de delicadeza pode-se atribuir um sentido de altruísmo e amor ao próximo, que envolve a atividade, enquanto a ideia de força relaciona-se à força física desenvolvida pelos profissionais.

O vermelho como cor do uniforme também é significativo para despertar a atenção do universo feminino. Santos (2009) afirma que a cor vermelha utilizada pelos bombeiros remete a cor da paixão, da sedução. Sendo a cor do fogo e do sangue, representa a vitalidade.

O potencial de virilidade também contribui para a formação de um ideal de homem forte, sendo um importante fator para a composição da imagem sedutora.

Eu ia para a escola à noite fardado... ficava todo mundo me olhando... as meninas me olhavam e eu estava nem aí (...) Fazia muito sucesso. Não tem uma mulher que não queira um bombeiro... É... pior que é... eu tenho umas colegas que às vezes falam...arruma um bombeiro para mim?! - risos... (E6).

Oportuno salientar que a exibição da farda pelos bombeiros militares, apesar de representar uma fonte de sedução, pode revelar duas outras particularidades apontadas pelos entrevistados deste estudo. A primeira diz respeito ao privilégio da gratuidade nos meios de transportes, principalmente antes da conquista do “vale-transporte”. A segunda preenche um aspecto negativo ligado ao medo da identificação do militar. Isso porque alguns profissionais residem em áreas de violência, e por isso temem pela vida nas circunstâncias dos confrontos entre indivíduos marginalizados e profissionais de segurança pública. Desde modo, a farda altera seu status de uma arma de sedução para uma arma de perigo.

5.3.7. O Corpo do Homem: Trabalho & Saúde

...ser bombeiro está no nosso sangue... e uma coisa que quando a gente vem ...Sente... o sangue vira de bombeiro... então a gente quer salvar... quer correr ... Quer fazer tudo de uma vez só e no final da carreira alguns saem doentes ... (E10).

Os bombeiros são trabalhadores que, em função da atividade, estão expostos a adversidades e situações que ameaçam a sua saúde física e/ou mental. Seja em exposição direta ou secundária, o acúmulo das adversidades pode ter consequências negativas no equilíbrio geral, afetando o bem estar físico, promovendo estresse, síndrome de *burn out*, surgimento de transtornos de estresse pós-traumático e outros sintomas indicadores de perturbações psicológicas.

Nas entrevistas realizadas, os bombeiros militares foram unânimes em afirmar que a atividade bomberística exerce uma influência direta na saúde de cada um deles. Comprometimentos relacionados à saúde mental como o estresse e outras implicações emocionais, seguido pelas doenças osteomusculares, são os mais citados pelos profissionais.

Ficou evidente que a saúde pode ser afetada em função dos riscos inerentes ao exercício da profissão como os fatores físicos, mecânicos, químicos e biológicos presentes no dia a dia. Assim também pelos fatores decorrentes da organização do trabalho como, por exemplo, a hierarquia, a rigidez da disciplina e o processo de trabalho, que podem atuar de forma a desestabilizar emocionalmente o trabalhador.

Tanto a competência técnica, quanto o controle emocional funcionam como ferramentas fundamentais para a prática neste campo de trabalho. Diante de um cenário crítico, tenso e altamente estressante, a instrumentação tecnológica (ferramentas, equipamentos e técnicas) pode ser subutilizada pelo profissional que tenha algum tipo de comprometimento emocional.

Independentemente da tentativa de controle e distanciamento emocional, os profissionais acabam por ser afetados pelas circunstâncias que envolvem os atendimentos realizados. Um fator observado é o tempo de experiência na profissão. Por ser a primeira patente da carreira, os soldados parecem vivenciarem de forma mais impactante as situações de salvamentos.

Bruck (2010) sinaliza que alguns profissionais de emergência, quando afetados emocionalmente, apresentam comportamentos como sinais de confusão, sensação de vazio, aumento dos batimentos cardíacos, enjoo, tremores, sudorese excessiva. Um pouco de cada uma destas sensações ou todas juntas. Além dos sintomas físicos, existem os comportamentais como as atitudes negativas e de distanciamento pessoal, tédio, frustração e indiferença com o trabalho, que pode gerar perda de responsabilidade. Estes, em geral, sinalizam para um quadro de estresse.

(..)Eu me questionei muito...porque depois ... isso aconteceu em 2005 conforme você vai fazendo outros cursos e vai aprendendo novas técnicas e outras formas de você efetuar o salvamento com mais correção... aí você começa a se questionar se você fez o correto... se aquilo foi o certo... se você tivesse feito de outra maneira talvez não tivesse sobrevivido aí você gera... você joga... num sentimento de culpa...pouco de sentimento de culpa...(..) Dizem que todo mundo precisa de análise...precisa se conhecer ... mas os bombeiros precisariam muito por causa destas questões, como por exemplo, neste caso que contei sobre esta pessoa que eu fiquei me culpando. Esse episódio me vem à cabeça centenas de vezes (E1).

O relato acima foram narrados por dois profissionais. Trata se de um jovem soldado e de um sargento que faz menção ao seu tempo de soldado. Ambos parecem sinalizar que os danos à saúde podem se instalar de forma precoce na vida profissional.

Contudo, percebemos que tais danos ficam mais intensos e complexos com o passar dos anos, conforme relata um bombeiro em período de final de carreira:

Vamos lá... de que maneira vai afetar... afeta psicologicamente ...afeta...porque a gente trabalha com a adrenalina a mil... então você já passa a ter um sistema nervoso mais abalado.(...) só que no final da carreira alguns saem doentes ... sistema nervoso (...) que afeta, afeta... você sai com problema de pressão ... com problemas no coração e aí se você não se cuidar (...) o que me afetou foi a coluna... porque eu carreguei muito peso ... na área que eu trabalhei que era a mecânica ... naquela época... não tinha a aparelhagem que tem hoje, tinha que pegar e fazer força mesmo... (E10).

(...) afeta sim... afeta porque eu tenho 28 anos de serviço... e o que eu tenho visto...muita gente com problemas de coluna ... hipertensão... problema psiquiátrico... pessoas envolvidas com vícios... eu acho que isso tem a ver com a profissão ... é decorrente. Vício... bebida... (E11).

Atualmente, são vários os comprometimentos ligados ao estresse que acometem os profissionais do cuidado e emergências. No campo de atividade do Bombeiro militar, observamos que a síndrome de *burn-out* e a fadiga da compaixão fazem-se presentes.

O termo *Burnout*, como significado metafórico, indica aquele que chegou ao limite por falta de energia, expressando falta de condições para mobilizar esforços físicos ou mentais (MASLACH E COLS, 2001). É definido como uma síndrome psicológica que age em resposta aos estressores interpessoais crônicos presentes no ambiente de trabalho. Trata-se de um processo cuja etiologia tem como causas principais os elementos do ambiente de trabalho, tratando-se, portanto, de um constructo multidimensional composto de exaustão emocional, despersonalização e redução da realização pessoal no trabalho.

Maslach e cols (2001) apontam que nas atividades que possuem como principal objetivo o provimento de auxílio e serviços para pessoas em necessidades, estão os trabalhadores mais suscetíveis à síndrome. Isso porque a produção de cuidados, em geral, exige o envolvimento entre as partes. Sendo assim, a exaustão é uma forma de romper com o envolvimento, baseado no distanciamento emocional e cognitivo do trabalho.

Benevides-Pereira (2002) subdivide, teoricamente, os sintomas ou consequências da síndrome em quatro grupos de sintomas: o físico, o psíquico, o comportamental e o defensivo. Destaca-se que a configuração dos sintomas é dinâmica e dependente do

conjunto de fatores individuais, ambientais e a etapa em que a pessoa encontra-se no desenvolvimento da síndrome.

Os sintomas físicos podem configurar como fadiga constante, dores musculares ou osteomusculares, distúrbio do sono, cefaleias, enxaquecas, perturbações gastrointestinais, inumodeficiência, transtorno cardiovasculares, distúrbios do sistema respiratório, disfunção sexuais, alterações menstruais em mulheres, alergias, hipertensão, diabetes, entre outras.

Os sintomas psíquicos podem se apresentar na forma de falta de concentração, alterações de memória, lentificação do pensamento, sentimento de alienação, sentimento de solidão, impaciência, sentimento de impotência, labilidade emocional (mudanças bruscas de humor), paranoia e desânimo.

O comportamento apresenta-se alterado com sinais de negligência ou excesso de escrúpulos, irritabilidade, incremento de agressividade, incapacidade para relaxar, dificuldade de aceitação de mudanças, perda de iniciativa, aumento de consumo de substâncias como o álcool, tabaco, tranquilizantes ou até café.

Os sintomas defensivos são expressos na forma de tendência ao isolamento, sentimento de onipotência, perda de interesse pelo trabalho (ou até pelo prazer), absenteísmo, ímpetos de abandonar o trabalho, ironia e cinismo.

Entre os bombeiros e profissionais de emergência, é comum encontrar registro sobre o Transtorno de Estresse Pós-Traumático – TEPT. Conforme descreve o Manual de Doenças relacionadas ao trabalho do Ministério da Saúde (2001), O TEPT caracteriza-se como uma resposta tardia e um evento ou situação estressante de natureza ameaçadora ou catastrófica, como os desastres naturais, acidentes graves, testemunho de morte violenta ou outros crimes. Comum em profissionais que experimentaram, testemunharam ou foram confrontados com um evento ou eventos que implicaram morte ou ameaça de morte, lesão grave ou ameaça da integridade física a si ou a outros.

Monteiro e cols. (2007) lembram que estas situações podem afetar a saúde e o rendimento laboral do trabalhador, incluindo a evitação do local de trabalho, os problemas de concentração, as alterações do estado de ânimo, o retraimento social, o abuso de substâncias psicoativas e os problemas familiares. São também observados sintomas de ansiedade, depressão e episódios de ideação suicida. Alguns estímulos podem ser dispositivos para a ocorrência de episódios agudos de medo, pânico ou agressividade, em função da recordação e/ou revivescência súbita do trauma. Algumas vezes, as recordações são emanadas por meio de imagens, pensamentos, sonhos e

flashbacks dissociativos, inclusive os que ocorrem ao acordar ou em situações de intoxicação por álcool ou drogas (MURCHO, 2012).

Os estudos sobre a *Síndrome de burn out* e o *transtorno de estresse pós traumático*, abriram o espaço para o conhecimento de algumas formas de manifestações específicas. Lago (2010) assinala que Joinson foi a primeira utilizar o termo fadiga da compaixão. Esse termo foi empregado pela autora por ser o que melhor expressava um tipo específico de *burn out*, que provinha do vínculo empático que profissionais são conduzidos a construir devido às especificidades de sua atividade. Para Lago, define-se por uma fadiga que atinge aqueles trabalhadores que lidam com um clientela específica: pessoas em sofrimento, necessitadas de socorro, em situações de emergência. Distingue-se da síndrome de *burnout*, a qual acomete os profissionais cuidadores. Contudo, os socorristas, apesar de apresentarem razões diferentes para desenvolver a patologia, podem também adotar estratégias de enfrentamento semelhantes ao cuidadores e vice versa. Lago (2010) reforça que trata-se de um fenômeno em que está em jogo o vínculo empático. Desta forma, o processo empático, a compaixão, a onipotência, a impotência e o papel social que cumprem as atividades dos profissionais de socorro são aspectos primordiais do trabalho.

Na análise das entrevistas, percebemos que, em geral, nas situações de salvamentos, o vínculo empático entre vítima e bombeiro parece se estabelecer de forma imediata.

Um dos entrevistados para expressar as características que ele julga importantes para atuação na profissão de bombeiro, refere-se ao que podemos entender como vínculo empático.

Ser bombeiro é ser solidário ... é você olhar aquele material humano e se colocar no lugar dele ... não olhar aquele material humano e não pensar diferente...A condição é bombeiro... você sentir a dor daquela pessoa... chorar o choro daquela pessoa ... (E15).

As consequências desta disponibilidade abundante podem surgir por meio da fadiga por compaixão, posto que esta é capaz de esgotar, fulminar, embolar o indivíduo fatigado, o que diminui a capacidade empática do sujeito e o lança em vale escuro. Este tipo de fadiga afeta vários níveis da vida do sujeito, como a saúde física e mental e todo o seu círculo afetivo. (LAGO, 2010).

No atendimento, o bombeiro utiliza de suas habilidades empáticas para conseguir entender tudo que se passa com a vítima. Isso inclui tanto o estado da vítima, como o

cenário do acidente (ou outro evento). Em algumas situações, como desabamentos, pessoas permanecem embaixo de escombros por horas, dependentes das informações que repassam para os bombeiros sobre as circunstâncias gerais do acidente. Neste sentido, o vínculo empático é fundamental para o êxito do salvamento. Contudo, o perigo para o profissional é o risco de uma projeção que o faça experimentar emoções fortemente similares aquelas sentidas pela vítima (LAGO, 2010).

Podemos dizer que existe, por parte dos trabalhadores, o reconhecimento do risco em torno da saúde mental.

(...) tem todo risco psicológico também à exposição ... muitos são pais de família todo mundo aqui tem família...tem alguém que poderia estar naquela condição de ser atendido ... então às vezes isto pode causar um trauma... acho que o trauma de ter visto aquela cena ... outros riscos psicológicos ... ficar transtornado... (E6)

Existem vários relatos nos quais os bombeiros sinalizam que, diante da diversidade de acometimentos, (síndrome de *burnout*, estresse pós-traumático, fadiga da compaixão, entre outros) deveria ser disponibilizado para a categoria uma assistência mais expressiva e preventiva, relativa a saúde mental.

(...) quando a gente percebe que o bombeiro está com problema ... o problema já não é um probleminha pequeno já está um problema grande ... para a gente perceber no ambiente de trabalho que ele está com problema já passou muito daquele nível pequeno... já está um problemão ... então já poderiam trabalhar melhor esta parte ... tanto a saúde psicológica como já abordamos aqui... tanto quanto a saúde física...estamos expostos a diversos riscos (E9).

Dejours (1992) sinaliza que as organizações, em geral, não tratam com a devida atenção o sofrimento mental, considerados menores como os quadros de ansiedade. O caso de um profissional que se vê impedido de trabalhar em consequência de uma crise de ansiedade pode resultar em desligamento do cargo. O mesmo não acontece em casos de uma doença mental devidamente caracterizada a ponto de permitir um *status* de invalidez. O que pode significar a detecção de um estágio avançado do sofrimento mental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou analisar a atividade dos bombeiros militares do Estado do Rio de Janeiro, com o foco na relação trabalho e saúde. A categoria profissional escolhida e o campo da pesquisa se apresentaram com particularidades bem específicas, reveladas por um momento ímpar de tensões e negociações com a gestão pública. O período da realização desta investigação foi definido por um cenário marcado pelos fatores que convergiram numa intensa manifestação da categoria, pelos direitos ao trabalho, à saúde e ao reconhecimento profissional.

A análise da relação trabalho e saúde foi construída por meio do exame da atividade, vista sob uma perspectiva interdisciplinar, priorizada pela ótica do trabalhador, privilegiando o discurso elaborado a partir do cotidiano.

Como resultado desta proposta, observamos que a atividade foi descrita pelos bombeiros militares, como algo que faz parte da vida deles, de modo a tornar-se impossível descolar a vida pessoal da vida profissional. Neste sentido, podemos entender que o rigor prescritivo da conduta do militar também contribui para esta visão. Isto porque, o caráter de servidão e a disciplina não regulam apenas as ações no trabalho, mas estão presentes em todos os setores da vida do militar, tal como foi explicitado nas histórias de vida.

Na pesquisa identificamos que a percepção dos sujeitos sobre o seu trabalho, acena para uma satisfação da vida profissional, do mesmo modo que revela o sentimento de orgulho, em função do papel social representado pela profissão.

Contudo, independente da satisfação pela atividade, os trabalhadores apontaram algumas dificuldades consideradas impactantes. Na análise realizada, as dificuldades não foram direcionadas ao processo, ou às condições de trabalho. Ao contrário, os sujeitos da pesquisa sinalizaram contentamento acerca da aquisição de novos equipamentos e veículos providenciados em função dos valores arrecadados pela taxa de incêndio.

A pauta em questão foi preenchida pelas tensões produzidas nas reivindicações por melhores salários e ao direito à saúde. O que nos permite concluir que para os bombeiros militares, a questão salarial se apresentou como um ponto central de insatisfação, o qual promoveu o enfrentamento na busca por reconhecimento profissional.

A falta de diálogo por ocasião das negociações foi vivenciada pelos profissionais, como uma expressão do não reconhecimento das autoridades governamentais pelo trabalho da classe. Fato que se destacou como uma contradição vivida pelos trabalhadores da categoria. Isto porque, eles entendem que são identificados pela população por um imaginário heroico, justificando-se no fato de serem especialistas que atendem de forma resolutiva em diversas frentes de salvamentos.

Na nossa análise, o atributo da imagem heroica é interpretado sob duas óticas. A primeira remete ao reconhecimento profissional, conduzido pelos aspectos da psicodinâmica do trabalho. Uma das correlações foi analisada com base no binômio contribuição-retribuição. Ao levar em conta que o julgamento faz parte do processo de reconhecimento, podemos apontar que os bombeiros, em função de manter a imagem de herói, podem banalizar os riscos existentes nas suas ações de salvamento, tornando-os mais vulneráveis aos acidentes de trabalho e às doenças. Diante desta conclusão, podemos acrescentar os aspectos relativos à virilidade que também estão a serviço da validação e do reconhecimento (DEJOURS, 2006).

A segunda ótica em torno da imagem heroica assimilada pelos bombeiros sugere que esta corrobora com a elaboração de estratégias defensivas da profissão, ou mais apropriadamente uma ideologia defensiva, da qual muitos profissionais compartilham. Contudo, nesta investigação foi evidenciado que este ideário de imagem heroica não corresponde ao cotidiano real de tais trabalhadores.

As narrativas apontam que a categoria é constituída por profissionais especializados, que enfrentam algumas dificuldades como a aquisição da casa própria e endividamento em consequência dos baixos salários. Frente a estas e outras vivências inerentes à natureza deste tipo de atividade, os profissionais apresentam-se vulneráveis aos danos relativos à saúde física e mental. Diferente do ideário heroico, o que encontramos marca a existência de trabalhadores fragilizados no cenário da vida real. Pessoas igualmente vitimadas pelos danos à saúde e tragédias que atingem a população.

Em relação à estratégia de enfrentamento pelo reconhecimento, fazemos uma referência ao histórico da profissão, quando esta era exercida por homens fortes e corajosos na condição de escravos. Em função desta condição, não havia o direito ao reconhecimento expresso pela remuneração. Lembramos que na mesma ocasião, havia um *pacto* de cooperação entre a população e os bombeiros. Um dos exemplos era o sistema de baldes de água, passados de mão em mão pela vizinhança. Assim como toda movimentação de comerciantes que cediam suas ferramentas para o trabalho de

extinção de incêndio. Em função deste passado, pensamos que a justificativa da estratégia de pedir “socorro” para a população pode estar nas raízes desta história.

Da mesma maneira, o fato do Brasil estar entre os poucos países onde os bombeiros são predominantemente regidos pelo militarismo, leva-nos a sugerir que a condição de *servidão* seja uma herança da construção histórica da profissão no nosso país.

A pesquisa de campo revelou que a atividade é vivida pelos bombeiros militares como algo consequente da própria personalidade deles, expressado pelo sentimento altruísta e o desejo de fazer o bem ao próximo. Para os profissionais, a força destes sentimentos justifica o fato de estarem sempre disponíveis para auxiliarem as pessoas em situação de necessidade. Contudo, outra dimensão da análise destes aspectos apontou que estas condições refletem o modelo da formação do vínculo estabelecido entre os sujeitos e a organização (HENRÍQUEZ, 1997).

Nesta atividade, o meio apresenta-se literalmente infiel (SCHWARTZ, 2007), uma vez que eles são convocados a responderem por situações de emergência, tanto dentro, quanto fora do campo de expediente. Um verdadeiro confronto com a realidade, quando se faz necessário utilizar toda engenhosidade disponível da experiência pregressa. Por isso, levando em consideração que uma situação de emergência jamais se repete de forma idêntica, de um atendimento para o outro, os profissionais criam maneiras, estratégias e todo tipo de instrumentação – renormatizações - para atender a convocação através do *uso de si*.

De modo geral, podemos dizer que se trata de uma atividade que requer habilidade do *uso de si*, pois conforme relatos da pesquisa, o bombeiro procede em ações unicamente humanas, o que faz desta profissão inextinguível, posto que máquina alguma será capaz de substituir o homem na ação de salvamento em situações de emergência.

Da relação trabalho e saúde, com destaque para o item saúde, a nossa análise permitiu perceber que existe uma série de fatores que podem ser considerados inerentes à natureza da atividade dos bombeiros militares.

Com o objetivo de salvar vidas e bens, o trabalho se apresenta como imprevisível e arriscado. Geralmente, o profissional tem o medo de um desfecho mal sucedido, ou ser surpreendido por um familiar ocupando o lugar de uma vítima no salvamento.

Em relação aos transtornos mentais encontramos alguns considerados mais comuns entre os bombeiros militares. O estresse foi o mais citado da lista. Este aparece em suas diversas modalidades como a síndrome de *burnout*, a fadiga da compaixão e o

transtorno de estresse pós-traumático. Outras implicações como as produzidas em função do uso do álcool também foram apontadas.

Contudo, existe outro lado saudável apontado de forma recorrente pelos bombeiros militares, que é a satisfação profissional. O orgulho que sentem em salvar pessoas, de fazer o bem, de ser útil para a sociedade.

Desta forma, na dinâmica *prazer e sofrimento* cabe apontar que para os bombeiros militares, a maior e mais explícita fonte de prazer da atividade é salvar vidas. Enquanto que o lado oposto está na busca e recolhimento de corpos, representando um dos pontos de maior sofrimento para o trabalhador desta área.

Encontramos outras fontes de sofrimento, como o ambiente vivenciado pelos militares na Corporação. O regime de promoção que frustra e promove sofrimento nos militares, sobretudo aqueles que pertencem ao círculo dos praças, e por isso possuem um tempo maior para a obtenção da ascensão das patentes.

A correlação entre tarefa e atividade, trabalho e a saúde, pode ser verificada no contexto militar. É perfeitamente possível perceber que existe um hiato entre o que é para fazer e o que se faz no real da atividade.

Reconhecemos na análise que os hiatos existentes podem ser revelados nos constrangimentos e nos “confrontos” com as forças hierárquicas. Um exemplo está na relação entre instrutores (oficiais) e operadores (praças). Os militares do círculo de praças são submetidos ao comando de militares do círculo de oficiais. Contudo, apesar de possuir voz de comando, os oficiais quando recém-formado da escola, não possuem a experiência da prática cotidiana de um operador.

Frente à resistência de alguns oficiais em captar o melhor *modo operandis* dos seus operadores, cria-se um clima de contradição e constrangimentos no cotidiano de trabalho. Quando o instrutor impõe as prescrições sob a forma de ordem, o operador se vê em sofrimento, traduzindo o que apresentamos como uma atividade impedida (CLOT, 2006). O trabalhador experimenta o medo das consequências sob os resultados da ação, e a ameaça de punição por parte do superior. Como já sabemos os sentimentos de medo, impotência, amputação da inteligência e da criatividade, levam o trabalhador a um estado de adoecimento advindo do sofrimento (DEJOURS, 1992).

Outro fato que podemos apontar como fonte de sofrimento para os militares são as estratégias de progressão da carreira. Muitos profissionais sentem que as diferenças nas formas de ingresso no militarismo geram desigualdades salariais que se perpetuam com efeitos irreparáveis para o todo da carreira.

Na tentativa de aumentar a renda familiar alguns militares da corporação enfrentam a dupla jornada de trabalho, o que afeta o espaço da vida em família e o tempo de lazer. Essa alternativa acaba sendo mais um fator deletério ao profissional, posto que esse estilo de vida promove um gradual comprometimento da saúde.

Quanto às estratégias de defesa do sofrimento verificamos que os bombeiros militares tentam tornarem-se menos afetados pelos impactos emocionais correlatos às tragédias que assistem no cotidiano de trabalho. Contudo, não foi sinalizada a existência de um espaço coletivo, onde os trabalhadores, a partir do compartilhamento possam minimizar os efeitos das vivências de sofrimento.

Assim, a partir dos resultados confirma-se o pressuposto deste estudo ao concluirmos que, embora os bombeiros militares estabeleçam correlações da relação trabalho e saúde, a categoria ainda não possui dispositivos coletivos para minimizar os efeitos deletérios.

Recomendamos que para a maior compreensão da relação trabalho e saúde na categoria dos bombeiros militares, que outras pesquisas sejam realizadas em momentos de menor impacto político para a classe, com a proposta de verificar se os fatores aqui apresentados persistem nos cenários isentos de movimentos reivindicatórios.

Todavia, diante da observação de que a atividade do bombeiro militar é constituída pelo conjunto composto da prática do cotidiano, das prescrições e renormatizações, da disciplina, forças hierárquicas e da singularidade dos sujeitos, sugerimos que as estratégias para a saúde do trabalhador bombeiro militar sejam pautadas nestes fatores. Para que desta forma abra-se um campo de percepção mais real das implicações das atividades na vida destes trabalhadores. Uma abertura que promova visibilidade do trabalho real, capaz de fazer emergir as origens dos processos contraditórios vividos no cotidiano.

Por fim, entendemos que a exploração ampla do tema atividade em correlação ao binômio trabalho e saúde, pode promover melhor compreensão dos determinantes relativos à saúde do trabalhador, como também favorecer, no que remete especificamente à esta profissão, um diálogo mais positivo entre as interfaces econômica e política.

REFERÊNCIAS

ABREU, K.L. de e cols. *Estresse ocupacional e Síndrome de Burnout no exercício profissional da psicologia*. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 22, n. 2, p. 22-29; 2002.

ALVAREZ, D.; TELLES, A. L. *Interface ergonomia-ergologia: uma discussão sobre trabalho prescrito e normas antecedentes*. In: ALVAREZ, D. e cols. (org.). *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro: DP&A. p. 63-90. 2004.

AMARO, A.D. *O socorro em Portugal. Organização formação e cultura de segurança nos corpos de bombeiros no quadro de proteção civil*. [Tese de doutorado] Faculdade de letras – Universidade do Porto, Faculdade de Letras. Portugal: 2010.

AMATO, T.C. e cols. *Trabalho, gênero e saúde mental: uma pesquisa quantitativa e qualitativa entre bombeiros*. Cad. psicol. soc. trab., São Paulo, v. 13, n. 1, 2010.

ARENT, M.; CARRARA, S. *Gênero, sexualidade, corpo e trabalho: Etnografia em um Clube das Mulheres - PSICO*, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 3, p. 254-261, set./dez. 2007.

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo, SP: Boitempo. 2000.

ASSUNÇÃO, Á. A. *Uma contribuição ao debate sobre as relações saúde e trabalho*. Ciênc. saúde coletiva, São Paulo, v. 8, n. 4, 2003.

AZEVEDO C.S.; SÀ, M, NETO, F. *O Indivíduo e mudança nas organizações de saúde: contribuições da Psicossociologia*. Cadernos de Saúde Pública, 18 (1): 235-247, jan-fev; 2002.

_____. C.S. *Sob o domínio da urgência: o trabalho de diretores de hospitais públicos do Rio de Janeiro*. [Tese Doutorado] Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

_____. C. S. *A dimensão imaginária e intersubjetiva das organizações de saúde: implicações para o trabalho gerencial e para a mudança organizacional*. Revista Ciência e Saúde Coletiva, v.15, n.1, p. 977-986, 2010.

BALLONE GJ. *Síndrome de Burnout* In PsiqWeb internet disponível em www.psiqweb.med.br acesso em março de 2011.

BANDEIRA, R.A.M. e cols. *Uma visão da Logística de atendimento à população atingida por desastre natural*. XXV ANPET – Congresso de Pesquisa e Ensino em Transportes. Programa de Engenharia de Transportes – PGT. Instituto Militar de Engenharia – IME. Belo Horizonte, nov. 2011.

BAPTISTA, M. N. et al. *Avaliação de depressão, síndrome de burnout e qualidade de vida em bombeiros*. Psicologia Argumento, Curitiba, v.23, n. 42 p. 47 -54, jul./set. 2005
BARUS-MICHEL, J.; Enriquez E., Lévi A. (Coords). *Dicionário de Psicossociologia*. Climepsi Editores, Lisboa; 2005.

BENDASSOLLI, P.F.; SOBOLL, L.A.P. *Introdução às clínicas do trabalho: aportes teóricos, pressupostos e aplicações*. In: BENDASSOLLI, P.F.; SOBOLL, L.A.P. (Org.). *Clínicas do trabalho*. São Paulo: Atlas, 2011.

BENEVIDES-PEREIRA, A.M. T.; YAMASHITA, D.; TAKAHASHI, R. *E os educadores, como estão?* Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente, v.3, n 3, p.151-170, 2010.

BMRS - *Brigada Militar do Rio Grande do Sul*, acesso em nov. de 2010, <http://www.brigadamilitar.rs.gov.br/bombeiros/hist-mun.html>

BRASIL. *Presidência da República. Estado Maior das Forças armadas A profissão militar*. Caderno de divulgação. Brasília, 1995.

_____. *Ministério da Saúde. Caderno de Atenção Básica Saúde do Trabalhador*. Brasília, 2001.

_____. *Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Defesa Civil. Manual de Desastres Humanos*, 2004.

_____. *Política Nacional de Segurança e Saúde do Trabalhador – Proposta para consulta pública – Versão preliminar para discussão*. Brasília; 2004b.

_____. *Ministério do Trabalho e Emprego. NR 9 - Programa de Prevenção de Riscos Ambientais*. Disponível em: http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812BE914E6012BEF1CA0393B27/nr_09_at.pdf<http://www.guiatrabalhista.com.br/legislacao/nr/nr9.htm>. Acesso em 09 de julho de 2013.

BRANT, L. C.; MINAYO-GOMEZ, C. *A transformação do sofrimento em adoecimento: do nascimento da clínica à psicodinâmica do trabalho*. *Ciência & Saúde Coletiva*. v. 9 n.1. Rio de Janeiro, 2004.

BRITO, J.C.; *O trabalho real* In *Dicionário da educação profissional em saúde/ Isabel Brasil Pereira e Júlio César França Lima*. 2.ed. rev. ampl. - Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.

_____. J.C.; NEVES, M.Y.; OLIVEIRA, S.S., ROTENBERG, L. *Saúde, subjetividade e trabalho: o enfoque clínico e de gênero*. *Rev. bras. saúde ocup.* vol.37, n.126, p. 316-329, 2012.

BRUCK, N. *Mentes Abaladas*. *Revista Emergência*. Proteção Publicação out/nov/2010

CALDEIRAS, D. *Jornal da Liga dos Bombeiros* em 20 de outubro de 2010. In http://www.bombeirosdeportugal.pt/images/edicaopapel/2010/01_Outubro_2010.pdf

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CASTRO, T. C. M.; MERLO, A. R. C. *Reconhecimento e saúde mental na atividade de segurança pública*. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v.42, n.4, p.474-480, out/dez. 2011.

CARDOSO, A. *Influências dos fatores Organizacionais no Estresse de Profissionais Bombeiros*. [Dissertação de Mestrado]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; (2004).

CARRETEIRO, T.C.O.; BARROS, V.A. *Clínicas do trabalho: contribuições da psicossociologia no Brasil*. In P.F. BENDASSOLLI; L. A. SOBOLL (Org.), *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas, 2011.

CBMERJ- *Corpo de Bombeiro Militar do Estado do Rio de Janeiro - Portal*: <http://www.cbmerj.rj.gov.br/> acesso em abril de 2012.

CBMMG- *Corpo de Bombeiros Militares das Minas Gerais. Origem do nome sapador*. <http://bombeiros.mg.gov.br/origem-do-nome-sapador.html>, Acesso em 24 de abril de 2012.

CFAP - Centro de Formação e aperfeiçoamento de Praças do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro – *Apostilha curso 2008 – Legislação do Bombeiro Militar* - http://www.dgei.cbmerj.rj.gov.br/documentos/CFC_AUX_ENF_CFSM_MOT/Apostila_LBM_CFC.pdf

CLOSS, L; ANTONELLO, C.S. *História de vida: suas possibilidades para a investigação de processos de aprendizagem gerencial*. Revista Gestão. Org. Vol. 10, N. 1 p. 105 - 137, jan./abr. 2012.

CLOT, Y. *Clínica do trabalho, clínica do real*. Le journal des psychologues, nº 185, Tradução livre: Kátia Santorum e Suyanna Linhales Barker mars 2001.

_____. *A função psicológica do trabalho*. Tradução Adail Sobral. São Paulo: Vozes, 2006.

_____. *Clínica do trabalho e clínica da atividade*. In: BENDASSOLLI, P.F.; SOBOLL, L.A.P. (Org.). *Clínicas do trabalho. Novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas, 2011.

COSTA, A. C. *Promover a Confiança em Contextos Organizacionais: um imperativo nas práticas de gestão* In Manual de estudos organizacionais. Organizadores: Cunha, Miguel Pina e Rodrigues, Suzana Braga Ed. RH, Lda. Lisboa. 2002

DEJOURS, C. *A loucura do trabalho - Estudos de fisiopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez-Oboré; 1992.

_____. *Psicodinâmica do trabalho. Contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. BETIOL, M.I.S (Coord). Ed. Atlas S.A. São Paulo. 1994.

_____. *Da Psicopatologia à Psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, Brasília; 2004.

_____. *A Banalização da Injustiça Social*. Rio de Janeiro: ed.Fundação Getúlio Vargas; 2006. (7ª. Edição)

_____ e GERNEL, I. *Avaliação do trabalho e reconhecimento*. In: BENDASSOLLI, P.F.; SOBOLL, L.A.P. (Org.). *Clínicas do trabalho. Novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas, 2011.

_____. *Sexualidade e trabalho*. Tradução de Franck Soudant. Paralelo 15, Brasília 2012.

DESLANDES, S.F., GOMES, R. *A pesquisa qualitativa nos serviços de saúde: notas teóricas*. In: Bosi M.L.M, Mercado, F.J (orgs). *Pesquisa Qualitativa nos Serviços de Saúde*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

DINIZ, L.G.S, VEIGA, A.I.M. *Formas de Ver: a Imagem fotográfica como construção social e cultural*. Obtido via internet acesso em junho de 2010. www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-diniz-fotografia.pdf

ECHTERMACHT, E. *Atividade Humana e gestão da saúde no trabalho: Elementos para a reflexão a partir da abordagem ergológica*. *Laborela*, 4. (1), 46-55, 2008.

ENRIQUEZ, E. *Imaginário social, recalçamento e repressão nas organizações*. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 36/37, p. 53-97, jan./jun. 1974.

_____. *A organização em análise*. Petrópolis: Vozes. 1997.

_____. *Vida psíquica e organização*. In: MOTTA F.; FREITAS M.E. (ORGS) *Vida psíquica e organização*. São Paulo: Editora FGV. 2000.

FANTÁSTICO <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL691915-15605,00.html> exibido 26.11.202

FRANCO, M.H.P. *Mentes Abaladas*. *Revista Emergência* out/nov/2010 – Proteção Publicação

FREITAS, M.E. *Contexto social e imaginário organizacional moderno*. *Rev. de Administração de Empresas*. Abri. /Jun. 2000. São Paulo, v. 40. N.2. p. 6-15.

FREITAS, M. E. *Cultura organizacional: identidade, sedução e carisma?* – 5ª. Ed. – Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2006.

FRUTOS, F.P.P. *Vivenciando o bem estar, enfrentando o sofrimento: Estudo da representação social do bombeiro sobre o significado de seu trabalho*. [Dissertação de Mestrado] – Universidade Estadual de Londrina e da Universidade Estadual de Maringá – Londrina: 2007.

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

GLINA, D.M.R; ROCHA L.E. *Saúde mental no trabalho: desafios e soluções*. In: Glina DMR, Rocha LE. *Prevenção visando à saúde mental no trabalho*. São Paulo: VK. p. 53- 82. ; 2000.

GOMES, R.; MALAQUIAS, J.V., MINAYO, M.C.S.; SILVA, C.F.; SOUZA, E.R. *Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da*

triangulação. In Assis SG, Minayo MCS, Souza ERA(orgs). Avaliação por Triangulação de Métodos Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, p. 185– 221; 2005.

GROULX, Lionel-Henri. *Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social*. In A pesquisa qualitativa – Enfoques epistemológicos e metodológicos. Poupart e cols. Tradução de Ana Cristina Nasser – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GUIMARÃES, L.A.M, Grubits S. *Série Saúde Mental e Trabalho*. V.1. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2000.

HALPEN, E.E.; FERREIRA, S.M.B; SILVA FILHO, J.F. *Os efeitos das situações de trabalho na construção do alcoolismo de pacientes militares da Marinha do Brasil*. Cad Psicol Soc Trab. 2008;11(2):273-86.

HIRIGOYEN, M.F. *Assédio Moral: a violência perversa do cotidiano*. Tradução de Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística <http://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=CD79&sv=58&t=populacao-dos-municipios-das-capitais-populacao-presente-e-residente> link acesso em 23 de julho de 2012.

IBOPE Inteligência - *Índice de Confiança Social* http://www4.ibope.com.br/download/relatorio_ics_set.pdf acesso em agosto de 2012.
JACKSON FILHO, J.M. *Desenho do trabalho e patologia organizacional: um estudo de caso no serviço público*. Ver. Produção, 14 (3): 58-66; 2004JB, Jornal do Brasil. Rio de Janeiro tem o maior efetivo. Rio de Janeiro 16 jun. 2011. <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2011/06/15/rio-de-janeiro-tem-o-maior-efetivo-de-bombeiros-do-brasil/> acessado em julho de 2012.

JOANES, E. F. *Tomada de decisão e desempenhos dos bombeiros profissionais: ocorrências em incêndios urbanos e acidentes de viação*. Revista Alto Risco. Março 2012 pag. 29.

JORNAL O GLOBO. *Os heróis anônimos do desabamento no Centro do Rio*-26/01/2012.

KOSSOY, B. *Fotografia & História*; 21 ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial; 2001.

LAGO, K.; CODO, W. *Fadiga por Compaixão: o sofrimento dos profissionais em saúde*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LBM, *Legislação do Bombeiro Militar do Estado do Rio de Janeiro* Lei nº 880, de 25 de julho de 1985

LEITE, N.M.B. *Síndrome de Burnout e relações sociais no trabalho um estudo com professores da educação básica*. [Dissertação de mestrado] – UNB/ Brasília - DF, 2007.

LEMOS, C.G. et al. *Referenciais de carreira e identidade profissional em estudantes universitários*. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 27, n. 2, June 2007.

- LIMA, M. E.A. *Dependência química e trabalho: uso funcional e disfuncional de drogas nos contextos laborais* Rev. bras. Saúde ocup, São Paulo, 35 (122): 260-268, 2010.
- LHUILIER, D. *Trabalho*. In Dicionário de Psicossociologia. Baruns-Michel e Cols (Coord) Climeps Editores. Lisboa. 2005.
- _____. Filiações teóricas da clínicas do trabalho in *Introdução às clínicas do trabalho: aportes teóricos, pressupostos e aplicações*. BENDASSOLLI, P.F.; SOBOLL, L.A.P. (Org.). Clínicas do trabalho. São Paulo: Atlas, 2011.
- _____. *A invisibilidade do trabalho real e a opacidade das relações trabalho-saúde*. Trabalho & Educação, Belo Horizonte, v. 21m n. 1, p. 13-38, jan/abr.2012
- MACHADO, F.P. *Vida Alheia e Riqueza Salvar: um novo olhar sobre a dependência química no Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro* – Revista Eficaz Maringá-PR - Revista científica online z ISSN 2178-0552, Ano 2011 – <http://www.institutoeficaz.com.br/revistacientifica/wpcontent/uploads/2011/02/F%C3%A1tima-Machado.pdf>
- MARTINS, J.S. *Sociologia da fotografia e da imagem*. 1ª. ed. – São Paulo: Contexto; 2009.
- MARTINS, P.P.S, *Atendimento pré-hospitalar: atribuição e responsabilidade de quem? Uma reflexão crítica a partir do serviço de Corpo de Bombeiros e das políticas de saúde para o Brasil à luz da filosofia da práxis*. [Dissertação Mestrado] - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis –SC. 2004.
- MASLACH, C.; SCHAUFELI, W.B.; LEITER, M.P. - *Jobs burnout*. Annu Rev. Psychol 52: 397-422, 2001.
- MATTOS, A., - *Revista Oficial do Corpo de Bombeiros Militares do Estado do Rio de Janeiro* - Ano VII - Julho de 2006.
- MAURENTE, V.; TITTONI, J. *Imagens como estratégia metodológica em pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis*. Psicologia & Sociedade, 19 (3): 33-38; 2007.
- MENDES, A.M. *Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours*. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 15, n. 1-3, 1995
- _____, TAMAYO, A. *Valores organizacionais e prazer-sofrimento no trabalho* - Psico- USF. 6 (1): 39-46, jan - jun ;2001.
- MENEZES, J.M. *O Corpo de Bombeiros no Pará* - 2ª. Ed. 2007 - http://issuu.com/fernandosette/docs/livro_bombeiro
- MERLO, A.R.C.; LAPIS, N.L. *A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: reflexões na interface da psicodinâmica do trabalho e da sociologia do trabalho*. Psicologia & Sociedade; 19 (1): 61 -68, jan/abr; 2007.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 3. ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec; 1994.

_____ (Org.) *Pesquisa Social Teoria método e criatividade*. Deslandes SF, Neto OC, Gomes, Romeu. Petrópolis: Edição editora Vozes; 1996.

MONTEIRO, J. K.; MAUS, D.; MACHADO, F. R.; PESENTI, C.; BOTTEGA, D.; CARNIEL, L. B. *Bombeiros: um olhar sobre a qualidade de vida no trabalho*. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27 (3): 554-565, 2007.

MOLINER, P. *Psicodinâmica do trabalho e relações sociais de sexo: um itinerário interdisciplinar*. 1988 – 2002. *Revista Produção*, 14(3), 14-26 (2004).

MURTA, S.G.I.; TROCCOLI, B.T. *Stress ocupacional em bombeiros: efeitos de intervenção baseada em avaliação de necessidades*. *Estud. psicol.*, Campinas, v. 24, n. 1, Mar. 2007.

NATIVIDADE, M. R.; BRASIL, V. *A escolha profissional entre os Bombeiros Militares*. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 7 (1): 37-43, 2006

NATIVIDADE, M.R.; *Vidas em risco: A identidade profissional dos bombeiros militares*. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 21 n. 3 p. 411 – 420, 2009.

NETO, E. M. *Apostila de ergonomia*.

http://www.ergonomianotrabalho.com.br/artigos/Apostila_de_Ergonomia_2.pdf acesso em 15 de abril de 2012.

NEVES, R.C. *Imagem Empresarial*. Rio de Janeiro: M AUAD,1998.

NICOLACI, A.M.C. *O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS)*. *Psicol. Reflex. Crit.* vol.20, n.1, p. 65-73.2007.

OLIVEIRA, M.H.B, VASCONCELOS, L.C.F, In *Direitos Humanos e Saúde no Trabalho*. *Saúde e Direitos Humanos – 4 (4): 2007*.

OIT, Organização Internacional do Trabalho. *Introductory Report: Decent Work – Safe Work*. XVII World Congress on Safety and Health at Work, Orlando, USA; 2005.

OIT, Organização Internacional do Trabalho. *Occupational Safety and Health Country Profiles*. Geneva: International Labour Office; 2006.

GOVERNO DA PARAÍBA. *Prevenção do uso de álcool do Corpo de Bombeiro da Paraíba* In <http://www.paraiba.pb.gov.br/54637/corpo-de-bombeiros-inicia-campanha-de-combate-ao-alcoolismo.html> acesso em dezembro de 2012.

RIBEIRO, I. *Mentes Abaladas* – *Revista Emergência, Proteção*. Publicação. out/nov/2011.

ROCHA, C. *A necessidade de incentivos para os bombeiros voluntários*. Consultoria Legislativa. Centro de Documentação e informação, 2009.

ROCHA, R.L.O.; ATHERINO, C.C.T.; FROTA, S.M.M.C. *Audiometria de altas frequências em bombeiros militares com audiometria normal expostos ao ruído*. *Braz. j. otorhinolaryngol.* (Impr.), São Paulo, v. 76, n. 6, Dec. 2010.

RODRIGUES, P.F.; ALVARO, A.L.T.; RONDINA, R. *Sufrimento no trabalho na visão de Dejours*. Revista Científica Eletrônica de Psicologia. Ano. IV – n.7 – novembro 2006.

RONZANI, T.M et al. *Estratégias de rastreamento e intervenções breves para problemas relacionados ao abuso de álcool entre bombeiros*. Estud. psicol. (Natal), Natal, v. 12, n. 3, Dec. 2007.

R7 – 24/01/2012 – *Bombeiro herói salva bebê*

SANTOS, E. F. *Comportamento – Corpo de Bombeiro* – Revista Criativa. Ed. 244 agosto 2009.

SANTOS, Cristiano da Costa. *O Equipamento dos Bombeiros Portugueses: Bombeiros Portugueses, seis séculos de história, 1395-1995*, Serviço Nacional de Bombeiros, Liga dos Bombeiros Portugueses, Vol. I, Lisboa, 1995.

SANTOS, M. *Análise psicológica do trabalho: dos conceitos aos métodos*. Laboreal, Porto, vol. II, n. 1, p. 34-41, 2006.

SCANDELLA, F. *Firefighters: feeling the heat* – European Trade Union Institute, 2012.

SCHMIDT, M.L.G, FISCHER, F.M. *Uma perspectiva sócio dramática sobre os determinantes da saúde no trabalho*. Acesso em abril de 2010. http://febrap.org.br/biblioteca/biblio_artigos.php?txt=txt_000_109.php&tipo_busca=geral

SCHRAIBER, L. B. *Pesquisa qualitativa em saúde: reflexões metodológicas do relato oral e produção de narrativas em estudos sobre a profissão médica*. Cadernos de Saúde Pública, 29 (1): 63-74, 1995.

SCHRAIBER, L. B. *O médico e suas interações a crise dos vínculos de confiança*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild. 2008

SCHWARTZ. *Trabalho e Uso de Si*. Pro-posições – vol 1 nº 5 (35) Julho 2000.

_____. *Disciplina Epistêmica disciplina ergológica: padéia e polítéia*. In: proposições Requadrimstral da Faculdade de Educação Unicamp. V.12 n 1(37) jan-abr. p. 126 -149. 2002

_____. *Seminário Trabalho e Saber*. Belo Horizonte, 12-16 maio 2003.

_____. *Circulações, dramáticas, eficácias da atividade industriosa*. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro v. 2, n. 1, p 33-55, 2004.

_____. *Atividade*. Laboreal, Porto. vol. 1, n. 1, p. 63-64, 2005

_____. & DURRIVE, L. *Trabalho e Ergologia. Conversas sobre a atividade humana*. Niterói: EDUFF, 2ª ed. 2010.

_____. *Manifesto por um ergoengajamento*. In: BENDASSOLLI, P.F.; SOBOLL, L.A.P. (Org.). *Clínicas do trabalho. Novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas, 2011.

- SELIGMANN-SILVA, E. *Saúde mental e automação: a propósito de um estudo de caso no setor ferroviário*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1994.
- SELYE, H. *Stress: a tensão da vida*. Trad. Frederico Branco. São Paulo: IBRASA, 1959
- SIQUEIRA, A.J.; THEODORO, J.B. *Estudo do Programa Bombeiro Comunitário – Academia de Polícia do Guatupê – PR 2009-<http://pt.scribd.com/doc/76743974/Monografia-CFO-CBPMPR-2009-Estudo-do-Programa-Bombeiro-Comunitario>*
- SILVA, N.F da. *Fatores que intervêm no planejamento de recursos humanos do 4º Batalhão de bombeiro militar de Minas Gerais*. [Monografia para obtenção do título de Especialista em Gestão de Serviços de Bombeiros Florianópolis; 2007.
- SILVA, F.M. *Assistência aos pacientes em crise em um centro de Referência em saúde mental de Belo Horizonte*. [Dissertação de Mestrado] Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, 2009.
- SOUSA, M.N.C; FIORINI, A.C.; GUZMAN, M.B. *Incômodo causado pelo ruído a uma população de bombeiros*. Rev. soc. bras. fonoaudiol., São Paulo, v. 14, n. 4, 2009.
- SOUZA, K.M.O.; FERREIRA, S.D. *Assistência humanizada em UTI neonatal: os sentidos e as limitações identificadas pelos profissionais de saúde*. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 15, (2) mar; 2010.
- SPODE, C.B. *Ofício de Oficial: trabalho, subjetividade e saúde mental na polícia militar*. [Dissertação de mestrado] Porto Alegre; 2004.
- TOASSI, A.J. *Heróis de fumaça: Um estudo sobre os sentidos do trabalho para profissionais bombeiros*. [Dissertação de Mestrado] – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – SC. 2008.
- TOLFO, S.R.; PICCININI, V. *Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros*. Psicol. Soc. 2007, vol.19, p. 38-46.
- TRIVIÑOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Editora Atlas, 1987.
- VAISSMAN, M. *Alcoolismo no trabalho*. Rio de Janeiro: Garamond/Editora Fiocruz, 2004.
- VASCONCELOS, A, FARIA, J.H. *Saúde mental no trabalho: contradições e limites*. Psicol. Soc. v. 20, n.3, p.453-464; 2008.
- VELOSO, A. *Ecologia Espiritual: uma história de Corpo de Bombeiros: Homenagem ao Sesquicentenário do Corpo de Bombeiro no Brasil*. Editores J. Julio A. – São Paulo: Atheneu Cultura; 2007.
- VELLOSO, M. P.; VALADARES, J.C.; SANTOS, E. M. *A coleta de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro: um estudo de caso baseado na percepção do trabalhador*. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 1998.

VIEIRA JÚNIOR, P.R.; SANTOS, E.H. *A gênese da perspectiva ergológica: Cenário de conceitos derivados*. Trabalho & Educação, Belo Horizonte, v.21, n.1, p.83-100, jan./abr. 2012.

WISNER, ALAIN. *A inteligência no trabalho: textos selecionados de Ergonomia*. São Paulo: Fundacentro, 1994.

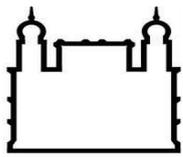
WOLOSZYN, A.L. *Análise - A greve nas polícias militares: Evolução e Perspectivas*. Exclusivo DefesaNet
<http://www.defesanet.com.br/mout/noticia/4321/ANALISE---A-GREVE--NAS--POLICIAS-MILITARES---Evolucao-e--Perspectivas>. Acesso em agosto de 2012.

ZALUAR, A.; CONCEIÇÃO, I. S. *Favelas sob o controle das milícias no Rio de Janeiro: que paz?* São Paulo em Perspectiva, São Paulo, Fundação Seade, v. 21, n. 2, p. 89-101, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>>; <<http://www.scielo.br>>.

ANEXOS

Roteiro para a entrevista temática

- 1 - O que esta imagem lhe faz pensar sobre sua vida e sobre seu trabalho?
- 2 - Você já vivenciou uma situação semelhante? De que forma você realizou a tarefa e quais dificuldades foram encontradas?
- 3 - Na sua opinião como os bombeiros militares são vistos pela sociedade?
- 4 - Como começou a sua história de ser bombeiro?
- 5 - Enquanto bombeiro militar como você vê a sua profissão?
- 6- O que você acha que deveria ser feito para melhorar as suas condições de trabalho?
- 7 - Você considera que o tipo de atividade pode afetar a sua saúde?



FIOCRUZ

Ministério da Saúde

FIOCRUZ -Fundação Oswaldo Cruz

Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
SERGIO AROUCA
ENSP

Questionário

Dados Pessoais

Idade: _____

Estado Civil: _____

Número de filhos: _____

Bairro de Residência: _____ própria Sim Não

Escolaridade: _____ Formação _____

Renda familiar: () de um até três mil reais () de quatro até seis mil reais

() de sete até nove mil reais acima de 10 mil reais

Tempo

Dados Profissionais

Tempo de Profissão _____ Patente: _____

Registro acidente de trabalho () Sim () Não

Registro de afastamento longo por licença médica () Sim () Não

Motivo _____ Tempo de afastamento _____

Dados sobre saúde

Possui alguma doença crônica () Sim () Não

Diabetes () Hipertensão () problemas cardíaco problemas osteomusculares

depressão outros _____



Ministério da Saúde

FIOCRUZ -Fundação Oswaldo Cruz

Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa sobre a atividade dos Bombeiros Militares – na dinâmica trabalho e saúde.

A seleção é voluntária, portanto e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

O objetivo deste estudo é analisar a dinâmica trabalho e saúde na atividade dos bombeiros militares. Você tem o direito de pedir outros esclarecimentos antes e durante o desenvolvimento da pesquisa.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder um questionário e participar de uma entrevista semiaberta. Será garantido o sigilo que assegure a sua privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, cujos resultados serão apresentados em conjunto, não sendo possível identificar os indivíduos que dela participam. As pessoas, por acaso, referidas durante a entrevista também terão suas identidades mantidas em sigilo. As entrevistas serão gravadas, com a autorização dos profissionais, estudadas, e posteriormente, será realizada a transcrição das mesmas. Os dados coletados na pesquisa servirão para a elaboração da tese de doutorado, bem como para a produção de artigos técnico-científicos e de trabalhos a serem apresentados em mesas redondas, congressos, entre outros, com vistas a maior divulgação dos resultados.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço institucional do pesquisador principal e do CEP, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Eu _____ concordo em participar voluntariamente desta pesquisa. Declaro que li e entendi todas as informações referentes a este estudo e que todas as minhas perguntas foram adequadamente respondidas pela responsável da pesquisa.

(Nome do entrevistado) (assinatura) (Data)

(Nome do Pesquisador) (assinatura) (Data)

Kátia M^a O Souza

Responsável da Pesquisa: Kátia Maria Oliveira de Souza

Tels.:2544-1794/ 88211585

Comitê de Ética em Pesquisa ENSP/FIOCRUZ - Tel. 2598-2863